

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós Graduação em Psicologia

Renata Craviée Fonseca Mendonça

O FEMININO E O AMOR: alguns apontamentos sobre o laço amoroso na contemporaneidade

Belo Horizonte

2013

Renata Craviée Fonseca Mendonça

O FEMININO E O AMOR: alguns apontamentos sobre o laço amoroso na contemporaneidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Dra. Cristina Moreira Marcos

Belo Horizonte

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M539f Mendonça, Renata Craviée Fonseca
O feminino e o amor: alguns apontamentos sobre o laço amoroso na contemporaneidade / Renata Craviée Fonseca Mendonça. Belo Horizonte, 2013. 113f.: il.

Orientadora: Cristina Moreira Marcos
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Mulheres - Psicologia. 2. Amor. 3. Feminilidade. I. Marcos, Cristina Moreira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 159.9-055.2

Renata Craviée Fonseca Mendonça

O FEMININO E O AMOR: alguns apontamentos sobre o laço amoroso na contemporaneidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Dra. Cristina Moreira Marcos (Orientadora)- PUC Minas

Dra. Carla de Abreu Machado Derzi- PUC Minas

Dra. Cristiane de Freitas Cunha-UFMG

Belo Horizonte, 15 de março de 2013.

À minha mãe, por tudo que me ensina sobre o amor.

Ao meu pai amado, uma ausência presente....

Ao Igor, meu amor e companheiro de toda uma vida.

Em especial ao Enzo, nosso filhinho amado que esperamos ansiosos.

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente:

À professora Dra. Cristina Moreira Marcos, pela orientação, aprendizado, apoio e escuta em todo este percurso de pesquisa.

À professora Dra. Ilka Franco Ferrari, pelas importantes considerações, que muito contribuíram para a construção desta pesquisa, e por sua participação na banca examinadora do exame de qualificação.

À professora Dra. Cristiane de Freitas, pelas relevantes contribuições e por sua participação na banca examinadora deste trabalho.

À professora Dra. Carla de Abreu Machado Derzi por sua leitura atenta da dissertação e por sua participação na banca examinadora.

Aos meus colegas, por toda a troca de experiências.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta construção.

Especialmente para nosso filhinho Enzo que esteve comigo em meu ventre se desenvolvendo a cada dia durante toda a realização do mestrado e trazendo para mim a alegria da maternidade, desse feminino despertado..... Dedico o meu amor!

Amor será dar de presente um ao outro a própria solidão? Pois é a coisa mais sublime que se pode dar de si. (LISPECTOR, 1998).

RESUMO

Esta dissertação aborda, à luz da psicanálise freudiana e lacaniana, o conceito de feminino a partir de suas relações com o amor. Abordamos o tema em Freud a partir da discussão acerca da sexualidade bifásica, da escolha do objeto sexual, da descoberta da sexualidade infantil e do Complexo de Édipo, os quais nos conduziram para a constituição da sexualidade feminina propriamente dita. Nesse percurso, constatamos que a lógica feminina freudiana é uma lógica fálica e o “querer ser amada” mostra-se absolutamente essencial para as mulheres. O que significa que transformam o amor, algo da ordem da contingência, em uma necessidade. Em Lacan, abordamos o tema do feminino a partir dos conceitos inéditos do “não-toda” e do Outro gozo, buscando a compreensão acerca dos modos de arranjo muito particulares dos sujeitos femininos diante do Outro do amor. Tais questões são elaboradas no intuito de pensarmos sobre os novos arranjos contemporâneos acerca do amor. Para isso, abordamos dois casos clínicos que evidenciam um campo de embaraços e sofrimento de sujeitos em suas tentativas de enlaçamento amoroso. Ressaltamos que todo o percurso realizado teve como intuito pensar a relação privilegiada dos sujeitos femininos com o amor, ou seja, o lugar do amor para estes, sobretudo suas declinações na contemporaneidade.

Palavras-chave: Feminino.Amor.Vertente fálica.Outro gozo.Contemporaneidade.

ABSTRACT

This paper discusses, in the light of Freudian and Lacanian notion of the feminine from its relationship with love. Approach the subject in Freud from the discussion about sexuality biphasic, the choice of sexual object, the discovery of infantile sexuality and the Oedipus complex, which led us to the constitution of female sexuality itself. Along the way, we found that female logic is a Freudian phallic logic and "wanting to be loved" shows up absolutely essential for women. What does that make love, something on the order of contingency, a necessity. In Lacan, the feminine approach the subject from the novel concepts of "not-all" and the Other's enjoyment, seeking understanding of the modes of very particular arrangement of female subjects on the Other Love. These issues are elaborated in order to think about new contemporary arrangements about love. For this, we discuss two cases that highlight a field of embarrassment and suffering of individuals in their attempts to intertwining love. We emphasize that the entire route taken aim was to consider the privileged relationship of female subjects with love, or the love for this place, especially its declinations nowadays.

Keywords:Female. Amor.Phallicaspect.Anotherenjoyment.Contemporaneity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O ÉDIPO FEMININO E O AMOR EM FREUD.....	15
2.1 A Sexualidade Bifásica: a escolha sexual em dois tempos	15
2.1.1 <i>Escolha do Objeto Sexual: o campo pulsional</i>	17
2.1.2 <i>Encontro com a histeria</i>	18
2.2 A descoberta da sexualidade infantil e a fase fálica	20
2.3 O Pré-Édipo e o Édipo Feminino: Uma Construção	23
2.4 O Narcisismo: Uma escolha sexual feminina?	30
2.4.1 <i>O “Querer ser amada” e a Escolha de Objeto</i>	30
2.4.2 <i>Romance familiar: Uma Versão Infantil do Amor</i>	32
2.4.3 <i>Contribuições à Psicologia da Vida Amorosa: Do Amor ao Gozo</i>	34
2.5 Considerações Finais	39
3 O FEMININO E O AMOR EM LACAN	43
3.1 “Amar é dar o que não se tem”	47
3.1.1 <i>Amor como dom</i>	47
3.1.2 <i>“Erástes” e “Erômenos”: Em direção ao amor simbólico?</i>	52
3.1.3 <i>O amor depois do objeto “a”</i>	61
3.2 O Amor Feminino: uma Forma Erotomaníaca	66
3.3 O Gozo Feminino e o Amor	74
3.4 Considerações Finais	80
4 O AMOR NA CONTEMPORANEIDADE.....	83
4.1 Os Nós do Amor	86
4.2 Discussão dos Casos Clínicos	90
4.2.1 <i>Caso Ana</i>	90
4.2.2 <i>Caso Pedro</i>	96
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	108

1 INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação repousa na questão do feminino, isto é, na posição subjetiva feminina em suas relações com o amor. Veremos que a abordagem deste tema, à luz da Psicanálise, se esclarece, sobretudo, a partir dos estudos de Freud e Lacan. O primeiro enfatizou a subjetivação da dimensão de falta atestada pela anatomia feminina, o que conduz as mulheres a um anseio pelo amor. Já o segundo desenvolveu a lógica do não-todo fálico para a investigação do feminino.

Importante situar que o desejo de realização desta pesquisa foi suscitado a partir da prática clínica realizada em consultório particular desde o ano de 2003, a partir da qual tem sido possível a escuta de pacientes que trazem à análise as questões do amor e do feminino como centrais.

O primeiro capítulo da tese foi dedicado à teoria de Freud, que, ao longo de seu desenvolvimento, aborda a temática da sexualidade a partir da descoberta da diferença sexual pela criança que para a menina a levará a subjetivar a dimensão de falta, da ausência fálica inscrita em seu corpo. Esse processo é descrito através do Complexo de Édipo, no qual a vinculação da menina à sua mãe será especialmente considerada. Tendo, contudo, na relação com o pai um deslizamento necessário para que então a menina possa entrar verdadeiramente no Édipo e deslizar posteriormente para o encontro do amor de um homem.

Importante destacar que a versão do amor como algo estrutural para as meninas é devido à especial relação que estabelecem com o amor que provém do Outro. Freud demonstra que, diante da ausência fálica constatada em seu corpo, a menina se volta para a busca do amor como uma tentativa de compensação da ferida narcísica causada pela descoberta do feminino. O que equivale a dizer que, diante da ausência fálica, há um apelo ao amor. No menino, veremos que o temor à castração é o que põe fim ao Édipo. Na menina, esse temor está ausente, embora haja o medo da perda do amor.

A partir do ensino freudiano, especialmente com o advento de seu trabalho “Os Três Ensaios da Teoria da Sexualidade” de 1905, surge a questão da desnaturalização da sexualidade, uma vez que o campo pulsional é banhado pela linguagem, pelo universo discursivo do qual fazem parte os sujeitos falantes, o que marca em definitivo o campo do amor como caracterizado por um desencontro estrutural entre o sujeito e o Outro. Assim, temos ressaltada a importância da escuta clínica dos sujeitos com o intuito de verificarmos os diferentes arranjos ou modos de tratamento para essa dissimetria radical que inaugura o campo amoroso.

Apesar disso, a lógica freudiana de entendimento acerca da questão do feminino, essa lógica fálica, nos permitiu perceber que os sujeitos com anatomias masculinas ou femininas são, na realidade, convocados a se haverem com seus corpos, isto é, a elaborarem acerca de sua realidade sexual e assim se constituírem em “homens” ou “mulheres”.

É nesta direção que Freud destaca que as diferenças sexuais anatômicas encontram expressão em consequências psíquicas. Sendo a anatomia feminina, muitas vezes, responsável pelo surgimento de um sentimento de inferioridade e do medo da perda do amor na menina e futura mulher. Percorrendo, portanto, o ensino de Freud, verificamos toda a complexidade envolvida no percurso de constituição da sexualidade feminina: de menina à mulher.

O desejo pelo “falo” constitui, assim, o próprio desejo feminino buscado em uma tentativa de compensação à sua ferida narcísica e encontrado, muitas vezes, através do amor de um homem e do desejo pelo filho, ou seja, através da maternidade. A insatisfação, contudo, que advém desta busca, produz variados efeitos nas subjetividades femininas e, conseqüentemente, em suas relações ao amor.

Apesar da importância e pertinência das descobertas freudianas, vemos que o tema do feminino em suas relações com o amor conduz a um campo marcado por lacunas e frestas, que nos impulsionou para o encontro de novas significações. É o próprio Freud que chega ao limite de suas elaborações em relação ao feminino:

Certamente está incompleto e fragmentário, e nem sempre parece agradável. Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. É verdade que essa influência se estende muito longe; não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos. Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes. (FREUD, 1932/1996, p.165).

Diante do exposto, optamos por investigar a relação entre o feminino e o amor na contemporaneidade, a partir da hipótese da importante função do amor para os sujeitos femininos, apesar das inúmeras mudanças sociais, culturais e afetivas atuais. Dessa forma, enveredamos pelos ensinamentos freudiano e lacaniano, afim de recolhermos as importantes contribuições destes autores acerca de nossa temática. Assim, consideramos fundamental nos lançarmos em algumas discussões sociológicas mais atuais, bem como na própria prática clínica para pensarmos sobre os arranjos atuais para as questões do amor.

Nossa investigação estabeleceu como objetivos específicos a investigação da relação entre o Édipo feminino e o amor em Freud, a relação entre o feminino e o amor em Lacan,

bem como os diferentes arranjos amorosos atuais na contemporaneidade que foram interrogados segundo os autores e a partir da discussão de dois casos clínicos.

A teoria do narcisismo de Freud trouxe importantes contribuições para o nosso entendimento sobre o feminino, na medida em que expressa a fase intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal, ou seja, expressa a abertura dos sujeitos ao amor. Verificamos que a condição feminina é marcada pelo desejo de “ser amada”, o que significa que esta dimensão guarda maior importância do que amar. O amor é transformado da contingência à necessidade. As mulheres buscam ativamente alcançar a posição de “serem amadas”.

O que verificamos é justamente a complexidade e delicadeza que envolve o processo de constituição da sexualidade feminina, do “tornar-se mulher”, sendo a partir da relação com o Outro que a menina pode aceder ao amor. É através de decepções e frustrações à sua demanda pelo “falo” que ela então pode buscar o Outro do amor.

O amor aparece, portanto, como uma tentativa de compensação ou resposta aos enigmas e mal estar do feminino na expectativa de elaboração da ausência fálica, marcada pelo imaginário da falta. Deduzimos daí que os sujeitos femininos são levados a encontrar um modo particular de lidar com a falta e conseqüentemente com o amor.

A despeito destas proposições, observamos que são muitos e variados os efeitos nas subjetividades femininas diante da insatisfação encontrada no campo do amor, pois, apesar de um intenso anseio nesta direção, o amor não cumpre a sua promessa. O que elas encontram é justamente a falta. A tentativa de anular a dimensão da falta leva aos constantes impasses e sofrimentos ocasionados por uma demanda infinita e desmedida de amor que comumente tem provocado a devastação amorosa ou a própria impossibilidade do amor.

A metodologia utilizada na investigação foi a da pesquisa teórica de cunho bibliográfico e a construção de dois casos clínicos à luz da psicanálise, tendo como principal questão a posição subjetiva feminina em suas relações ao amor. Importante destacar que a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

Considerando as lacunas deixadas pelo ensino freudiano em relação à temática, por abordá-la apenas sobre uma ótica fálica, avançamos a pesquisa traçando um percurso da teoria de Lacan, na qual a lógica do “não-todo” fálico, do gozo feminino, é abordada pelo autor de modo inédito, bem como suas incidências nas subjetividades e no amor.

Desse modo, o segundo capítulo desta dissertação é dedicado à construção do percurso histórico lacaniano em relação ao tema do feminino, a partir do qual verificamos, inicialmente por volta de 1958, a ideia de que haveria uma coincidência entre amor e desejo localizados no

mesmo objeto, na medida em que os sujeitos femininos encontrariam o significante do seu desejo no corpo daquele a quem dirigissem a sua demanda de amor. Posteriormente, de 1958-60, Lacan anuncia uma relação mais complexa da mulher ao falo, pois é a partir da posição de “ser o falo”, da mascarada feminina, que a mulher pode se inserir na relação sexual, única saída possível para se inscrever no amor.

Veremos, contudo, que somente por volta de 1973 com seus trabalhos “O Aturdido” (1972/ 1998) e o “Seminário XX: Mais, Ainda”(1972-1973/2008)é que surge a dimensão da mulher como desdobrável entre a dimensão fálica e essa outra dimensão de um mais além significante, do “não-todo” fálico, isto é, da aproximação da mulher ao registro real.

A fórmula lacaniana do amor, “Amar é dar o que não se tem” (LACAN, 1960-1961/2010, p.49), é situada em distintos momentos do ensino de Lacan, evidenciando que a lógica fálica é insuficiente para abordar as questões relativas ao amor. Essa fórmula é trabalhada, portanto, como algo que aponta para além, para uma dimensão de ser e que implica na castração. Trata-se da visão do amor como uma relação suportável, temperada de um sexo com o Outro justamente porque amar implica suportar a castração e ofertar ao Outro a própria falta.

Apesar de encontrarmos essa proposição acerca do amor em Lacan, percebemos a necessidade de tratarmos do que é próprio ao modo de amar feminino, o modo erotomaníaco. Assim, dedicamos um item deste trabalho para a compreensão da dimensão do amor em seu caráter de desmedido, de sem limites; que comumente verificamos ser o responsável por conduzir os sujeitos para o estrago ou devastação amorosa ou mesmo para a impossibilidade do amor.

Verificamos, portanto, que surge em Lacan a vertente do amor como um dom, colocado do lado dos sujeitos em posições femininas, isto é, o amor se dirigindo ao que falta no objeto, e a posição feminina podendo ser identificada como essa na qual ela se oferece a si mesma para o Outro do amor, enquanto um ser de falta, contudo o faz com o intuito de receber o amor. Ela se dá em troca do falo simbólico recebido pelo amor do homem por ela. É, deste modo, que ela se entrega ao amor. Amar representa, portanto, o próprio desejo de ser amada.

Este item da dissertação desenvolve, portanto, a ideia do amor como algo que, apesar de ser uma experiência marcada pela falta e pela impossibilidade de completude entre os sexos, é o que oferece a possibilidade de abertura de um sujeito ao Outro, tendo aí um caráter de suplência à inexistência da relação sexual. Deparamo-nos, portanto, com a função de

suplência e de ligação, de laço entre dois sujeitos que gozam e discursam de modos distintos, sendo o amor a possibilidade de algum encontro possível entre essas diferenças.

Se, por um lado, verificamos em Lacan a questão da dissimetria e da inquietude própria do amor, podemos, por outro lado, também extrair a ideia de suplência e de enodamento entre os registros: imaginário, simbólico e real que o mesmo realiza para os sujeitos, sua função borromeana. O modo de amar feminino expresso pelo modo de gozo erotomaniaco traz à tona tanto a dimensão fálica do amor como essa outra lógica: a lógica do não-todo.

O terceiro capítulo da dissertação discute acerca da função do amor para os sujeitos femininos na contemporaneidade. Para isso, considera as transformações sociais e culturais atuais que incidem nos modos diversos de enlaçamento amoroso, apresentando a discussão de dois casos clínicos. Nesta direção, o que se verifica é uma intensa degradação social do campo amoroso, na medida em que nos deparamos com a prevalência de uma sociedade narcisista e individualista, de modo que as relações se apresentam extremamente objetalizadas.

Assim, foi possível concluir que, embora haja intensa desvalorização do amor que surge de modo cada vez mais frouxo, líquido, impossível, o amor ainda é o que permite e favorece a abertura de um sujeito ao Outro, a passagem de um gozo solitário para a construção do laço amoroso com o Outro.

Observamos que a partir das definições trazidas pela psicanálise acerca do feminino nos deparamos com a relação privilegiada, no sentido da importância conferida por estes sujeitos ao amor, contudo a dimensão da clínica, considerada a partir da apresentação dos dois casos clínicos, nos conduziram a considerar os diferentes arranjos e modos de tratamento desses sujeitos à dimensão amorosa. Assim, o amor aparece com funções distintas para os sujeitos. Enquanto para uns cumpre uma função de enodamento, ou seja, de enlaçamento entre os registros real, simbólico e imaginário e de suplência; para outros, podemos afirmar justamente o fracasso desta tentativa. Muito embora a emergência da devastação amorosa possa também ser considerada como um modo de enlaçamento (enodamento), uma vez que em alguns casos o sujeito se liga ao outro por uma relação devastadora que fornece ao sujeito uma identificação. Veremos posteriormente em Soler (1998) tais proposições.

Ainda no terceiro capítulo, a discussão sobre os nós do amor é desenvolvida a partir das contribuições de uma psicanalista contemporânea, Nieves Soria, acerca dos diferentes modos de enodamento dos sujeitos ao Outro do amor, o que recoloca a discussão acerca da contemporaneidade. A discussão dos dois casos clínicos expressa a importância da pesquisa clínica em psicanálise justamente por favorecer a construção de um saber não apenas sobre a

psicanálise em seus fundamentos teóricos, mas sim a partir da clínica psicanalítica. Segundo Figueiredo (2001), a junção entre teoria e prática só pode ser realizada no exercício permanente da clínica, na qual os pressupostos teóricos que a fundamentam podem ser postos à prova.

Para Nobre (1999, p.41), o saber em jogo na pesquisa em psicanálise é aquele que, da experiência, afeta o pesquisador e que se define, por estrutura, como não-todo. Assim, para que a pesquisa se constitua como algo da ordem de um ato, o pesquisador haverá de esperar deixando-se morder pelas questões que da experiência o atravessam, fazendo-o trabalhar. Movido então pelo não-todo saber que da experiência se produz, ao pesquisador, torna-se possível uma prática. É neste sentido que surge o desejo de investigação da temática do feminino em suas relações com o amor, na medida em que verificamos na clínica muitos embaraços, sofrimento, mas também um grande anseio pelo amor. Dessa forma, a presente pesquisa tem como sua causa a própria clínica.

2 O ÉDIPO FEMININO E O AMOR EM FREUD

2.1 A Sexualidade Bifásica: a escolha sexual em dois tempos

Freud, em seu trabalho “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” de 1905 aponta o papel da primeira infância, ou seja, da vida sexual da criança para a orientação da libido e para o estudo do jogo de influências que domina a sexualidade infantil e, posteriormente, irá resultar na vida sexual futura.

Inicialmente, Freud trata das teorias sexuais infantis, que são tentativas das crianças de entender os enigmas da sexualidade. O primeiro problema que ocupa a curiosidade da criança é: “De onde vêm os bebês?”, trata-se, portanto de uma interrogação dirigida à nossa própria origem. Veremos que estas teorias nos auxiliam na compreensão dos processos de subjetivação infantil acerca do sexual.

Freud (1905/1996) afirma que a existência dos dois sexos é, inicialmente, aceita pela criança sem qualquer hesitação ou rebeldia. No entanto, quando ele nos desvela uma das primeiras teorias infantis – a suposição da existência de uma genitália masculina em todos os seres humanos – fica claro que há um desconhecimento inicial da diferença entre os sexos, ou melhor, uma ignorância acerca do órgão genital feminino.

Em nota acrescentada em 1920, Freud afirma que todas as crianças formam a teoria de que originariamente a mulher também possui um pênis, mas que este fora perdido pela castração. O que nos indica que até mesmo as meninas desconhecem o órgão sexual feminino. O que talvez não possa ser afirmado em relação à falta inscrita no corpo da menina, muito embora esta ainda não seja conhecida como característica da sexualidade feminina.

Freud descreve os momentos necessários à percepção da diferença sexual. Inicialmente, nos “Três Ensaio da Teoria da Sexualidade” de 1905 e, posteriormente, em “A Organização Genital Infantil” de 1923. Define no primeiro trabalho a fase pré-genital, um momento em que as zonas genitais ainda não assumiram seu papel preponderante. Trata-se da fase oral, na qual a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, sendo o alvo sexual a incorporação do objeto. Modelo que posteriormente aparecerá sobre a forma da identificação, ocupando um papel psíquico importante.

Logo depois, Freud (1923/1996) apresenta o estágio da organização pré-genital sádico-anal, no qual não existe ainda a divisão entre o masculino e o feminino. A oposição é colocada entre ativo e passivo. Isto é, nesse primeiro tempo, a criança não atribui a diferença sexual aos órgãos genitais. Confirmando a tese de 1908, o menino desmente (*Verleugnung*) a

falta de pênis na mulher. Aos poucos, chega à conclusão de que a menina possuía um órgão análogo, do qual foi despojada, surgindo assim o medo de que lhe ocorra uma mutilação igual.

Interessante que apesar do percurso de desenvolvimento sexual prosseguir em direção a novos arranjos e contornos, a antítese atividade-passividade já se apresenta, o que nos autoriza a considerá-la pertinente à discussão. Sendo importante questionarmos de que modo podemos pensar a atividade e a passividade nos sujeitos femininos e como tais questões se relacionam ao amor. Questões que serão abordadas quando nossas discussões estiverem mais avançadas.

Já no estágio posterior, da organização genital infantil, vemos que existe a noção de masculinidade, mas não a de feminilidade. Sendo a oposição colocada entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado. Isto é, o feminino aqui é sinônimo da castração. Mas não se trata ainda de um reconhecimento do feminino. Trata-se da oposição castrado e não-castrado. A castração é compreendida como uma punição, só sendo generalizada como característica do sexo feminino com a descoberta de que apenas as mulheres podem dar à luz. O menino deixa, então, de atribuir o pênis à mãe.

Nesta fase, portanto, a emergência do falo se apresenta em toda a sua importância, não havendo o conhecimento acerca da sexualidade feminina. No entanto, a dimensão da castração aparece relacionada ao feminino, embora este último seja desconhecido. Fundamental atentarmos para o fato de que a descoberta do feminino encontra-se, já neste momento, atrelada à maternidade, saída feminina por excelência para Freud, como veremos.

Somente com a puberdade poderemos falar na existência do masculino e do feminino. Freud associa aqui a masculinidade aos fatores de sujeito, atividade e posse do pênis, e feminilidade às questões de objeto e passividade. A vagina, uma vez valorizada como lugar de abrigo para o pênis, ingressa na herança do útero. Aqui aparece a distinção entre sujeito e objeto. São questões importantes, as quais retornaremos em breve demonstrando que sofreram modificações ao longo do ensino freudiano.

Interessante que Freud enfatiza, neste momento, as organizações pré-genitais da libido e o início bifásico do desenvolvimento sexual. E, quando se interessou pelas pesquisas sexuais das crianças, concluiu haver grande aproximação entre o desfecho final da sexualidade na infância e a forma definitiva assumida pelo adulto:

A escolha do objeto tal como mostramos ser característica da fase puberal de desenvolvimento já foi frequente ou habitualmente feita durante os anos da infância, ou seja, a totalidade das correntes sexuais passou a ser dirigida para uma única

pessoa em relação a qual elas buscam alcançar os seus objetivos. (FREUD, 1923/1996, p.157).

Segundo Freud (1905/1996), a ocorrência da escolha de objeto se dá, portanto, em dois tempos, sendo o primeiro iniciado entre dois e cinco anos, retrocedendo e sendo detido pelo período de latência, o que caracteriza a natureza infantil de seus alvos sexuais. O segundo momento sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual.

Cabe ressaltarmos que, neste período, Freud (1923/1996) trata a questão do desenvolvimento da sexualidade em termos das oposições que surgem ao longo do percurso sexual das crianças, no entanto, ainda não havia formulado propriamente as diferenciações entre o Édipo dos meninos e das meninas.

Nos “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” de 1905, Freud sustenta que nas meninas o órgão sexual principal é o clitóris e, desse modo, a sexualidade destas possui caráter inteiramente masculino, sendo necessária a repressão na puberdade para que o clitóris ceda lugar à vagina, isto é, para que ocorra a passagem da masculinidade à feminilidade. O que é retomado em “As Teorias sexuais das Crianças” de 1908, em que tal questão está relacionada à inveja que as meninas possuem do pênis e ao complexo de castração. Podemos então pensar em dois tempos para a construção da sexualidade feminina: um primeiro tempo marcado pela prevalência do falo, fase inteiramente masculina, e um segundo momento, no qual será necessária à menina a elaboração da dimensão de falta atestada por sua anatomia. O que veremos logo em seguida.

2.1.1 Escolha do Objeto Sexual: o campo pulsional

A sexualidade para Freud se manifesta na vida da criança muito precocemente, como vimos, antes mesmo da prevalência fálica, não sendo necessário nem mesmo qualquer estimulação. O desejo sexual voltado ao encontro com o sexo oposto se apresenta muito cedo e a infância constitui o momento de uma primeira escolha em direção ao objeto sexual, sendo a puberdade o momento de reatualização dessa escolha.

Freud nos “Três Ensaio da Teoria da Sexualidade” de 1905, traz o conceito de pulsão enquanto o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente e que, portanto, faz uma exigência de trabalho à vida anímica. Sendo assim, aparece em Freud a emergência do campo pulsional no que toca à sexualidade. Afirma que as manifestações sexuais da infância revelam os traços essenciais das pulsões sexuais, demonstrando como se compõem a partir de diversas fontes.

Em seu artigo “Sobre a Etiologia da Histeria” de 1896, Freud nos aponta a significação da infância para a origem de certos fenômenos dos quais depende a vida sexual. A puberdade constitui exatamente a mudança da pulsão sexual que se apresentava predominantemente auto-erótica, ou seja, independente do mundo externo para o encontro do objeto sexual, que lança o sujeito ao outro. Portanto haveria uma possível abertura à dimensão do amor.

A fim de aprofundarmos a discussão, importa lembrarmos que nesta direção Freud nos lança em um terreno complexo, uma vez que, estando a sexualidade inserida no campo pulsional, estamos eminentemente no campo da linguagem, o que desnaturaliza completamente o campo sexual. Assim, faz sentido afirmarmos que cabe a cada sujeito a construção de sua sexualidade. E com ela a relação com o outro do amor.

Freud parte de um embasamento orgânico das diferenças sexuais anatômicas, em sua tentativa de compreensão da sexualidade, no entanto, a partir do seu conceito de pulsão, surgem novas articulações, uma vez que observa que a anatomia, por si só, não é capaz de responder aos enigmas da sexualidade, sobretudo em relação à sexualidade feminina.

Em “A pulsão e seus destinos”, de 1915, Freud define a pulsão como uma força constante, cuja finalidade é a satisfação, ou seja, a eliminação da estimulação de sua fonte que nada mais é do que a zona erógena. A pulsão tenta alcançar satisfação por meio do objeto, mas não há o objeto específico da pulsão, podendo este ser substituído indefinidamente.

Portanto, no que toca à sexualidade e ao amor nos encontramos no campo pulsional, cujas raízes se fundamentam no amor infantil, ou seja, a partir das primeiras figuras de afeição da criança. O que levou Freud a formulações em relação ao amor em uma esfera de repetição e, portanto, em um campo simbólico.

Questão fundamental à nossa discussão refere-se ao desencontro estrutural entre o campo do sujeito e o campo do outro através da dimensão amorosa, uma vez que, como sabemos, não há o objeto adequado à satisfação da pulsão, cabendo interrogarmos sobre os diferentes modos de tratamento dos sujeitos femininos, relativamente a esse ponto de dissimetria radical que o campo pulsional atesta e as relações amorosas dramatizam.

2.1.2 Encontro com a histeria

Freud, em “Sexualidade Feminina” de 1931, indica como uma das saídas possíveis da menina do Édipo a escolha pelo complexo de masculinidade, marcada por uma condição de

autoafirmação da masculinidade ameaçada, o que aponta para uma recusa da dimensão da falta, um modo de negar a castração. Assim, o autor nos lança na clínica da histeria.

Ao tratar das questões relativas à sexualidade feminina, Freud (1931/1996) se questiona sobre o modo como ocorre o deslizamento da ligação da menina à mãe para a figura do pai: “Como encontra o caminho para o pai? Como, quando e por que se desliga da mãe?” Questão fundamental para que a menina deslize em seu investimento amoroso, o que será imprescindível para alcançar a verdadeira saída feminina.

Sobre a histeria, Freud (1932/1996) reitera sua percepção da existência de uma fase intensa e apaixonada de ligação da menina à sua mãe, cuja duração havia sido grandemente subestimada, e que abrange o mais longo período da primeira eflorescência sexual. Revela toda a importância dessa fase por comportar todas as fixações e repressões a que podemos remontar a origem das neuroses, baseando-nos na universalidade da tese, segundo a qual o Complexo de Édipo constitui o núcleo das neuroses.

Podemos inferir daqui o fato de que, se as neuroses constituem um prejuízo na capacidade de amar dos sujeitos – e tudo parece indicar que da constituição da sexualidade feminina temos como herança a formação das neuroses, sobretudo a neurose histérica – os impasses no campo do amor surgem daí.

Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar. (FREUD, 1914/1996, p.92).

Freud, então, nos afirma que a ligação com a mãe encontra-se especialmente relacionada à etiologia da histeria. Nesta fase, a dependência da mulher pela mãe é o germe da paranóia posterior nas mulheres. Essa fase, portanto, assim como a neurose são características femininas. Afirma ainda que tal temor pode estar associado a uma hostilidade que se desenvolve na criança em relação à mãe, devido às múltiplas restrições impostas por esta no decorrer do cuidado corporal.

A descoberta da histeria, no ano de 1890 levou Freud a construir a pedra fundamental do método e do pensamento psicanalítico. A partir daí, surge todo um campo possível para se problematizar as relações entre o feminino e a histeria. Podemos então a partir das formulações freudianas pensar a histeria como um modo de recusa à dimensão de falta, muito própria aos sujeitos femininos. E assim poderíamos pensar em uma clínica diferencial entre a

mulher e a histérica. Entretanto, não nos convém desconsiderar que há toda uma demanda das históricas no sentido do questionamento da feminilidade.

Soler (1998) propõe uma clínica diferencial entre a mulher e a histérica. Para isso, ela se baseia no ensino lacaniano para afirmar que há uma identidade entre a fórmula histérica e a fórmula feminina, pois a posição subjetiva de “ser o falo” é a própria manifestação do desejo histérico, mas equivale ainda ao modo de inscrição das mulheres na relação sexual. Contudo, Soler (1998) nos alerta que não é possível deduzir daí que a histérica é a mulher ou que encarne a posição feminina, havendo pontos de divergência, muito embora existam pontos coincidentes.

No que toca à relação sexual, a mulher se coloca na posição de “ser o falo” para o Outro, ou seja, se apresenta como complemento do desejo masculino. Já o sujeito histérico normalmente manifesta uma estratégia de subtração do gozo, ou seja, seu mais-gozar se localiza na introdução de um menos na consumação do gozo sexual. A histérica se furta, aonde é chamada como objeto de gozo.

Importante para a nossa discussão situarmos que a solução feminina verdadeira para Freud se refere a um voltar-se ao “ter fálico”, o que é alcançado no desejo de ter um filho. Concluímos, portanto, que aqui há uma coincidência entre ser mulher e ser mãe, tratando-se de uma saída fálica.

Veremos que a dimensão do feminino aparece em Lacan com maior clareza, o que será trabalhado no capítulo dois, através da lógica do “não-toda” e do conceito de gozo feminino.

2.2 A descoberta da sexualidade infantil e a fase fálica

Freud, em “A Dissolução do Complexo de Édipo” de 1924, aponta que a distinção anatômica entre os sexos está fadada a encontrar expressão em diferenças de desenvolvimento psíquico. Ele afirma: “A anatomia é o destino” (FREUD, 1924/1996, p.197), fazendo variar um dito de Napoleão. O que aparece, neste momento de suas formulações, é a ideia de que o clitóris da menina comporta-se, inicialmente, exatamente como um pênis, no entanto, quando a menina se compara ao menino percebe que “se saiu mal” no tocante à sua ausência de pênis, sendo este o fundamento para se desenvolver um sentimento de inferioridade.

Quando Freud então afirma que as diferenças anatômicas encontram expressão em diferenças psíquicas, podemos entender com isso que, se por um lado, a anatomia identifica os sujeitos enquanto “homens” ou “mulheres” a partir de seus corpos biológicos e dos valores e

atributos, os quais a cultura lhes confere; por outro lado, a realidade sexual produz consequências psíquicas. É o que Freud sinaliza sobre o sentimento de inferioridade e o medo da perda do amor nas mulheres.

Contudo, impõe-se aos homens e às mulheres a necessidade de elaboração sobre os seus corpos. Assim, as características sexuais anatómicas nos permitem apenas identificar os gêneros sexuais, o que não basta em relação à constituição dos sujeitos femininos ou masculinos. Isso se consolidará, sobretudo, na relação com o outro sexo, constituída a partir de suas várias manifestações.

Posteriormente, Freud (1925/1996) ressalta que, ao avistar o órgão genital masculino, a menina não recusa a sua percepção, ao contrário, mostra-se pronta a reconhecê-lo de imediato, sendo então tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, o que é importante em suas consequências: “A menina se comporta diferentemente. Faz seu juízo e toma a sua decisão num instante. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (FREUD, 1925/1996, p.281).

Freud (1925/1996) afirma, portanto, um contraste interessante no comportamento dos dois sexos. Afirma que quando um menino vê pela primeira vez a região genital de uma menina demonstra inicialmente irresolução ou falta de interesse, não vê nada ou rejeita o que viu. Somente mais tarde, quando possuído de alguma ameaça de castração, é que a observação se torna importante para ele.

Assim, torna-se evidente que o encontro com a diferença sexual não suscita a mesma resposta no menino e na menina. Na menina, desperta um grande interesse e, no menino, inicialmente, ocorre uma indiferença. O que nos sugere que a menina encontrará no corpo do menino um fundamento para a compreensão de sua própria sexualidade, o que veremos em relação ao processo de sexuação feminina. No entanto, cabe interrogarmos acerca da subjetivação da menina acerca de seu corpo.

Fundamental destacarmos esse contraste, uma vez que ele nos permite dar início a uma discussão acerca do amor. Freud afirma (1925/1996) que tais reações determinarão permanentemente as relações entre os sexos: “horror da criatura mutilada ou desprezo triunfante por ela”. (FREUD, 1925/1996, p.281). É a forma como ele define a relação que o homem estabelece com a mulher que nos aponta algo de uma discordância ou desencontro entre os sexos.

Podemos, assim, inferir sobre a relação amorosa a presença de uma dissimetria radical, pois enquanto para as mulheres há a inveja do pênis na relação com os homens, para estes há o horror despertado pela consumação da castração nas mulheres. O desencontro, portanto, se

apresenta como algo inerente ao amor, cabendo nos perguntarmos sobre os diferentes modos de tratamento dos sujeitos femininos em relação a essa dissimetria radical.

Nesta direção, podemos compreender que no inconsciente não há senão um sexo, o falo, e dois modos distintos de sua manifestação: presença ou ausência. Para as meninas, o significante fálico que o menino porta lhe serve de base para o conhecimento de seu sexo. No entanto, a versão feminina de seu corpo é de uma ausência fálica. Questão central à nossa discussão repousa nos arranjos muito particulares, os quais a mulher se vê confrontada a construir enquanto uma saída ao mal estar inerente à dimensão de falta, que lhe é muito própria.

Freud então nos aponta que o significado do complexo de castração deve ser considerado em sua origem na fase da primazia fálica para ambos os sexos. No entanto, em relação às meninas, podemos supor que desde o início esta vivência em seu corpo o fato consumado da castração. Ela localiza no corpo do menino o órgão fálico em toda a sua importância, mas em relação ao seu corpo o que permanece é a necessidade de elaboração de uma falta. Cabendo ressaltar que aqui ainda não há a descoberta sobre o feminino, sendo possível perceber que Freud possuía expectativas em relação a essa questão.

Podemos concluir que a fase da primazia fálica nos permite iniciar uma compreensão acerca das diferenças existentes no desenvolvimento sexual masculino e feminino. No que se refere às meninas e futuras mulheres, em especial, nos deparamos com o desconhecimento da sexualidade, o que nos motiva a questionar sobre os impasses apresentados na clínica atual pelas mulheres.

Em “A Organização Genital Infantil” de 1923, Freud ressalta um aspecto importante. Somente podemos falar em complexo de castração quando a representação de uma perda se une ao falo. Ideia que é retomada também em “A Dissolução do Complexo de Édipo” de 1924 e em “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” de 1925. Somente após a descoberta dos genitais femininos e com ela a possibilidade de representar a perda do próprio pênis é que a ameaça de castração surte efeito:

Assim, para o menino, a percepção da ausência de pênis gera a angústia de castração; para a menina, tal percepção promove a inveja do pênis. Freud diz que essa percepção pode ser desmentida pela menina, fazendo-a permanecer no complexo de masculinidade. (PRATES, 2001, p.36).

2.3 O Pré-Édipo e o Édipo Feminino: Uma Construção

Ao longo de seu ensino, Freud demonstra a importância da sexualidade no que toca à organização psíquica e a estruturação do sujeito. Dessa forma, percorreremos um trajeto teórico para problematizarmos sobre a “saída feminina normal” tomando como ponto de partida o complexo de castração e o Complexo de Édipo, para assim nos lançarmos à discussão acerca do amor.

É importante ressaltar que a “saída freudiana feminina normal” se refere à verdadeira resposta da menina ao Édipo, ou seja, quando esta desliza devidamente em seu investimento amoroso da mãe para o pai, encontrando o caminho final posteriormente no amor de um homem.

Encontramos em seu trabalho “A Dissolução do Complexo de Édipo” de 1924 a definição de feminino enquanto essa saída do Édipo, na qual a menina toma o lugar da mãe para se localizar enquanto objeto de amor do pai. Freud afirma ainda que o desejo de possuir um pênis e um filho permanecem fortemente catexizados no inconsciente, auxiliando as mulheres no que Freud chama de seu papel sexual articulado à maternidade.

Sobre o feminino, destacaremos ainda as consequências psíquicas das diferenças sexuais anatômicas, ponto de partida para a posterior descoberta da sexualidade feminina, assim como de suas relações com o amor.

Em “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos” de 1925, Freud retoma um percurso, até então inédito, sobre o desenvolvimento psicológico das mulheres. Neste trabalho, há o núcleo do que ele desenvolverá posteriormente em seus últimos artigos que tratam especificamente do feminino, a saber: “Sexualidade Feminina” de 1931 e “Feminilidade” de 1932.

Freud (1925/1996) levanta uma questão fundamental para o complexo de Édipo das meninas. Afirma ser a mãe o primeiro objeto de amor tanto de meninos como de meninas. No entanto, se pergunta como ocorre o deslocamento das meninas da mãe para o pai, uma vez que percebe que tal mudança é necessária para se atingir o verdadeiro complexo de Édipo na menina. Cabe ressaltar que ela desloca o seu investimento amoroso de uma mulher para um homem, ao contrário do menino que conservará o seu investimento nas mulheres. Daí ser fundamental essa passagem para o alcance da saída edipiana feminina “normal”.

Tal questão é central para a nossa discussão acerca do feminino e do amor, uma vez que remete ao afastamento da menina de sua mãe. Entre os fatores que levam a isso, Freud (1931/1996) faz menção às circunstâncias próprias da sexualidade infantil, o que vale

igualmente para a vida sexual dos meninos. Destaca os ciúmes das outras pessoas, de irmãos e irmãs, rivais, entre os quais o pai assume um lugar. Ele nos chama a atenção:

O amor infantil é ilimitado; exige a posse exclusiva, não se contenta com menos do que tudo. Possui, porém, uma segunda característica; não tem na realidade, objetivo, sendo incapaz de obter satisfação completa e principalmente por isso, está condenado a acabar em desapontamento e a ceder lugar a uma atitude hostil. Mais tarde, na vida, a falta de uma satisfação suprema pode favorecer um resultado diferente. Esse mesmo fator pode garantir a continuidade ininterrupta da catexia libidinal, tal como acontece com as relações amorosas inibidas em sua finalidade. (FREUD, 1931/1996, p.239).

O que ocorre é que simultaneamente à descoberta da menina de que seus órgãos genitais são insatisfatórios, iniciam-se as demonstrações de ciúmes de outra criança, acreditando que sua mãe goste mais desta do que dela, o que serve de motivo para abandonar seu investimento em sua mãe.

Para a menina, a dimensão de falta, vivenciada em seu corpo, interpretada como ausência fálica, convida a mesma ao afastamento de sua mãe, que é culpabilizada por esta ausência, e, com isso, ela se aproxima do pai, ou seja, é a partir do complexo de castração que a menina entra verdadeiramente no Édipo, deslizando de um intenso investimento amoroso à mãe para a figura do pai, em uma tentativa de compensação.

Interessante que, se por um lado, podemos fazer referência ao feminino enquanto essa dimensão de uma ausência de pênis, ou do órgão fálico, por outro, cabe interrogarmos se é apenas em uma dimensão de ausência que é possível pensar o feminino. “Nada identifica o ser feminino, a não ser em seu caráter de pura ausência? Ou de negatividade?” O que pode também ser assim questionado: “Como pensar o feminino sem fazê-lo depender unicamente da referência anatômico-orgânica, da passividade ou da premissa fálica?”

Podemos dizer que a discussão central proposta por Freud se refere ao reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos que para as meninas possui como um dos efeitos possíveis à condução rumo à feminilidade e para tal deverão abrir mão da masculinidade anterior.

Sendo assim, a menina em sua “saída edípica normal” abandona o seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho e, neste rumo, toma o pai como objeto de seu amor, tornando a mãe objeto de seu ciúme. Neste momento, Freud afirma que a menina se transformou em mulher.

Ao longo de seu ensino, Freud constata que o temor da castração é excluído na menina, não sendo um elemento para o estabelecimento do superego e para a interrupção do

Édipo. Sendo assim, as mudanças necessárias à menina são provenientes do exterior, as quais a ameaçam através do medo da perda do amor. Freud define o complexo de Édipo feminino basicamente como uma identificação da menina com a mãe, buscando assumir o seu lugar, adotando uma atitude feminina em relação ao pai. Sendo a renúncia ao pênis tolerada apenas em uma tentativa de compensação:

[...] ela desliza ao longo da linha de uma equação simbólica do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente- dar-lhe um filho. Tem-se a impressão de que o complexo de Édipo é então gradativamente abandonado de vez que esse desejo jamais se realiza. (FREUD, 1924/1996, p.198).

No entanto, ao ter seu desejo fracassado, a ligação da menina com o pai chega ao fim. Chegamos então a um ponto fundamental para a discussão da dimensão do amor, pois o que Freud alerta é que a menina pode tanto daqui deslizar para o investimento ao homem na construção amorosa ou identificar-se com o pai, retornando e retrocedendo ao complexo de masculinidade, permanecendo assim fixada neste, o que pode inviabilizar ou trazer muitos impasses à dimensão amorosa, por outro lado.

Neste sentido, podemos dizer que nas meninas o complexo de Édipo é uma formação secundária à fase pré-ediapiana, referente à ligação exclusiva e duradoura da menina com a mãe. O complexo de castração para as meninas é o que torna possível a entrada destas no Édipo. Podemos então extrair que a construção do feminino se inicia a partir das consequências advindas da distinção anatômica entre os sexos em suas repercussões psíquicas que estivemos outrora apresentando. No caso das meninas, a tarefa está voltada para a subjetivação de uma castração que foi executada, ao contrário dos meninos, que foi simplesmente ameaçada.

Importante estarmos atentos às diferentes questões que se apresentam para ambos os sexos em relação ao complexo de castração, uma vez que, a partir dele, tem-se uma diferença fundamental:

A respeito da relação existente entre os complexos de Édipo e de castração, existe um contraste fundamental entre os dois sexos. Enquanto nos meninos, o Complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração. (FREUD, 1925/1996, p.285).

Assim, para as meninas, falta um motivo para a demolição do complexo de Édipo, podendo este ser lentamente abandonado ou jamais o ser. Freud aqui afirma que seus efeitos

podem persistir na vida mental das mulheres, sobretudo pela modificação na formação do superego, que jamais é tão inexorável e impessoal como é nos homens.

Podemos perceber, portanto, que o amor surge cedo no percurso de constituição da sexualidade feminina, desde quando a menina ao se sentir inferiorizada por sua ausência fálica tenta ser recompensada por uma demanda de amor endereçada aos seus. No entanto, é somente por um caminho de frustrações a sua demanda que ela desliza para o amor de um companheiro. Sendo, portanto, fundamental analisarmos tal percurso e suas possíveis consequências para a construção do feminino e da busca do amor.

A frustração da menina devido à insatisfação de seu desejo, ou seja, ao fato de não ter o desejo pelo falo satisfeito tanto em sua relação com a mãe como em sua relação ao pai, pode produzir variados efeitos na subjetividade feminina.

Mas, no que se refere ao amor, o pensamento freudiano nos conduz a pensá-lo enquanto uma tentativa de compensação a algo irredutível, como é a castração materna e paterna. No entanto, aqui surge a premente necessidade da discussão sobre o amor, em suas possibilidades e impossibilidades, pois a tentativa de compensação à falta através do outro do amor nada mais faz do que trazer novamente à baila a dimensão de falta, inerente ao humano. Trata-se do engano do amor, ou seja, a mulher se dirige ao homem em uma tentativa de compensação à falta, mas o que encontra é justamente o Outro da falta, portanto, o amor não cumpre a sua promessa.

Neste momento, das elaborações freudianas (1932/1996), a pré-história do Édipo feminino, ou seja, a relação da menina com sua mãe toma uma importância até então negligenciada.

Freud (1931/1996) descobre que, para além da demanda de amor que a menina dirige ao pai e que se configura enquanto a verdadeira entrada desta no Édipo, há inicialmente um grande amor endereçado à sua mãe. A mãe é tanto para o menino como para a menina o primeiro objeto de amor. Trata-se de uma relação muito particular da menina com a sua mãe.

Podemos entender então que o pai que parecia ocupar o lugar principal na dimensão amorosa da menina desde o início da vida revela-se, na verdade, herdeiro de uma transferência de amor que originariamente havia sido endereçada exclusivamente à mãe. Dessa transferência de amor da mãe para o pai surge sempre um resto, que se trata de analisar as consequências, sobretudo no que toca aos impasses em relação ao amor.

A importância da relação da menina com a mãe é retomada para o entendimento do complexo de Édipo feminino. Tornando-se claro que é a particularidade dessa relação que favorece toda a complexidade da constituição subjetiva da menina. Justificando-se falar em

uma relação pré-Edípica da menina com a sua mãe, cujo significado e teor não existem no menino.

Quando Freud se pergunta sobre a razão do afastamento da menina à sua mãe, chega à resposta de que a ausência fálica, inscrição no corpo feminino de uma falta, leva a menina a decepcionar-se com sua mãe e portanto desligar-se dessa e assim caminhar em direção ao pai. O que está em questão é, portanto, a própria descoberta da castração materna, o que lança a menina em direção à sua própria castração.

Neste sentido, podemos concluir que o afastamento da menina de sua relação duradoura e complexa com a mãe é o que lhe permite dar um primeiro passo em direção ao amor. A dimensão da castração, da falta é essencial na escolha amorosa posterior. É somente admitindo-se faltosa, que a mulher buscará em um parceiro o símbolo fálico que lhe falta e, assim, poderá construir o laço amoroso.

Interessante pensarmos que é a partir da relação com a mãe que há toda uma abertura ou fechamento da mulher à dimensão do amor. Dessa forma, é fundamental a analisarmos, a fim de recolhermos as consequências dessa relação para a subjetividade feminina e para a construção da relação amorosa, bem como para a realização do desejo feminino, por excelência, pela maternidade.

É possível dizer que é a relação da menina com a mãe que permite a abertura ao amor, uma vez que é a descoberta da castração materna que a leva a um investimento amoroso na figura do pai e, posteriormente, dos homens. Cabe ressaltar, contudo, a importância da entrada de um terceiro nesta relação duradoura para que seja possível a busca pelo amor.

A partir da psicanálise, sabemos que a mulher não é a única a ser marcada pela falta, pois esta faz parte da estrutura de todo sujeito, de ambos os sexos, a partir da formulação freudiana da perda do objeto como fundamental na constituição da subjetividade. Todavia, o que as formulações freudianas nos levam a pensar é que a inscrição da falta se dá de modos diversos em sujeitos com posições masculinas e femininas.

Freud coloca todo o foco de sua discussão sobre a sexualidade feminina na questão da falta ressentida no corpo e o que ela representa para o processo de subjetivação feminina. Nomeia tal questão a partir da inveja do pênis, sendo o medo da perda do amor uma consequência dessa inveja. Aparece então a dimensão da falta em uma particularidade fundamental para a elaboração da sexualidade feminina, sobretudo em relação ao papel eminente do amor no psiquismo feminino.

Freud, em seu trabalho “Sexualidade Feminina” de 1931, enfatiza as mudanças necessárias ao desenvolvimento da sexualidade feminina, a saber: mudança de sua zona

erógena principal, do clitóris para a vagina, e troca do seu objeto de amor original, da mãe para o pai.

Vale destacar que a dificuldade de desligamento da figura materna, ou seja, a dependência duradoura que a menina estabelece em relação à sua mãe – ponto muito presente na clínica com mulheres – as relações hostis e devastadoras entre ambas, assim como a intensa ligação posterior desenvolvida em relação ao pai aparecem como pontos que atravessam e embaraçam as relações amorosas.

Um desses impasses foi formulado por Freud (1931/1996) na questão da bissexualidade, presente mais claramente nas mulheres a partir das duas zonas erógenas, o clitóris, considerado análogo ao órgão masculino, e a vagina, descoberta posteriormente enquanto órgão sexual feminino propriamente dito. Além disso, há a mudança no encontro do objeto amoroso, pois para a menina a sua mãe é também o seu primeiro objeto de amor, no entanto, ao final do seu desenvolvimento, o seu pai, ou seja, um homem, deverá ter se tornado o seu novo objeto amoroso. Sendo assim, é importante nos perguntarmos sobre o modo como tais mudanças ocorrem e quais as possibilidades que se apresentam no curso desse desenvolvimento.

Freud (1931/1996) aponta que os efeitos do complexo de castração na mulher são completamente diversos do homem. Desenvolve três linhas de raciocínio a partir do reconhecimento da menina de sua castração, com posterior interpretação da superioridade do homem e de sua própria inferioridade, o que a faz se rebelar.

A primeira saída refere-se a uma revulsão geral à sexualidade, ou seja, ao abandono da sua atividade fálica e, com isso, da sexualidade. Aqui a menina renuncia a satisfação masturbatória e rejeita seu amor pela mãe e, assim, suas aspirações sexuais. O amor da menina era dirigido à mãe fálica e, diante da descoberta da ausência de pênis na mãe, a menina a deixa cair como objeto de amor.

A segunda linha leva a menina a se aferrar com desafiadora auto-afirmatividade à sua masculinidade ameaçada, permanecendo a esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. O que ocorre é uma recusa da menina em reconhecer a castração da mãe. Tomada por uma revolta, ela exagera a masculinidade e se refugia em uma identificação com a mãe fálica ou com o pai. O pai intervém por uma identificação imaginária.

Freud então ressalta o terceiro caminho, o qual nomeia “atitude feminina normal” final em que a menina toma o pai como objeto de amor, encontrando assim o caminho para a forma feminina do Complexo de Édipo. Diante da castração da mãe, a menina renuncia ao amor desta e se volta para o pai com o “desejo de pênis”, do qual sua mãe a frustrou.

Tais diferenças no Complexo de Édipo e de castração da menina marcam um desenvolvimento sexual demorado e complexo. Podemos entender que Freud propõe uma partilha dos sexos a partir da dimensão do falo: “ter ou não ter o falo” e traz o desejo feminino como desejo pelo falo. Falo na forma de um filho, fazendo coincidir a mulher à mãe: “Sendo assim, podemos concluir que o feminino para Freud encontra-se muito mais do lado da mulher que busca se realizar na maternidade, do que unicamente na relação amorosa?”

Dessa forma, podemos dizer que o complexo de castração da menina se inicia a partir da visão dos órgãos genitais do outro sexo. Diante da diferença, a menina sucumbe à inveja do pênis, no entanto, o reconhecimento da falta de pênis não leva a menina a se submeter facilmente à castração, portanto, haveria estas três saídas possíveis.

O complexo de castração feminino não é marcado por influências hostis, como é no masculino, o que permite a Freud afirmar que o complexo de Édipo feminino parece não ser destruído, de modo algum, na mulher. Neste momento de seu ensino, Freud (1931/1996) afirma que as diferenças presentes na mulher nos permitem afirmar que as mulheres são seres sociais. Tal formulação freudiana vem ao encontro da nossa suposição de que a posição feminina possibilita a busca do amor, do laço amoroso.

Interessante que, apesar de Freud nos apontar em “Sexualidade Feminina” de 1931 que o complexo de Édipo feminino não é facilmente destruído ou pode jamais o ser – o que nos convida a pensar que a relação da mulher com a lei é mais frouxa –, ele nos aponta, ao contrário, que estas são seres sociais, sobretudo no que toca à sexualidade e ao amor.

Em relação à fase pré-edipiana, de vinculação exclusiva da menina à mãe, Freud (1931/1996) afirma que muitos fenômenos da vida sexual feminina podem ser devidamente compreendidos em referência a esse momento. Assim, afirma:

Observamos que muitas mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães. (FREUD, 1931/1996, p.239).

Freud (1931/1996) discute, a partir destas formulações, a hostilidade que a menina desenvolve em sua relação com a mãe, a partir da constatação de sua ausência de pênis, da qual responsabiliza a figura materna, o que é posteriormente transferido para a relação com os homens. Torna-se claro que o amor de uma mulher por um homem, através de sua saída Edípica feminina “normal”, surge como tentativa de compensação para a ausência de pênis e do sentimento de inferioridade e dano narcísico daí decorrentes. O que talvez nos leve a

pensar em impasses na dimensão do amor pela tentativa de compensar a falta estrutural, que é irreduzível na vida psíquica de todo e qualquer sujeito.

É neste sentido que Freud (1931/1996) denuncia sua impressão de que os anos de maturidade da mulher parecem ocupados por uma luta contra os maridos, tal como em suas juventudes travaram com suas mães. Tais percepções são respaldadas pelas nossas observações clínicas no que toca a um plano de competições e rivalidades presentes na relação da mulher com seus companheiros.

A partir do percurso traçado torna-se mais claro a função do amor na construção da subjetividade feminina e sua repercussão nas parcerias amorosas. O que inicialmente aparece enquanto medo da perda do amor no contexto edípiano é conservado no inconsciente feminino e surge posteriormente no culto feminino ao amor que leva à construção do laço amoroso.

Pretendemos demonstrar ao longo das formulações de Freud a importância do amor para a constituição da sexualidade feminina e as incidências do complexo de Édipo e de castração nos arranjos amorosos posteriores, sobre os quais a clínica vem nos dar o seu testemunho.

2.4 O Narcisismo: Uma escolha sexual feminina?

2.4.1 O “Querer ser amada” e a Escolha de Objeto

O tema do narcisismo nos interessa especialmente por ter sido considerado por Freud em 1909 como fase intermediária entre o autoerotismo, típico da sexualidade infantil, e o amor objetal. E, sobretudo, por ocupar um lugar central em psicanálise no que toca às questões da sexualidade e do amor. No trabalho “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução” de 1914, Freud nos fornece uma importante indicação acerca do lugar ocupado pelo amor para a mulher.

Segundo Freud em “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução” de 1914, o termo narcisismo deriva da descrição clínica e foi escolhido por Paul Nacker para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma que o corpo de um objeto sexual é frequentemente tratado, contemplando-o, afagando-o e o acariciando até obter satisfação completa.

Sobre a sexualidade feminina, Freud afirma que com o início da puberdade, o amadurecimento dos órgãos sexuais femininos, que até então se encontravam em estado de

latência, provoca o efeito de uma intensificação do narcisismo original, o que é desfavorável a uma supervalorização sexual do objeto. Interessante a citação:

As mulheres, especialmente se forem belas ao crescerem, desenvolvem certo autocontentamento que as compensa pelas restrições sociais que lhe são impostas em sua escolha objetal. Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas boas graças. (FREUD, 1914/1996, p.95).

Assim, torna-se evidente a formulação freudiana de que as mulheres, quando se acham em condições de amar, demonstram uma boa dose de narcisismo primário, ou seja, de um direcionamento que aponta para a busca do objeto sexual encarnado na figura daquele que cuida. Para ser amada a mulher trabalha arduamente, isto é, para se atingir a posição passiva de “ser amada” há toda uma atividade nesta direção.

Interessante para nossa discussão sobre o amor problematizarmos a forma masculina de escolha objetal, a que se refere Freud (1914/1996). Trata-se do amor objetal completo, denominado de tipo anaclítico ou de ligação, no qual há uma supervalorização sexual do objeto e em consequência há um empobrecimento do ego, estando a libido voltada para o objeto amoroso.

O que não ocorre com o tipo feminino. Ao contrário, Freud nos indica que o narcisismo dos sujeitos femininos exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram a uma parte do seu próprio narcisismo na busca do amor objetal. Para os sujeitos femininos o “ser amada” tem maior importância do que a dimensão de amar.

Tal aspecto chama a nossa atenção por nos lançar à questão principal. Estamos aqui nas searas do amor. Há uma incongruência entre os tipos de escolha de objeto, ou modos de amar, masculino e feminino. Sendo fundamental não esquecermos a consideração freudiana da possibilidade de encontrarmos mulheres que amam sobre os moldes do tipo masculino; podendo, assim, haver uma supervalorização do seu objeto sexual.

Por outro lado, Freud, neste trabalho, traz à tona outro caminho destinado às mulheres para a realização do amor objetal completo. Anuncia a saída pelas vias da maternidade, que como vimos, inaugura para Freud o desejo feminino por excelência:

Mesmo para as mulheres narcisistas, cuja atitude para com os homens permanece fria, há um caminho que eleva ao amor objetal completo. Na criança que geram, uma parte de seu próprio corpo as confronta com um objeto estranho, ao qual, partindo de seu próprio narcisismo, podem então dar um amor objetal completo. (FREUD, 1914/1996, p.96).

As formulações apresentadas nos auxiliam em nossos questionamentos. A articulação entre a posição feminina e a posição passiva de “ser amada” nos leva a interrogar o amor feminino: “O que podemos dizer do amor de uma mulher por um homem? O que se pode formular acerca do amor feminino?”

As proposições de Freud nos levam a pensar que as mulheres amam a partir do amor do homem por elas. É com o amor que elas recebem que elas podem amar. Isto é, amam a partir do amor que o Outro pode dar. O amor vem do Outro.

Podemos concluir, portanto, que a necessidade feminina de “ser amada”, apontada por Freud, mostra-se mais evidente do que o ato de amar. A mulher transforma, portanto, o amor, que é algo da ordem da contingência em uma necessidade e assim investe ativamente para alcançar a posição de “ser amada”.

2.4.2 Romance familiar: Uma Versão Infantil do Amor

Freud em “Observações sobre o Amor Transferencial” de 1915 traz uma dimensão do amor a partir de suas raízes infantis. Revela, na situação analítica, a condição própria para o surgimento das pré-condições do amor, das fantasias oriundas dos desejos sexuais, bem como de todas as características pormenorizadas do estado amoroso, ou seja, trata-se do conteúdo profundamente oculto da vida erótica dos sujeitos.

[...] É verdade que o amor consiste em novas adições de antigas características e que ele repete reações infantis. Mas este é o caráter essencial de todo o estado amoroso. Não existe estado deste tipo que não reproduza protótipos infantis. É precisamente dessa determinação infantil que ele recebe o seu caráter compulsivo, beirando, como o faz, o patológico. (FREUD, 1915/1996, p.185).

Essas elaborações de Freud conduzem a uma versão do amor enquanto repetição, uma vez que, deflagra que a cada estado amoroso faz-se necessário remontarmos as raízes primeiras que justificam aquele estado de coisas. E, mais do que isso, aproxima o estado amoroso ao patológico, quando nos afirma a aproximação entre a neurose e a tão obstinada necessidade de amor, que encontramos no ser feminino, como algo proveniente da estrutura.

Freud em “Observações sobre o Amor Transferencial” de 1915, afirma que as fixações infantis prejudicam a capacidade de amar das mulheres, tendo na análise uma via de elaboração acerca da sexualidade feminina e do amor. Interessante a citação: “O amor sexual

é indubitavelmente uma das principais coisas da vida, e a união da satisfação mental e física no gozo do amor constitui um de seus pontos culminantes” (FREUD, 1915/1996, p.186).

A respeito do estado de enamoramento, Freud afirma que o afastamento da norma é algo característico. O que aparece também quando diz que, em se tratando das coisas do amor, estamos no terreno do incomensurável. O que nos sugere que as raízes infantis, outrora mencionadas, se referem a esse afastamento da norma em detrimento da inauguração de algo muito particular vivido pelos sujeitos com seus primeiros objetos de amor. E que, em uma esfera analítica, se reatualizam.

Neste sentido, o que está em jogo é a possibilidade de conduzir a mulher ao período primevo do seu desenvolvimento mental e, nesse caminho, distinguir a atividade mental consciente da inconsciente. Na análise, trata-se de desvelar os poderosos fatores da vida sexual que dominam a vida psíquica destas.

Freud, em “Romances Familiares” de 1909, nos fornece uma compreensão acerca dos jogos amorosos da relação do menino e da menina com suas figuras parentais, constituindo-se como um primeiro modelo no campo das relações. Acerca do amor, nos auxilia a pensar sobre o campo próprio de escolha de objeto, o modo de enlaçamento amoroso e os impasses daí decorrentes.

No mesmo trabalho, Freud conceitua o “romance familiar” como o estágio de afastamento do indivíduo da autoridade de seus pais devido ao processo de crescimento. No neurótico, este só pode ser revelado pela psicanálise e expressa uma atividade imaginativa estranhamente acentuada.

O romance familiar constitui talvez uma primeira tentativa da criança de superação de seu desejo infantil, no qual seus pais constituem a autoridade única e a fonte de todos os conhecimentos. Aqui o desejo da criança está localizado na tentativa de se igualar aos pais, sobretudo ao progenitor do mesmo sexo, ou seja, ser grande como seu pai e sua mãe. Tais questões demonstram ser reatualizadas ou reeditadas através da relação amorosa.

A partir da construção do romance familiar, o que está em jogo é a busca da criança por novas referências. O conhecimento de outros pais e os pequenos fatos da vida que a tornam descontente constituem fatores relevantes para o pretexto de começar a criticar os pais e, com isso, se afastar deles através da criação de uma fantasia em que seus pais são substituídos por outros de melhor linhagem.

Freud nos alerta aqui sobre a presença de poderosos impulsos de rivalidade sexual, tendo como cerne um sentimento de estar sendo negligenciado pelos pais ao não receber todo o seu amor e de lamentar ter de dividi-lo com os irmãos. Freud localiza que tal atividade

imaginativa se inicia com o brincar das crianças, é seguida, nos anos anteriores, pela puberdade e ocupa-se das relações familiares. Freud dá a isso o nome de “devaneios” e diz que constitui um campo de realizações de desejos e a busca por uma retificação da vida real. Neste ponto, nos aproximamos da dimensão do amor em seu registro imaginário.

Propomos, assim, uma discussão do amor a partir de uma leitura lacaniana dos romances familiares, pois aparece em Freud, quando este trata das raízes infantis do amor, uma versão imaginária, ou seja, um campo de imagens e identificações que, posteriormente veremos, irão orientar de certa forma a escolha do objeto amoroso.

Um aspecto importante refere-se à questão de que tanto para o menino quanto para a menina, futuros homens e mulheres, a constituição de um novo romance familiar, através da construção de uma nova família iniciada pelo vínculo amoroso, parece revelar meios legítimos, embora imaginários, de pagamento de certa dívida aos pais.

Segundo Freud em “Um Tipo Especial de Escolha de Objeto feita pelos Homens” de 1910, todos os sentimentos de ternura, gratidão, lascívia, desafio e independência da criança encontram satisfação no desejo único de ser o próprio pai, que, no caso do homem, encontra expressão no “fazer uma criança” e na mulher “dar à luz a uma criança”, ou seja, na saída pela via da maternidade.

Neste trabalho, Freud, ao abordar a psicologia da vida amorosa, já nos anunciava sua concepção sobre a saída edipiana feminina em direção ao falo, buscado através do homem, e na figura de um bebê. Sendo assim, torna-se evidente que Freud articula o amor a uma questão de estrutura para os sujeitos femininos. O amor está inserido em uma lógica fálica.

2.4.3 Contribuições à Psicologia da Vida Amorosa: Do Amor ao Gozo

Freud em “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens” de 1910 lembra da fixação da libido do menino em seu primeiro objeto de amor, a mãe, que o leva a escolher uma mulher, cujas características se assemelhem as da sua mãe. Nesse sentido, aponta a divergência entre as correntes afetivas e sensuais no encontro amoroso. O que conduz o homem a um comportamento de respeito à sua mulher e à realização de sua potência sexual completa com outra mulher, mantendo afastado de seu objeto amoroso suas tendências com objetivos claramente perversos.

Ele propõe uma definição acerca do que seria um amor “normal” pautado no valor da mulher em relação à sua integridade sexual. O autor aponta que o fato destas mulheres serem consideradas pelos homens como objetos amorosos do mais alto valor constitui acentuável

desvio do normal. Freud revela que tais relacionamentos geram enorme dispêndio de energia mental, com exclusão de outros interesses, sendo essas mulheres mantidas como se fossem as únicas pessoas a quem é possível amar. Nesses casos, a natureza do relacionamento é compulsiva, repetindo-se sempre com as mesmas peculiaridades.

Assim vemos que sua concepção do amor está relacionada, desde o início, a um desencontro, engano, insatisfação, que desde sempre marca a relação do sujeito com o objeto.

Interessante que talvez já possamos anunciar que, na concepção do menino, de acordo com Freud, há impasses do amor, uma vez que, ao escolher um objeto amoroso com as características do objeto materno, abre-se um campo de insatisfação, pois o objeto escolhido nunca será o adequado, será sempre um objeto substitutivo.

No caso das meninas, o complexo de castração, sentido como a ausência do órgão fático, leva desde sempre à subjetivação da sua dimensão de falta, podendo fazê-lo através da busca do amor, o que nos fornece a pista de que a dimensão amorosa guarda na economia psíquica das mulheres importância fundamental sem, no entanto, negar que também nelas o objeto encontrado nada mais é do que um objeto substitutivo e, por isso mesmo, faltoso.

Em suas três “Contribuições à Psicologia do Amor” de 1910 Freud trata do que chama “*liebeslebens*”, vida amorosa, ou seja, aborda o modo como se relacionam homens e mulheres, um meio de problematizar a relação sexual a partir de seus impasses.

Em “O Tabu da Virgindade” de 1918, Freud apresenta o protótipo da condição feminina de amor. Trata-se da tragédia de Hebbel, com Judith e Holofernes. Judith era uma mulher cuja virgindade era protegida por um tabu. Ela concebe um plano de seduzir com sua beleza o general assírio que cercava a sua cidade para destruí-lo, usando assim um motivo patriótico para esconder o sexual. Após haver sido deflorada por este homem poderoso, ela encontra fúrias para lhe cortar a cabeça. Assim, Freud (1918/1996, p. 214) afirma: “A decapitação é nossa conhecida como símbolo substituto da castração; Judith é assim, a mulher que castra o homem que a deflorou, o que constitui justamente o desejo da mulher recém-casada”.

Segundo Miller em “Uma Conversa sobre o Amor” de 2010, Freud chama “*liebeslebens*”, nas “Contribuições à Psicologia do Amor” de 1910, à articulação entre amor e gozo sexual e, nesse sentido, trata da articulação entre a vertente do amor e do gozo, ou seja, o “mais-de-gozar”. Freud emprega o significante amor, neste trabalho, sempre relacionado a uma substituição, a uma necessidade de substituição. No entanto, quando se trata do gozo não há substituição.

Miller (2010) enfatiza essa articulação que devemos buscar entre o amor e algo, diferente do amor, ou seja, a problemática do gozo, tratada por Freud através do conceito de pulsão de morte.

Para esse autor, a questão recorrente em Freud é o modo como homens e mulheres escolhem uns aos outros e, ao tratar da escolha do objeto de amor, trata-se de *i* (a), ou seja, a imagem de outro ser humano. A menos que se escolha um objeto material, como se dá no fetichismo, daí não se pode falar em objeto de amor, mas sim em objeto de gozo ou de causa de desejo.

Miller (2010) quando se refere ao objeto de amor, diz ser necessário que a função “a” seja velada pela imagem, a imagem de outro ser humano. Há amor quando se trata de algo que não se pode substituir, sendo esta a ideia sublime do amor.

Freud, no entanto, aborda o amor como algo de uma substituição. Sendo assim, podemos dizer que o amor é sempre da ordem de uma substituição, incluindo, portanto, a dimensão do engano, do desencontro, da insatisfação. O que está colocado tanto para os meninos como para as meninas, futuros homens e mulheres, em seus encontros amorosos.

O amor se refere a um engano porque esconde o objeto “a” enquanto dejetado. Segundo Miller (2010) há uma imagem que precisamente esconde, outorga todo o esplendor do imaginário, da beleza do que, em si mesmo, não tem nada de lindo. Nesse ponto, estamos diante da questão do véu do amor.

Persistimos com a hipótese de que para as mulheres o amor tem uma importância ímpar, sobretudo em relação a uma tentativa constante de responder aos enigmas e ao mal estar inerente ao ser feminino.

Contudo, Freud em: “Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor” de 1912, aponta que a longa contenção da sexualidade feminina e seu anseio de sensualidade em fantasia têm para as mulheres uma consequência importante, pois podem se tornar incapazes de desfazer a conexão entre a atividade sensual e a proibição, tornando-se psiquicamente impotentes, ou seja, frígidas quando finalmente a atividade sexual lhes é permitida. Tal questão também se manifesta quando a mulher mantém o sentido de proibição em relação à vivência de sua sexualidade mesmo no contexto do vínculo amoroso do casamento, quando então está autorizada a vivê-la.

Dessa forma, Freud afirma que o prejuízo causado pela frustração inicial do prazer sexual se evidencia no fato de que a liberdade, mais tarde concedida a esse prazer, como é o caso dos casamentos, não proporcione satisfação completa.

Freud (1912/1996) traz alguns apontamentos acerca das mulheres em suas relações com o amor. Aponta a relevância da condição de proibitividade em suas vidas eróticas, sendo comparável à depreciação para os homens. Para o autor, tal questão se deve ao longo período de demora que é exigida pela educação entre a maturidade e a atividade sexual. Freud dirá que, muitas vezes, infiéis a seus maridos, conseguem manter uma segunda espécie de finalidade em relação aos seus amantes.

Assim Freud nos indica que mesmo com as resistências impostas pela civilização ao homem no sentido da renúncia à satisfação, o homem estaria desde sempre erguendo novos obstáculos no intuito de poder gozar o amor, uma vez que a psicanálise nos ensina que o valor psíquico das necessidades eróticas se reduz tão logo se tornem fáceis suas satisfações. Esta questão nos leva à tentativa de desvendamento das articulações entre amor e gozo sexual e à relação destes com os imperativos da civilização.

Freud em “O Mal estar na Civilização” de 1930 ensina que a civilização se constrói a partir da renúncia das pulsões, isto é, a “regulação” e a “renúncia” destas se tornam necessidades que passam a operar em nome da ordem, da beleza e da limpeza da civilização, o que caracteriza a modernidade.

Enquanto Bauman em “O Mal-Estar da Pós-Modernidade” de 1997 afirma que se na modernidade haveria uma renúncia das pulsões, conforme Freud já nos apontou, na pós-modernidade haveria ao contrário uma prevalência da liberdade individual, ou seja, percebemos justamente uma torção, na medida em que, a felicidade passa a ser medida segundo a busca desenfreada pelo prazer, o que equivale à satisfação dos desejos, há como um imperativo ao gozo.

A condição feminina do amor aparece não mais tão atrelada à proibição, e a depreciação da esfera do amor parece não mais restrita aos homens. Percebe-se do lado feminino o anseio pelo amor, mas ao mesmo tempo o encontramos degradado, rebaixado, impossível. Podemos concluir que no mundo pós-moderno a fonte de mal-estar não se encontra mais localizada na exigência civilizatória de renúncia pulsional, mas antes a um dever, um imperativo ao gozo. Tais afirmações são pertinentes à nossa discussão, de modo que retornaremos a elas no capítulo três.

Freud evidencia algo extremamente importante em relação ao amor quando diz, em “Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor” de 1912, que algo da própria natureza da pulsão sexual é desfavorável à realização da satisfação completa, uma vez que o objeto da pulsão sexual nunca mais será o objeto original, que é o objeto proibido, a mãe. Sendo assim, a busca amorosa pode estar marcada por uma inconstância na escolha de

objetos, uma sucessão infindável de objetos substitutivos, tratando-se de um anseio pela estimulação constante que podem vir caracterizar o amor dos adultos.

Outro ponto relevante enfatizado por Freud (1912/1996) refere-se à problematização dos instintos (pulsões) do amor e a dificuldade de educá-los ora conseguindo muito, ora conseguindo pouco. Aponta que a tarefa da civilização no sentido de educar as pulsões é inatingível, a não ser a custo de uma ponderável perda de prazer. A persistência dos impulsos que não puderam ser utilizados, podendo ser percebidos na atividade sexual, revela-se sob a forma da não satisfação. Freud traz como impossível, portanto, a tarefa de harmonizar os clamores de nossa pulsão sexual com as exigências da civilização.

É neste sentido, que Freud (1910/1996) apresenta as estruturas elementares da vida amorosa, ou seja, demonstra que o amor obedece a certas regras, a “condições de amor”, a “*liebesbedingung*”. Contudo ao abordar as “condições de *liebe*”, efetivamente trata das “condições de gozo”, que determinam a escolha do objeto amoroso. Assim, podemos verificar que Freud conceitualiza a articulação entre o gozo e o amor, sendo este último a própria vinculação entre gozo e desejo.

O apontamento de Miller (2010) em relação ao texto freudiano “Contribuições à Psicologia do Amor” de 1910 referente ao modo como homens buscam gozar de uma mulher relaciona-se a escolha de objeto feminino através da perspectiva masculina.

De acordo com Miller (2010), Freud articula as condições do amor, a que chama “disposições” à escolha do objeto amoroso. Afirma que o uso do termo “amor” em Freud faz equivaler o desejo sexual à escolha do objeto de amor. No entanto, como as escolhas amorosas estão ligadas a traços dos primeiros objetos de amor, sobretudo da mãe que é o objeto interdito, o que se tem é uma insatisfação e os objetos são sempre substitutos.

No intuito de pensarmos a relação do feminino com o amor, retomamos o trabalho freudiano “Tabu da Virgindade” de 1918, no qual o autor associa a mulher às seguintes características: enigmática, misteriosa, incompreensível, estranha e hostil, constituindo-se “tabu” não apenas a primeira relação sexual com uma mulher, mas também as manifestações de sua sexualidade, dentre elas a gravidez. Nesse sentido, discute a prática de tabus como testemunha da existência de uma força que se oporia ao amor, sobretudo pela rejeição de mulheres, devido ao fato de serem estranhas e hostis, sendo elas mesmas a representação do próprio tabu.

Questão interessante trazida por Freud (1918/1996) se refere à incidência dos efeitos na mulher do primeiro ato sexual, o qual, segundo ele, mobiliza uma série de impulsos deslocados do que ele chama de atitude feminina do desejo, o papel feminino e a sua função.

Segundo Miller (2010), quando Freud afirma que a escolha do objeto amoroso obedece a certas condições que conduzem ao desejo, podemos afirmar a não existência da relação sexual, porque homens e mulheres não podem se reconhecer puramente como tais, mas apenas a partir de uma referência ao Outro, a linguagem, ao campo discursivo.

Miller (2010) enfatiza, portanto, o que Freud chama de insubstituível no inconsciente, o gozo como inesquecível. Assim a questão que se pode enunciar são as condições de amor: condições no nível significante e condições propriamente de gozo.

Toda a problemática do amor está centrada na questão da passagem do gozo parcial, trabalhada por Freud, que é em si um gozo autoerótico para um gozo aloerótico, que pressupõe a busca do outro. O que em termos lacanianos, Miller (2010) questiona como o gozo pode entrar na dimensão do Outro, ou seja, como passamos do gozo ao desejo do Outro.

O gozo parcial é sempre autoerótico, na medida em que, se goza a partir do próprio corpo. Toda a questão está centrada na renúncia que o sujeito pode fazer de um gozo que se encontra a sua disposição, uma vez que, localizado no próprio corpo, para se lançar em busca do outro e entrar em uma metonímia infinita dos objetos de amor. Lacan diz: “O que faz o vínculo é o amor”. (Miller, 2010, p.27). Segundo Miller (2010, p.27) o amor apresenta um aspecto imaginário, trata-se do engano do amor. Há uma vinculação entre amor e o real do gozo, uma vez que, o objeto escolhido comporta algo do objeto proibido e neste sentido pode-se afirmar: “Não há relação sexual” (Lacan, 1972-73/2008, p. 19), na medida em que, não há um objeto adequado à satisfação da pulsão.

2.5 Considerações Finais

Conforme observamos, a teoria psicanalítica freudiana aborda o feminino a partir de uma vertente fálica, na qual, a dimensão da anatomia constitui o ponto de partida significado através da lógica do “ter ou não ter o falo”, ou seja, tratado a partir de uma dimensão significante, discursiva e que favorece a emergência de consequências psíquicas.

O feminino, neste sentido, é inicialmente desconhecido pela menina, assim como o é pelo menino, só sendo descoberto quando então se deparam com a diferença sexual e sendo ressignificado na puberdade, quando então é necessária à menina a mudança de sua zona erógena principal, bem como a troca de seu objeto de amor original. Trata-se da necessária repressão da masculinidade inicial da menina para que possa aceder à feminilidade. Observamos, portanto, que se trata de um percurso extremamente complexo e com muitas

nuances, não sendo possível afirmar que a mulher consente facilmente com a castração, a qual se vê submetida no real de seu corpo.

Assim o que está em jogo em relação à construção do feminino é justamente a elaboração da dimensão de falta, atestada por sua anatomia, que pode favorecer a abertura dos sujeitos femininos à dimensão do amor.

Entretanto, para pensarmos as relações entre essa posição subjetiva feminina e o amor, ou seja, como tais questões se apresentam na clínica atual foi necessário retomarmos a teoria freudiana acerca das pulsões, o que nos auxiliou a pensar acerca da sexualidade em um contexto eminentemente discursivo, isto é, inserido no campo da linguagem, o que tem como consequência a completa desnaturalização do campo sexual.

O que significa que ainda que possamos apontar alguns aspectos concernentes a dimensão do feminino, algo nos escapa e nos convida a escuta clínica, afim de sabermos sobre os modos e arranjos particulares que cada sujeito fará em se tratando de seu feminino e de sua busca pelo amor.

A partir da construção da teoria pulsional, Freud inaugura a ideia do desencontro estrutural que podemos observar entre o campo do sujeito e o campo do Outro, ou seja, a dissimetria radical que encontramos no campo do amor. A histeria representa o próprio impasse do sujeito em seu encontro com o Outro, na medida em que, ao recusar a dimensão de falta que lhe é inerente dificulta sua inscrição na relação amorosa. A histérica se abstém aonde é convidada a atender ao gozo do Outro, questão própria ao amor.

Freud, no entanto, ao abordar o feminino pela lógica fálica apresenta algumas consequências psíquicas, observadas em grande relevo na clínica, tais como, a emergência de um sentimento de inferioridade e o medo da perda do amor. Tais questões se mostram fundamentais à nossa pesquisa, uma vez que, complicam a dimensão do amor para estes sujeitos.

A constituição da sexualidade feminina é, portanto, um processo extremamente delicado, sendo a partir da relação com o Outro que a menina pode deslizar de seu investimento inicial e duradouro com a mãe para o pai e futuramente para o homem. É somente em um caminho de decepções e frustrações de sua demanda pelo “falo” direcionada aos seus primeiros objetos de amor que a mulher pode então se lançar à dimensão da parceria amorosa.

O amor surge, portanto, como uma tentativa de compensação à ferida narcísica ocasionada por sua ausência fálica, ou seja, pela insuficiência de seu órgão genital que gera o sentimento de inferioridade, levando a um imaginário da falta, da insuficiência, do menos. O

feminino pode então ser compreendido a partir de uma ausência que convida os sujeitos a encontrar um modo próprio de lidar com a falta, no modo como esta lhe é concernente.

Entretanto, encontramos variados efeitos para as subjetividades femininas diante da insatisfação, na medida em que, ao se voltarem para o Outro na tentativa de se identificarem ou de encontrar o que lhes falta o que encontram é justamente a falta. O amor não cumpre a sua promessa, eis o engano do amor. Vemos então que o amor é abordado em sua vertente imaginária. Um importante impasse do amor se apresenta justamente na tentativa de anular a dimensão da falta estrutural, que lhe é própria e fundamental.

Mesmo assim, não podemos deixar de afirmar a importante função do amor para estes sujeitos, no sentido do valor de identificação que lhe é próprio, contudo o que observamos é que é fundamental interrogarmos esse culto, esse anseio feminino pelo amor, na medida em que, a clínica atesta os constantes impasses e sofrimentos encontrados na dimensão amorosa.

Podemos então dizer que o amor feminino encontra sua maior expressão no desejo de ser amada, muito mais do que, em amar. O amor para os sujeitos femininos vêm do Outro, isto é, amam a partir do amor que podem receber do Outro. Assim vemos que transformam o amor, que é algo da ordem da contingência em algo da necessidade. Trabalham ativamente para alcançar a posição de “serem amadas”.

Freud desvela, portanto, as raízes infantis do amor, o conteúdo profundamente oculto da vida erótica dos sujeitos, isto é, a vertente imaginária e simbólica do amor. A análise traz a baila justamente essas fixações infantis que ocasionam grandes prejuízos na capacidade de amar dos sujeitos, podendo ofertar uma via de elaboração acerca das questões da sexualidade feminina e do amor.

Questão fundamental, a que nos leva Freud, em seu percurso para o entendimento do feminino, se refere a articulação entre o amor e o gozo. Ao abordar as ditas condições de amor, Freud desvela as condições de gozo que determinam a escolha do objeto de amor, assim verificamos uma teoria do amor, na qual, o desejo sexual é despertado e atrelado à própria escolha do objeto de amor. Contudo, estas formulações conduzem para uma dimensão de insatisfação, na medida em que, não há um objeto adequado à satisfação da pulsão, sendo antes o vínculo, o laço entre dois sujeitos o que constitui propriamente o amor.

Podemos concluir, portanto, que o feminino em Freud somente é abordado em sua lógica fálica, ou seja, pela dimensão de ausência que lhe é própria, que leva esses sujeitos a dimensão do “ter fálico” representado em excelência, para o autor, no desejo pelo falo, isto é, pelo filho, sendo o amor ao parceiro uma entrada para essa busca. Assim, vemos que a solução feminina verdadeira, isto é, o que Freud considera como a verdadeira mulher é

justamente esta que se volta para o “ter fálico”, na medida em que, transformar-se em mãe é transformar-se no Outro da demanda, é o “ter” por excelência. Freud faz coincidir assim a mulher à mãe.

Assim, verificamos que a posição de Freud acerca do feminino encontra-se ancorada em uma evidência imaginária do corpo que nos ajuda na compreensão da assimetria da vida amorosa, na medida em que, do lado masculino encontramos a ameaça de castração e do lado feminino verificamos o medo da perda do amor. Assim, o amor aparece para a mulher no lugar do que existe e pode suprir o vazio.

Freud assim teorizou o que chamou a “saída feminina normal”, contudo diante das mudanças sociais, que repercutem e se apresentam na clínica atual nos voltaremos a teoria lacaniana para avançarmos em nossa tentativa de entendimento de nossa temática, o que nos auxilia na dimensão da clínica.

3 O FEMININO E O AMOR EM LACAN

A investigação acerca do feminino em psicanálise nos conduz ao ensino lacaniano, pois, conforme observamos, Freud ao abordá-lo permanece preso à primazia fálica. Quando formula a verdadeira saída edípica feminina, como a maternidade, ele responde, de certo modo, o que pode ser uma escolha para as mulheres. Contudo, veremos que Lacan propõe pensarmos o feminino em suas articulações com o amor sobre uma nova lógica.

Freud aborda a diferença sexual através da função fálica, isto é, pela inscrição do falo, enquanto significante da falta e, portanto do desejo, e assim podemos pensá-la a partir dos significantes “fálico” e “castrada”. Neste sentido, o que está em jogo é uma prevalência imaginária dos corpos, que aponta para a dissimetria presente no encontro amoroso.

A experiência infantil traumática, segundo Freud, marcada pela descoberta da diferença sexual, inaugura a inscrição da falta no nível imaginário, ou seja, o que ocorre é uma comparação imaginária dos corpos, na qual a mulher aparece como um ser privado, inferior, marcada por uma irremediável incompletude; e o homem, o macho, pode ser pensado como completo (MILLER, 2003, p.15).

A falta, concernente aos sujeitos femininos, é explicada por Freud através da dimensão anatômica, corporal, a qual anunciamos ao abordar o Complexo de Édipo das meninas, que indica a saída pelo amor, isto é, a menina, ao sentir-se inferiorizada por não possuir o falo, ao se deparar com a castração, busca o amor como uma tentativa de compensação. Segundo Russo e Vallejo (2011, p.14), em “O Amor e o Feminino”, tal dimensão aproxima o feminino à dimensão do nada. O que lança o sujeito no vazio cabendo ao mesmo encontrar diferentes modos de se apresentar como mulher, ou seja, diversos modos de velar o nada.

A partir daí, vimos que Freud situa a posição feminina, à qual faz referência pelo significante “feminilidade”, como um lugar passivo, lugar de objeto a que a mulher encontra pela vertente de seu desejo de “ser amada”. Em sua Conferência XXXIII, intitulada “Feminilidade” de 1932, Freud faz uma importante retificação ao diferenciar a ideia anterior de passividade associada às mulheres para uma articulação entre feminilidade e uma preferência por fins passivos. Tal retificação se mostra fundamental para a nossa compreensão de que há toda uma atividade das mulheres em direção ao seu desejo de “ser amada”. E é em seu nome que a mulher consente a se prestar ao lugar de objeto de desejo do homem. O que

não nos autoriza a afirmarmos uma identificação das mulheres ao lugar de objeto, uma vez que há aí um desejo a ser alcançado: a busca do amor.

Fundamental, no entanto, lembrarmos que no cerne dessa experiência amorosa, tão importante aos sujeitos femininos, encontra-se a relação duradoura e indelével da mãe com a filha. Conforme Lacan (1972-73/2008) evidencia, a mulher busca na relação amorosa substância ao seu ser, assim como um dia esperou na relação com sua mãe.

Interessante que Miller, citado por Russo e Vallejo (2011, p.13), afirma que essa mesma falta pode assumir o seu valor inverso, ou seja, a mulher se tornar um ser ávido, insaciável, encarnando uma ameaça para aquele que é proprietário do órgão fálico, o que é comum à dimensão amorosa.

No primeiro capítulo desta dissertação, ao percorrermos as formulações freudianas, chegamos à ideia do amor como algo central ao psiquismo feminino, no sentido de que a necessidade de elaboração da dimensão da falta, no modo concernente às mulheres, ou seja, na forma pela qual estas vivenciam a castração – como um fato consumado – no real dos seus corpos as conduzem a dimensão do amor.

A maternidade, apontada por Freud como a saída feminina por excelência, denuncia, portanto, uma saída fálica, na medida em que a mulher busca no filho o falo que lhe falta, sendo assim, ainda nos encontramos em uma resposta pela via do ter fálico. Podemos então afirmar que Freud responde parcialmente sobre a questão do desejo feminino. Veremos em Lacan algo inédito até então.

Em “A Significação do Falo” de 1958, Lacan enfatiza o significante fálico como a marca da conjunção do desejo com a ameaça ou a nostalgia da “falta-a-ter”, o que significa que a relação entre os sexos ocorre pela introdução de uma medida dada por esse significante: o falo. A mulher encontra o significante do seu desejo no corpo daquele a quem dirige a sua demanda de amor. Assim, o que está colocado na dimensão do amor é que a mulher deseja o falo, cujo homem é portador. Deste modo, podemos dizer que, neste momento de seu ensino, Lacan propõe, em relação aos sujeitos femininos, uma coincidência entre amor e desejo no mesmo objeto.

Contudo, perceberemos que entre os anos de 1958-1960, Lacan em seu esforço de compreensão acerca do feminino vai se deparando com a questão de que a relação da mulher ao falo é mais complexa, na medida em que o amor a convida não a dimensão do “ter o falo”, mas antes a posição de “ser o falo”, isto é, a mascarada vem se acrescentar a fórmula lacaniana do desejo feminino como um modo particular da mulher se relacionar com o falo. O

que significa dizer que, para atuar como causa do desejo do homem, a mulher tem como única saída a mascarada feminina.

Posteriormente, quando Lacan (1973/2008) propõe as fórmulas da sexuação, surge a ideia da mulher como desdobrável, ou seja, parte dela localizada na dimensão fálica, do “ser ou ter o falo”, pela qual se inscreve na relação sexual, e parte dela localizada em uma dimensão diversa, de um mais além significante.

Tal ideia encontra ressonância em seu Seminário XX, “Mais, ainda” de 1972-73, no qual a questão do gozo feminino é tratada como algo que ultrapassa a mulher, o que deve ser levado em consideração na dimensão da clínica. Segundo Russo e Vallejo, (2011, p.14) quando Lacan introduz, nos anos 70, suas conhecidas fórmulas da sexuação, ele aborda a escritura do sujeito a partir de uma variação da função fálica. Separa em dois campos os sujeitos: aqueles que se inscrevem completamente na lógica fálica, sendo definidos como masculinos, e aqueles sujeitos que não se inscrevem completamente nessa lógica e que, portanto, são “não-todo” fálicos, sendo definidos como femininos. Assim haveria dois modos distintos de uso do falo na sua relação com o outro.

A partir desse momento, Lacan nos apresenta outra dimensão para pensarmos a lógica feminina. A emergência dos seus conceitos (1973/2008) sobre a mulher como “não-toda”, inscrita na lógica fálica e do “Outro gozo”, leva à articulação da posição feminina como além da dimensão significante, ou seja, além da dimensão fálica. Assim, a tentativa de entender o feminino leva Lacan a formalizar a clínica do real.

Sendo assim, temos uma mulher desdobrável, por um lado, se situando na via fálica, isto é, do sentido, da significação; e, por outro, uma mulher cuja relação é privilegiada com a dimensão do nada, isto é, do real. Aqui nos deparamos com o feminino resgatado em seu caráter de enigma, nesse mais além da lógica fálica.

A falta vivida pelos sujeitos femininos encarna um vazio, no qual frequentemente colocam o amor no lugar do que existe e pode supri-lo. (RUSSO; VALLEJO, 2011, p.14) Neste sentido, amor e feminino encontram uma aproximação justamente por ambos estarem atravessados pela falta.

Este ponto evidencia a relação privilegiada dos sujeitos femininos com o amor, entretanto, Lacan esclarece que é na medida em que não possuem um limite real da castração, como se dá para os sujeitos masculinos, que as mulheres são capazes dos maiores extravios, levando-as repetidamente para a dimensão do estrago amoroso.

Tais formulações auxiliaram na compreensão do ensino de Lacan quando este afirma que a inscrição das mulheres na relação sexual não se faz obrigatória e que, quando a mulher

se inscreve, o faz sobre diferentes modos. Assim sendo, podemos pensar que o amor pode estar localizado para os sujeitos femininos como um modo de enlaçamento ao outro, mas que pode, por outro lado, evidenciar justamente o fracasso dessa tentativa, como são os casos de devastação.

Neste sentido, tornam-se mais claras as proposições freudianas em relação ao Complexo de Édipo feminino, trabalhadas no primeiro capítulo, no qual o percurso de constituição da sexualidade feminina está pautado pela descoberta e posterior subjetivação da dimensão da falta pela menina, que se realiza com a descoberta da castração materna e que consequentemente as levam ao encontro com o pai. Somente após a decepção advinda de sua demanda de amor endereçada a este, seguem em seus investimentos amorosos rumo aos homens.

Podemos então retirar desse percurso a importância conferida à entrada do pai na relação da menina com a sua mãe, uma vez que esta permite à menina dialetizar o desejo da mãe e se aventurar em uma metonímia infinita na busca do amor. Assim a menina e futura mulher pode, de certo modo, escapar aos caprichos e desígnios maternos e se lançar ao encontro de novos objetos de amor.

Russo e Vallejo (2011, p.39) ressaltam o amor em uma dimensão suportável e para isso fazem menção às ideias lacanianas contidas no seminário VIII “A Transferência” de 1960-61 e retomadas no seminário XI “Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise” de 1964. Dessa maneira, a relação suportável de amor, temperada de um sexo com o outro requer a intervenção da metáfora paterna, ou seja, pede a intervenção de uma medida, obtida pela entrada do pai na relação primordial da mãe com a filha.

Russo e Vallejo (2011, p.39) enfatizam a presença de um vazio estruturante no amor. Um vazio que possibilita que haja amor. Lacan no Seminário XI, “Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise” de 1964, aborda a função do pai como aquela capaz de fazer com que o amor seja suportável para um sujeito. Nesse sentido, quando a lei trazida pelo pai não opera, o que surge é um amor sem limites.

Para Recalcati (2003)¹ a falta é um nome possível do vazio, ou seja, a falta é um vazio nomeado, um vazio dotado de significantes e de símbolos que implica uma conexão ao Outro.

¹Recalcati em “Clínica do Vazio” de 2003 propõe uma diferença entre a clínica da falta e a clínica do vazio. Para o autor, a clínica da falta circunscreve a clínica da neurose, tratando-se de uma clínica do desejo inconsciente, do recalque e do retorno do recalcado, do sintoma e da divisão do sujeito, sendo assim, encontra o seu terreno nas formações do inconsciente. Aborda também a clínica do vazio a partir do que chamou de clínica psicanalítica contemporânea, são os denominados “novos sintomas” que aparecem como efetivamente irreduzíveis ante a lógica que preside a constituição neurótica do sintoma. A clínica do vazio se refere, portanto, a essa irreduzibilidade. Trata-se de uma problemática que afeta diretamente a constituição narcísica

Com efeito, o que dá vida ao vazio é o desejo. É o desejo que transforma o vazio em uma falta.

O feminino articulado à lógica fálica encontra-se inserido no terreno da falta e, portanto, do desejo. Contudo, a formalização lacaniana acerca do gozo feminino parece apontar para uma lógica marcada por uma irreducibilidade, isto é, uma aproximação à clínica do vazio.

Russo e Vallejo (2011) abordam a questão do vazio a partir da falta tratada em Freud como a falta fálica, ou seja, a partir de um enfoque imaginário dos corpos. Posteriormente, anunciam a falta simbólica acerca da mulher, apoiada no ensino lacaniano, que nos aponta a inexistência de um significante que possa nomear o universal da mulher. As autoras nomeiam o vazio a partir dos conceitos da falta e do nada.

Em Lacan, encontramos uma fórmula recorrente sobre o amor: “Amar é dar o que não se tem” (LACAN, 1960-61/2010, p.49). Como podemos pensá-la a partir destas formulações? As proposições anteriores parecem corroborar a definição apresentada na fórmula, pois o amor implica justamente uma relação suportável, ou seja, a aceitação da dimensão da falta, da castração. O estrago amoroso estaria do lado do “sem limites”, constituindo assim um amor não suportável, como a devastação. Dessa maneira, verificamos as duas faces ou vertentes do amor: uma vertente que faz limite, equivalente à incidência da função paterna; e outra vertente do amor, que aponta para um ilimitado.

3.1 “Amar é dar o que não se tem”

3.1.1 Amor como dom

A fórmula “Amar é dar o que não se tem” é encontrada em momentos distintos do ensino de Lacan. No seminário IV, “A relação de Objeto”, Lacan faz esta afirmação paradoxal: “(...) o que é amado no objeto é aquilo que falta a ele – só se dá o que não se tem”. (LACAN, 1956-57/1995, p. 153). Nesse período, Lacan buscou entender o amor a partir da lógica fálica.

Nesta direção, Lacan (1956-57/1995, p.155) afirma que a mulher, por não possuir o falo simbolicamente, participa dele a título de ausência, logo, o possui de algum modo.

do sujeito, uma prática de gozo que parece excluir a existência mesma do inconsciente, no sentido de que não há um intercâmbio com o Outro sexo.

Segundo ele, o falo está sempre para além de toda a relação entre o homem e a mulher. Pode ser ocasionalmente objeto de uma nostalgia imaginária por parte da mulher, na medida em que, possui apenas um falo muito pequenininho.

Assim, Lacan nos esclarece como se dá o processo de diferenciação sexual e consequentemente a relação entre os sexos:

[...] É na medida em que a menina não tem esse falo, isto é, também na medida em que ela o tem no plano simbólico, na medida em que ela entra na dialética simbólica de ter ou não ter o falo, é por aí que ela entra nessa relação ordenada e simbolizada que é a diferenciação dos sexos, relação inter-humana assumida, disciplinada, tipificada, ordenada, marcada por interditos, marcada pela estrutura fundamental da lei do incesto. (LACAN,1956-1957/1995, p. 155).

Segundo Lacan (1956-1957/1995, p.156), é por intermédio da relação com o falo que as mulheres entram na cadeia da troca simbólica, em cujo lugar elas se instalam e tomam o seu lugar e seu valor. Portanto, o tema fundamental de que a mulher oferece a si mesma ao Outro se exprime justamente pela afirmação do dom. Assim, torna-se importante a citação:

[...] No ato do amor, é a mulher que recebe realmente, ela recebe bem mais do que dá. Tudo nos indica, e a experiência analítica o acentuou, que não existe posição mais captadora, até mesmo mais devoradora no plano imaginário. Se isso é invertido na afirmação contrária, que a mulher se dá, é na medida em que deve ser assim simbolicamente, a saber, que ela deve dar alguma coisa em troca daquilo que recebe, isto é, o falo simbólico. (LACAN, 1956-1957/1995, p.156).

Interessante que apesar do entendimento do amor surgir neste momento de seu ensino como algo concernente à lógica fálica, quando Lacan aborda o amor como algo que está para além do que se apresenta no objeto e nos diz que se trata fundamentalmente do modo de relação humana com o mundo, que se dá através de um véu, surge a questão deste enquanto um semblante, ou seja, como algo que não responde a tudo que concerne ao amor. O para além do falo é o que surge quando cai o véu, isto é, quando cai o semblante:

O véu, a cortina diante de alguma coisa, ainda é o que melhor permite ilustrar a situação fundamental do amor. Pode-se mesmo dizer que com a presença da cortina, aquilo que está mais além, como falta, tende a se realizar como imagem. Sobre o véu pinta-se a ausência. É nisso mesmo que o homem encarna, idolatra seu sentimento deste nada que está para além do objeto de amor. (LACAN,1956-1957/1995, p.158).

Ao abordar o amor neste seminário, Lacan (1956-57/1995, p.156-158) o faz a partir da vertente do dom de amor, colocado do lado das mulheres que devem retribuir o falo simbólico recebido pelo amor do homem por elas. E, na medida em que o que é amado aponta para algo

que esteja mais além do objeto de amor, o que se apresenta é justamente o amor pelo nada, por isso que se apresenta atrás do véu. No amor, o objeto assume o lugar da falta e o desejo é o que se apresenta como uma metáfora do amor, sendo o objeto valorizado como ilusório.

Podemos entender, portanto, sua teoria do amor como o direcionamento do sujeito para a falta que está no objeto. Trata-se, assim, de uma metáfora em que o amor se transfere ao desejo, que se apega ao objeto como ilusório, sendo a constituição do objeto não metafórica, mas metonímica (LACAN, 1956-1957/1995, p.160).

Lacan aborda, ainda nesse seminário (1956-1957/1995, p.170), através dos dados analíticos, a importante questão de que a criança, especialmente a menina, pode conceber a si mesma como um equivalente ao falo e manifestá-lo por seu comportamento. Sendo assim, futuramente, a menina viveria a relação sexual sobre um modo que permitiria que ela mesma trouxesse ao seu parceiro masculino o seu falo. Da mesma forma, Lacan afirma que o sujeito masculino pode igualmente se dar à mulher como sendo aquilo que lhe falta, trazendo a ela o falo. O que aparece, portanto, já nesse momento do ensino lacaniano são as posições assumidas pelos sujeitos na lógica amorosa.

Lacan (1956-1957/1995, p.184) afirma: “O dom é símbolo do amor”. Segundo o autor, o caráter fundamental da relação de amor não implica somente, diante de si, um objeto, e sim um ser. Aqui aparece a dimensão do amor como aquilo que ultrapassa a dimensão do objeto de amor em si e que aponta para um mais além.

Sobre o dom, Lacan afirma:

O dom implica todo o ciclo da troca, onde o sujeito se introduz tão primitivamente quanto possam supor. Só existe dom porque existe uma imensa circulação de dons que recobre todo o conjunto intersubjetivo. O dom surge de um mais-além da relação objetual, já que ele supõe atrás de si toda a ordem da troca em que a criança ingressou, e só pode surgir desse mais além com o caráter que o constitui como propriamente simbólico. É sobre um fundo de revogação que o dom surge, é sobre este fundo, e como signo de amor, inicialmente anulado para ressurgir em seguida como pura presença, que o dom se dá ou não ao apelo. (LACAN, 1956-57/1995, p.185).

Interessante que Lacan ao abordar o amor como um dom, utiliza da relação de troca entre a mãe e o filho, dizendo que para satisfazer o que não pode ser satisfeito, ou seja, o desejo insaciável da mãe, a criança se engaja em uma via de se fazer a si mesma o objeto enganador, na medida em que mostra à sua mãe aquilo que não é. Lacan assim traz uma preciosidade ao afirmar que a imagem projetada da situação oral, na qual há uma boca escancarada, representando o insaciável desejo materno em direção da criança que busca devorar, é reencontrada no nível da satisfação sexual imaginária.

Questão fundamental que surge, portanto, neste seminário é a ideia do amor como a doação de um signo, na medida em que o que está em jogo não é um objeto que se dá, mas sim um signo. Segundo Lacan (1956-57/1995):

O que intervém na relação de amor, o que é demandado como signo de amor nunca passa de alguma coisa que só vale como signo. Ou para ir mais adiante, não existe maior dom possível, maior signo de amor que o dom daquilo que não se tem. Mas vamos observar bem que a dimensão do dom só existe com a introdução da lei...O que estabelece a relação de amor é que o dom é dado, se podemos dizê-lo, em troca de nada. (LACAN, 1956-1957/1995, p.142).

Segundo Allouch (2010), há uma gratuidade no dom de amor, uma vez que o sujeito oferta algo de modo gratuito, em que por trás do que ele dá há tudo o que lhe falta, isto é, ele se sacrifica para além do que tem. Neste aspecto, o que fica evidente é que no cerne da experiência amorosa encontramos a falta, e é a partir dela que o amor se faz possível.

A extensão do amor, segundo Allouch (2010), na direção do simbólico e o estabelecimento de uma articulação compreensível do amor e da transferência irão permitir articular alguns termos ao amor. Serão: o pacto, o ser, ponto de focalização do ternário lacaniano amor, ódio e ignorância e o dom. Lacan afirma:

A relação objetal deve sempre se submeter ao quadro narcísico e nele se inscrever. Ela certamente o transcende, mas de uma maneira impossível de ser realizada no plano imaginário. É o que faz para o sujeito a necessidade daquilo que chamarei amor. Não há amor funcionalmente realizável na comunidade humana se não for por intermédio de um certo pacto. (LACAN, 1954/1975, p.197).

Allouch (2010) ressalta a inconveniência desse amor “empactado”, justamente porque a segurança, a estabilidade, a quietude oferecida pela ideia do pacto não convém ao amor e menos ainda ao que Lacan acabará nomeando como “amódio”. Lacan ressalta:

Desejar ser amado é desejar alienar para si a liberdade do outro, não só que o outro se comprometa livremente, mas mais ainda, que sua própria liberdade aceite renunciar-se. [...] Se o amor estiver bem preso e enviscado nessa intersubjetividade imaginária, ele exige em sua forma acabada a participação no registro do simbólico, a troca liberdade-pacto, que se encarna na fala dada. (LACAN, 1954/1975, p.242).

Sendo assim, para Allouch (2010), o amor toca em uma questão do ser, na medida em que se insere nos registros imaginário e simbólico. Ambas as dimensões orientam o sujeito para o que seria o seu ser. Para compreender a posição do amor, entre o imaginário e o simbólico, Lacan (1953-54/1975, p. 297) constrói uma pirâmide, a que chama “um pequeno diamante”, que se trata de um croqui que demonstra o posicionamento do amor por seus

registros simbólico, imaginário e real (S.I.R). O amor, ao mesmo tempo, se vê acompanhado do ódio e da ignorância. Sendo o amor, o ódio e a ignorância as três paixões orientadas para o ser, como o são os três registros formalizados por Lacan. Assim, para o autor, a realização do ser é figurada pela dinâmica que anima esse croqui, sendo o amor o que liga e separa o imaginário do simbólico.

Allouch (2010) introduz, a discussão do amor enquanto um dom através da distinção nítida entre amor e desejo, na qual Lacan recusa o platonismo. Aqui, o autor aponta a necessidade de se diferenciar o amor da paixão imaginária do dom ativo que ele constitui no plano simbólico:

O amor se distingue do desejo, considerado a relação limite que se estabelece de todo organismo com o objeto que o satisfaz. Pois sua visada não é a satisfação, mas o ser. É por isso que só se pode falar de amor ali onde a relação simbólica existe como tal. (LACAN, 1953/1975, p.304-305).

Ainda segundo Allouch (2010, p.76), o amor no sentido do desejo de ser amado, ressaltado por Lacan, é essencialmente uma tentativa de captura do outro enquanto objeto. Trata-se do fenômeno do amor narcísico, o que no ensino de Freud evidencia o amor como uma paixão, essencialmente ligada ao plano imaginário. Inversamente, contudo, amar aponta para um ser para além daquilo que ele parece ser. O dom ativo do amor não visa ao ser, em sua especificidade, mas em seu ser.

Para o autor, Lacan parece admitir que o amado, ou seja, aquele que deseja ser amado é justamente aquele que não cessa de capturar o outro em si mesmo. Allouch (2010) se pergunta, a partir da introdução de Lacan do amor como dom, se amar implicaria uma oferta ao outro por sua captura, sua submissão. Ele questiona se isso corresponderia ao dom de amor.

O esquema do véu, apresentado por Lacan (1956-57/1995), expressa a função do para além no amor e a distinção mantida entre o amor e o desejo. Importa lembrar que Lacan aplica esse esquema ao fetiche, se tratando do objeto do dom amoroso, isto é, do objeto simbólico. E, assim, o objeto amado para além do amado é o nada. O dom de um símbolo (o falo) só pode ser dom de nada. O véu materializa esse para além, que é o nada.

A distinção entre amor e desejo surge quando Lacan (1956-57/1995) afirma que quando o objeto assume o lugar da falta, ele funciona como suporte do amor, contudo, não equivale a uma amarração do desejo. Ainda que o desejo apareça como metáfora do amor, o objeto só surge como ilusório, daí a inquietude do amor.

Na tentativa de esboçarmos algumas conclusões acerca do modo como Lacan aborda o amor no Seminário IV, “A relação de objeto” de 1956-1957, fundamental se torna diferenciarmos o amor enquanto uma questão de ser (ôntica) distinta de uma questão de satisfação implicada na dimensão do desejo, pois, conforme vimos, o amor não visa ao objeto da satisfação, mas ao ser.

Em seu trabalho posterior, “A Significação do Falo” de 1958, a fórmula “Amar é dar o que não se tem” ressurge sobre o seguinte modo: “a mulher ama o seu parceiro na medida em que ele dá o que ele não tem”. (LACAN, 1958/1998, p. 698). Temos aqui e no Seminário IV, “A relação de objeto de 1956-57, antecedentes do que aparecerá no Seminário VIII, “A transferência”: “Amar é dar o que não se tem”, uma vez que se admite que aquilo de que se é carente e que não se tem é o que se ama.”(LACAN, 1960-1961/2010, p. 48).

Em “A Significação do Falo” de 1958, Lacan afirma que o falo é tudo para uma mulher, sendo assim, esta pode buscá-lo enquanto uma bússola, uma orientação para o seu desejo, tamponando o amor. Por outro lado, a mulher ama o seu parceiro na medida em que ele dá o que ele não tem. Aqui Lacan anuncia a forma erotomaniaca do amor, colocada do lado das mulheres, na medida em que elas substituem o amante pelo amado, isto é, fazem do amante o homem, o objeto amado. Assim, mostram-se ativas em relação ao amor, o que significa dizer que se mostram ativas a fim de alcançar a posição de “serem amadas”. Voltaremos a isso posteriormente.

3.1.2 “Erástes” e “Erômenos”: Em direção ao amor simbólico?

No Seminário VIII, “A Transferência”, Lacan (1960-61/2010, p.49) trata a temática do amor através da análise de “O Banquete” de Platão. Contudo é importante ressaltar que o seu pano de fundo para falar de amor é a referência à experiência analítica: “No começo da experiência analítica, vamos lembrar, foi o amor”. (LACAN, 1960-61/2010, p.13).

Assim, Lacan sugere que a psicanálise teve seu surgimento a partir do encontro entre um homem e uma mulher, Breuer e Anna O., entre os quais houve uma clara transferência amorosa da paciente para com o seu médico. A partir daí, Lacan pôde então situar o amor como uma mola do tratamento analítico.

Lacan enfatiza que o fenômeno da transferência confunde-se com o amor. Aquele que vem ao nosso encontro não sabe o que tem, o que implica a dimensão do inconsciente, do “ele não sabe fundamental”. Trata-se daquilo que o sujeito tem realmente em si mesmo, do que ele demanda ser e não apenas ter. Assim, o caminho da análise conduz os sujeitos não à outra

coisa, senão à sua própria falta. E neste sentido concordamos com Lacan que a experiência analítica nada mais é do que uma experiência de amor:

[...] A cela analítica, mesmo macia, não é nada menos que um leito de amor, e isso devido ao fato de que, apesar de todos os esforços feitos para reduzi-la ao denominador comum da situação, com toda a ressonância que podemos dar a este termo familiar, não é uma situação senão por vir. (LACAN, 1960-1961/2010, p.25).

A essa falta que chamamos de castração ou *penisneid*, Lacan define como signo, metáfora. Todo o desenvolvimento da análise se inscreve aí, na revelação desse algo, que se chama o Outro inconsciente. (LACAN, 1960-1961/2010, p.55).

Voltemos então à citação da fórmula: “A segunda coisa que gostaria de dizer, que vamos encontrar a todo instante e que nos servirá de guia, é que o amor é dar o que não se tem”. (LACAN, 1960-1961/2010, p.49) Lacan reinterpreta então sua fórmula acerca do amor para analisar em “O Banquete” a sua estrutura.

Lacan se refere ao banquete como uma cerimônia com regras, uma espécie de rito entre pessoas da elite, um jogo da sociedade. Não sendo a realização deste um simples pretexto para o diálogo de Platão, mas se refere a hábitos e costumes reais diversamente praticados em diferentes localidades da Grécia. O regulamento ali imposto é que cada um faça um discurso, um elogio pautado sobre o tema do amor.

O tema do banquete, anunciado pelo personagem Fedro, é o seguinte: “De que serve ser sábio em amor?” (LACAN, 1960-1961/2010, p.43) O personagem propõe esse tema já o exaltando em sua importância:

[...] Assim de muitos lados se reconhece que Amor é entre os deuses o mais antigo. E sendo o mais antigo é para nós a causa dos maiores bens [...]. Aquilo que, com efeito, deve dirigir toda a vida dos homens, dos que estão prontos a vivê-la nobremente, eis o que nem a estirpe pode inculcar tão bem, nem as honras, nem a riqueza, nem nada mais como o amor. A que é que então me refiro? A vergonha do que é feio e ao apreço do que é belo. Não é com efeito possível, sem isso, nem cidade nem indivíduo produzir grandes e belas obras. (PLATÃO, 2011, p.10).

Sócrates, por sua vez, no Banquete, diz muito pouco em seu nome, no entanto, faz falar em seu lugar uma mulher, Diotima. Segundo Lacan (1960-61/2010) é um testemunho de que, em se tratando de amor, a suprema homenagem cabe à mulher.

Nessa direção, observamos que Lacan ressalta a importância das mulheres na sociedade grega antiga, uma vez que ocupavam seu verdadeiro lugar, isto é, possuíam um peso eminente nas relações de amor:

[...] elas tinham um papel que para nós é velado, mas que é, no entanto, de forma muito acentuada, o delas no amor: simplesmente, o papel ativo. A diferença que existe entre a mulher antiga e a mulher moderna é que a mulher antiga exigia o que lhe era devido, atacava o homem. (LACAN, 1960-1961/2010, p.47).

Assim, podemos verificar que Lacan enfatiza a relação privilegiada que as mulheres estabelecem com a dimensão do amor, a qual, supomos anteriormente, junto com Freud, cabendo a análise de como estas questões aparecem na clínica.

Lacan, em sua análise de “O Banquete” apreende uma articulação sempre elidida no que há de excessivamente complicado no amor com as mulheres (Lacan, 1960-61/2010, p.48), convidando a considerarmos certas particularidades, que iremos discutir posteriormente.

Sócrates inicia seu discurso interpelando Agatão sobre a natureza do amor: “É de tal natureza o amor, que é amor de algo ou de nada?” (PLATÃO, 2011, p.30), o que remete a formulação lacaniana: “Amar é dar o que não se tem”, uma vez que se admite que aquilo de que se é carente e que não se tem é o que se ama.” Sócrates introduz em seu discurso uma referência ao belo e ao bom pelo amor.

O discurso de Sócrates possui, segundo Lacan, função esclarecedora, na medida em que o amor grego permite retirarmos da relação de amor, o que chamou os dois parceiros do neutro. E que permite articular o que se passa no amor desse par formado, respectivamente, pelo amante e pelo amado, o *erástes* e o *erômenos*, ou seja, aparecem as duas funções, a do amante e a do amado. (LACAN, 1960-1961/2010, p. 49). Segundo Diotima (PLATÃO, 2011, p.37), o amável é o belo, o delicado, perfeito e bem-aventurado. O que permite supor que o objeto amado encarna um lugar para o amante, um lugar admirado e desejado.

Assim, aparece a dimensão do amante como o sujeito do desejo, com todo o peso que isso implica; e o amado como aquele que, nesse par, é o único a ter alguma coisa. Nesse ponto, Lacan se pergunta sobre a importante questão de saber se aquilo que o amado possui tem alguma relação com aquilo que ao outro, o sujeito do desejo, falta.

Seguindo o pensamento lacaniano, a questão das relações entre o desejo – e isso diante do qual ele se fixa, ou seja, o objeto nos conduz à noção própria do desejo, enquanto desejo de outra coisa – trata-se dos efeitos da linguagem sobre o sujeito. A partir, portanto, da dialética do amor de Sócrates, Lacan chega a um mais além e capta um momento de báscula, de virada, no qual, da conjunção do desejo com seu objeto enquanto inadequado deve surgir essa significação que se chama o amor. (LACAN, 1960-1961/2010, p.50)

Assim, podemos pensar que é a partir da falta que se ama. O amor gira em torno da falta imaginária e é neste ponto que o objeto de amor se aloja. Falar de amor é contornar essa falta e ao mesmo tempo reforçá-la. O que se tem a dar é um diálogo com a falta.

É neste sentido que feminino e amor se aproximam, pois a posição subjetiva feminina marcada por uma prevalência imaginária do corpo apoiada na falta, na dimensão da castração, tal como a mesma é vivida, lança os sujeitos femininos à dimensão do amor. Muito embora não possamos desconsiderar que buscar o amor não é o mesmo que alcançá-lo. A afinidade do feminino ao amor, sua relação privilegiada com o amor está justamente em sua interlocução com a falta, com a necessidade de ser amada.

Como dissemos anteriormente, os sujeitos femininos possuem uma relação particular com o nada: em Freud, enfatizada a partir de um nada anatômico; e, em Lacan, afirmada enquanto relação topológica das mulheres com o objeto “a” (RUSSO e VALLEJO, 2011, p.15). Neste sentido, Lacan coloca em evidência uma solução feminina pela via do ser. Para as referidas autoras, Lacan (1958/1998) denomina a posição feminina de “ser o falo” a uma positivação da falta do Outro. Assim, o feminino aparece articulado a uma posição de tornar presente o vazio que lhe concerne por estrutura. A afinidade do feminino ao amor se deve a uma relação estrutural com a falta.

Lacan aponta que a dialética do Banquete, expressa na lógica do amante e do amado, permite introduzi-la como a base, o ponto crítico, a articulação essencial da questão do amor. Ele enfatiza que a problemática do amor o interessa, na medida em que o permite compreender o que se passa na transferência.

Interessante que a formulação “Amar é dar o que não se tem” encontra uma possível explicação através dessa lógica, proposta por Sócrates, através da dialética do amante e do amado, na medida em que, entre ambos, não há coincidência, isto é, o que falta a um não é o que existe escondido no outro. Eis aí toda a problemática do amor (LACAN, 1960-1961/2010, p.56).

Lacan (1960-61/2010, p. 56) situa o *erâstes*, o amante, para todos os que dele se aproximam, como aquele que encarna essencialmente aquilo que lhe falta. Contudo ele não sabe o que lhe falta. Por outro lado, o *erómenos*, o objeto amado, se situa sempre como aquele que não sabe o que tem, o que possui de oculto e que constitui justamente a sua atração. Entretanto, o que ele tem é convocado pela relação de amor a revelar-se, a ser atualizado. A respeito disso, Lacan afirma:

[...] Entre esses dois termos que constituem, em sua essência, o amante e o amado, observem que não há nenhuma coincidência. O que falta a um não é o que existe, escondido, no outro. Aí está todo o problema do amor....No fenômeno encontra-se a cada passo o dilaceramento, a discordância. Ninguém, no entanto, precisa dialogar, dialetizar, *dialektikellestai*, sobre o amor- basta que esteja nele, basta amar, para ser presa desta hiância, dessa discórdia. (LACAN, 1960-1961/2010, p.56).

Podemos então extrair da fórmula: “Amar é dar o que não se tem” a insuficiência da lógica do ter, ou seja, da lógica fálica responder a tudo que se refere ao amor. Veremos que apesar da fórmula aparecer em momentos distintos do ensino de Lacan, sua importância surge quando no Seminário IV, “A relação de objeto” de 1956-1957, o autor traz uma versão do amor como uma doação, um doar um signo, daí ser o mais difícil dos dons, pois implica suportar algo da castração. O amor se faz possível pela via fálica que inclui a castração, contudo, também pode revelar sua insuficiência, na medida em que aponta justamente para uma dimensão do sem limites.

Tais apontamentos implicam a compreensão de que o amor suporta algo da castração. A proposição do “amar como dar o que não se tem” significa que a lógica da troca dos objetos fálicos não é o que prevalece, isto é, a lógica fálica não contempla tudo o que concerne à experiência de amor.

Questão importante é reiterada por Lacan (1960-1961/2010, p.57) ao tratar a dimensão do amor enquanto significante, ou seja, sua dimensão de metáfora, de substituição. E que a análise vem testemunhar através da produção de sentido, na relação significante- significado. Nesse ponto, entramos em terreno enigmático, uma vez que o que está em jogo são as particularidades dos sujeitos. Lacan então ressalta que a função do amante, do *erâstes*, enquanto sujeito da falta, vem no lugar, substitui a função de *erómenos*, o objeto amado, produzindo aqui a significação do amor.

Miller (2009) destaca a antinomia entre o gozo e o significante, trabalhada por Lacan no Seminário XX, “Mais, Ainda” de 1972-1973, acerca da função eminente da carta de amor, na medida em que o amor se constitui justamente na articulação do gozo com o Outro do significante. Miller (2009, p.244) destaca que a dita eleição de objeto freudiano equivale à inexistência da relação sexual, pois homens e mulheres não se reconhecem como tais e, ao contrário disso, o que se tem é a sua codificação através do discurso do amor.

O que se tem são signos específicos, sobretudo, a relação do mestre e do servo para cifrar a relação, com a questão sempre presente de quem é o mestre e de quem é o servo. Assim, Miller destaca que é sempre através da relação de poder que se trata de cifrar a relação sexual. É certo que o sujeito tenta cifrar a relação sexual a partir da relação entre o pai e a

mãe, no entanto, o autor destaca que a metáfora paterna nunca permite cifrar completamente a relação sexual.

Nesta direção, Miller (2009, p.245) destaca o ensino lacaniano que ressalta o não reconhecimento imediato do homem pela mulher, sem a eleição de uma referência ao Outro. Tal referência é a condição de amor a partir da qual o homem pode relacionar-se com a mulher e vice-versa. É o que Lacan (1972-1973/2008) destaca ao dizer que no sentido lógico a mulher eleita não pode ser toda do sujeito, isto é, para se reconhecer uma mulher como desejável é necessário introduzir um efeito de não-toda.

Ao retornarmos, contudo, ao Banquete, surge o discurso de Fedro acerca do amor, que se aproxima da teologia, do amor divino e de seus efeitos. A partir dele, Lacan introduz a concepção do amor como vínculo:

[...] Encontramos aqui um tema que, desde então, ficou um pouco desgastado nos desenvolvimentos da retórica, a saber que o amor é um vínculo contra o qual qualquer esforço humano viria se quebrar. Um exército feito de amados e amantes - a ilustração clássica subjacente é a famosa legião tebana - seria um exército invencível, na medida em que o amado, para o amante, tanto quanto o amante para o amado, são eminentemente suscetíveis de representar a mais alta autoridade moral, aquela diante da qual não se cede, aquela diante da qual não se pode ser desonrado. Esta noção alcança no seu ponto extremo, o amor como princípio do sacrifício último. (LACAN, 1960-1961/2010, p.64).

Ao conceituar o amor como vínculo, Lacan (1960-1961/2010) destaca o aspecto imaginário do amor, apoiado na imagem do outro, um aspecto simbólico, na medida em que obedece a certos traços; e o gozo, sendo um terceiro aspecto a ser considerado, como a dimensão do real. A discussão do amor pode ser realizada, portanto, a partir destes três níveis, que indicam que, ainda que haja discordâncias fundamentais, o amor permite o enlaçamento, a abertura de um sujeito ao outro. (MILLER, 2009, p.249). Abordaremos a dimensão real do amor posteriormente através da análise do Seminário XX, “Mais, ainda” de 1972-1973.

Há um paradoxo colocado nestas formulações acerca do amor: se no encontro amoroso de um casal há uma busca de um sujeito por algo nesse outro a que não encontra, ao contrário, o que encontra é justamente a falta, podemos também extrair da ideia do amor o fato de que é justamente a falta que favorece o vínculo. Eis a grande contradição do amor. O desejo que move a busca pelo amor é justamente o desejo pelo que falta. Podemos ainda afirmar que, nesta direção, o que se vê é um real em jogo no amor.

Neste sentido, torna-se fundamental a análise da estrutura do amor. Lacan ressalta: “[...] O ser do outro no desejo não é de modo algum um sujeito [...]. O outro enquanto visado no desejo é visado como objeto amado”(LACAN, 1960-1961/2010, p.71).Portanto, o autor

evidencia aqui a diferença entre o objeto de amor, recoberto pelas fantasias, e o ser do outro. O que leva o amante em direção ao amado é supor que ele tenha dentro de si algo precioso, que possa preencher o que lhe falta. E, assim, o amor necessita que este objeto que falta seja encarnado em uma pessoa, enquanto o desejo vai mais além desta, visa sempre a um objeto.

Para Lacan (1960-61/2010, p.72), o que inicia o movimento de que se trata no acesso ao outro que nos é dado pelo amor pode ser assim descrito:

[...] Esta mão que se estende para o fruto, para a rosa, para a chama que se inflama de repente, seu gesto de pegar, de atrair, de ativar é estreitamente solidário à maturação do fruto, à beleza da flor, ao flamejar da chama. Mas quando, nesse movimento de pegar, de atrair, de ativar, a mão foi longe o bastante em direção ao objeto, se do fruto, da flor, da chama, sai uma mão que se estende ao encontro da mão que é a de vocês, e neste momento, é a sua mão que se detém fixa na plenitude fechada do fruto, aberta da flor, na explosão de uma mão em chamas- então o que aí se produz é o amor. (LACAN, 1960-1961/2010, p. 72).

Muito embora estejamos situados no primeiro ensino de Lacan, o amor surge em uma estrutura de mito, isto é, se relaciona com o inexplicável do real, na medida em que se relaciona ao desejo. Lacan enfatiza que não se trata de uma relação de simetria ou retorno, ou melhor, não há simetria, pois a mão que se estende e aponta para a direção de um objeto e a mão que surge do outro lado é justamente o milagre (LACAN, 1960-61/2010, p.73).

Interessante que Fedro (PLATÃO, 2011) ressalta em seu discurso justamente o amor do amado pelo amante como uma virtude, ou seja, valoriza a posição feminina, a posição do amado:

[...] Mas com efeito, o que realmente mais admiram e honram os deuses é essa virtude que se forma em torno do amor, porém mais ainda admiram-na e apreciam e recompensam quando é o amado que gosta do amante do que quando é este daquele....Assim, pois, eu afirmo que o Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após a sua morte. (PLATÃO, 2011, p.11).

O discurso de Pausânias, entretanto, ressalta o lugar do amado como aquele de quem menos sabe, menos capaz de julgar a virtude da relação entre ele e o amante. Assim, para ele, a virtude estaria no amante, no modo pelo qual sua escolha se dirige, segundo o que vai buscar no amado: “O que vai buscar no amado é algo para lhe dar”. Para Lacan (1960-61/2010, p. 76), ambos irão se encontrar nesse ponto de encontro do discurso, onde terá lugar a conjunção, a coincidência.

Muito embora possamos perceber um grande enfoque dado por Lacan a questão da dissimetria inerente à própria estrutura do amor, surge também uma outra significação que aponta para um ponto de encontro entre discursos diversos. Importante a citação:

[...] Esta virtude está igualmente no amante, a saber no modo pelo qual sua escolha se dirige, segundo aquilo que ele vai buscar no amado. O que ele vai buscar no amado é algo para lhe dar. Ambos vão se encontrar neste ponto que ele chama, em algum lugar de ponto de encontro do discurso, onde terá lugar a conjunção, a coincidência. (Lacan, 1960-1961/2010, p.76).

Para Allouch (2010) em “Esboço da Psicanálise” de 1938-1940, Freud afirma que o Eros do Divino Platão coincide perfeitamente em sua origem, suas realizações e sua relação com o amor entre os sexos, com a energia amorosa, isto é, a libido da psicanálise. Com Lacan não se pode falar em energia amorosa, sendo a libido para ele não a energia do amor, mas antes do desejo. Jamais podendo se conceber o amor como uma entidade regularmente constituída. Sobre isso, Lacan afirma:

Não se trata do amor enquanto Eros- presença universal de um poder de ligação entre os sujeitos, subjacente a toda realidade na qual se desloca a análise- mas do amor paixão, tal como é concretamente vivido pelo sujeito como uma espécie de catástrofe psicológica. (LACAN, 1953-1954/1975, p.129-130).

Neste sentido, podemos concluir que em Lacan o que aparece quando nos voltamos ao entendimento do amor é justamente a dissimetria que lhe é inerente e a dimensão do desejo como algo que move a busca do objeto amoroso, não sendo possível abordá-lo como algo previamente constituído, na medida em que não há um objeto adequado à satisfação da pulsão. Sendo assim, o que se tem é uma infinita inquietude do amor.

Segundo Allouch (2010), nos “Escritos Técnicos de Freud” de 1953, Lacan retém o caráter narcísico do amor, o que, segundo seus registros, imaginário, simbólico e real corresponderia a situar o amor no registro do imaginário. Assim, o amor exalta o imaginário, quase anulando a dimensão simbólica:

O amor é um fenômeno que acontece no nível imaginário e que provoca uma verdadeira subdução do simbólico, uma espécie de anulação, de perturbação da função do ideal do eu. O amor abre a porta- como escreve Freud- que carrega nas tintas à perfeição. (LACAN, 1953/1975, p.130).

Contudo, Lacan, citado por Allouch (2010), sustenta que o simbólico passa embaixo do imaginário, quando no imaginário ocorre o fenômeno amoroso. Trata-se do próprio eu-

moi- que é amado no amor, seu próprio eu, realizado no nível imaginário. Contudo, o autor aponta a necessidade de se compreender bem o que seria o ideal do eu, enquanto uma instância simbólica, uma vez que constitui um ponto pivô para o entendimento do amor simbólico. A esse respeito, temos:

[...] Sempre que o sujeito é cativado por um dos seus semelhantes, pois bem o desejo volta no sujeito. Mas volta verbalizado. Em outras palavras, sempre que ocorrem as identificações objetais do Ideal do Eu, surge esse fenômeno, a *Verliebtheit*. (Allouch, 2010, p.69)².

Para Allouch (2010) é neste sentido que podemos reencontrar o laço entre amor e transferência situado justamente no valor da fala.

No Seminário IV, “A relação de Objeto” de 1956-57, vimos que a fórmula “Amar é dar o que não se tem” é situada em relação ao dom de amor, colocado do lado das mulheres, que devem retribuir o falo simbólico recebido pelo amor do homem por elas.

Já no Seminário XX, “Mais, Ainda” de 1972-73, Lacan aborda a questão do amor como algo que implica a própria dimensão de sua demanda. Quando formula que o amor visa ao ser, indica que o amor está para além do que busca encontrar no objeto, o que aponta para uma proximidade com a dimensão do significante (LACAN, 1972-73/2008, p. 45).

É nesta direção que Lacan, posteriormente em 1972-73, afirma sua referência em relação ao amor erotomaníaco, no qual a mulher ama a partir da suposição inicial de que é amada, ou seja, apesar da ideia do amor como algo estrutural para os sujeitos femininos, ele provém do Outro. É com esse amor que recebe que ela então endereça sua demanda de amor.

Segundo Zalcberg (2007), a demanda de amor feminina é justamente uma demanda de que o Outro fale, no entanto, esta não visa apenas ao significante do Outro, mas visa ao gozo. Amar com o amor que o Outro pode dar é um amor que demanda a palavra. A mulher busca no amor substância para o seu ser, algo a que a mãe não pôde lhe dar. Veremos que a insistência da demanda de amor conduz para a devastação. Interessante a citação:

A mulher quer que o homem a ame e lhe diga algo sobre o insondável de seu ser feminino. Só que com isso, ela institui o impossível do amor na medida em que o homem só pode amar uma mulher enquanto ela ocupa o lugar de objeto em sua fantasia, nunca como mulher enquanto tal. (ZALCBERG, 2007, p.160).

² *Verliebtheit*- Quando apaixonada a libido é deslocada para o objeto, trata-se de uma revelação narcísica, imaginária, miragem, ilusão de unidade, de completitude. (Freud, “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução” de 1914).

Em todo caso, Zalcberg (2007) chama a nossa atenção ao afirmar que a demanda feminina por palavras de amor não deixa de se apresentar como um convite para o homem sair da limitação de sua fantasia que se passa no silêncio e mergulhar na alteridade, na abertura para o Outro.

Laurent (2010) também enfatiza essa necessidade feminina de localizar o amor nas palavras do Outro:

Do lado mulher, é necessário entretanto, que o ser amado fale: “Fale-me”. Ela não pode consentir a sexualidade, a não ser após uma longa preparação, que consiste essencialmente em ser envolvida com palavras, isso para que o sujeito consinta. Há toda uma dissimetria que faz parte da comicidade e das dificuldades do amor, o famoso “fale-me, você não me fala o suficiente”. (LAURENT, 2010, p.59).

Podemos concluir que Lacan, no Seminário VIII, “A Transferência” de 1960-61, situa o amor como consequência da impossibilidade de completude, entretanto ele se manifesta como o que possibilita uma suplência ao ser, que parece se localizar justamente nesse ponto de encontro entre discursos diferentes. O amor favorece uma construção imaginária, na qual o sujeito supõe que o outro possui o que ele necessita.

Mas também pode ser pensado a partir da vertente simbólica, na qual há uma demanda de amor para o Outro que pode responder ou não; e que, ao responder, o faz de distintos modos. Ao buscar dar algo para o Outro do amor, estamos situados naquilo que Lacan nomeou como ponto de encontro entre discursos.

Podemos verificar, desta maneira, que Lacan mantém as duas ideias referentes ao amor. A ideia de que não há um objeto adequado à satisfação da pulsão – o que justifica a inquietude na escolha dos objetos amorosos e a peremptoriedade do amor – e também a ideia de que amor é algo que favorece a troca entre discursos diversos, ou seja, há uma conjunção de discursos quando o amante busca dar algo para o amado. Sendo assim, podemos afirmar que o amor é o que favorece a abertura de um sujeito ao Outro e o que promove o vínculo entre dois sujeitos. Contudo somos levados a colocar a questão do amor no registro real. Efetivamente, isto só será formalizado a partir do Seminário XX, “Mais, Ainda” de 1972-1973, que será abordado mais detidamente no item 3.3: “O Gozo Feminino e o Amor”.

3.1.3 O amor depois do objeto “a”

No Seminário X, A Angústia de 1962-1963, Lacan retoma a sua máxima: “Amar é dar o que não se tem”. Neste momento aborda a relação entre o homem e a mulher a partir do que

ele nomeou como um mal-entendido estrutural. O autor, contudo, pondera que falar em mal-entendido não equivale necessariamente ao fracasso. Afirma que há um real, sempre subentendido, mas que o gozo é alcançado justamente pela via do mal-entendido.

Lacan (1962-1963/2005, p.197) então propõe seu importante aforismo: “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo”. Assim, podemos entender que há sempre no amor uma perda, uma renúncia ao gozo, muito embora o amor em si comporte a dimensão do gozo, como vimos ao discutir as ditas “condições de amor”.

Lacan (1962-1963/2005) afirma que o objeto “a” nada mais é do que o acesso ao Outro, e não ao gozo (Lacan, 1962-1963/2005, p.198). O objeto “a” aparece como o que resta da operação de entrada do sujeito no Outro. Assim, quando o sujeito se propõe como desejante, “*eron*”, ele se propõe a partir da falta de “a”, sendo por esta via que ele se abre para a dimensão do gozo. Lacan diz que desejar o Outro equivale a desejar o “a”.

Lacan ressalta o caráter de aporia dessa posição desejante, na medida em que o sujeito, ao se abrir para a dimensão do gozo do seu ser, se oferece, tornando-se “*erómenos*”, amável. O que não deixa de evidenciar a dimensão do mal-entendido estrutural da relação entre os sexos. Neste ponto, Lacan enfatiza o desencadeamento da angústia do Outro justamente por não fazermos dele mais do que o “a”, ou seja, mais do que um objeto.

Lacan então (1962-1963/2005, p.199) aborda o caminho que condescende ao desejo afirmando que o que o Outro deseja, mesmo que ele não o saiba, é necessariamente a angústia do Outro. O autor afirma que a mulher supera a sua angústia por amor.

O que ele evidencia, neste sentido, é que, na medida em que a mulher deseja o gozo do homem, ou seja, que busca usufruir dele, a mulher suscita a sua angústia, uma vez que só há desejo realizável na castração. Lacan (1962-1963/2005, p.199) afirma: “Na medida em que se trata de gozo, ou seja, em que é o meu ser que ela quer, a mulher só pode atingi-lo ao me castrar”.

Lacan faz uma afirmação intrigante em relação à chave da função do objeto do desejo: “[...] o que salta aos olhos é que não falta nada à mulher (LACAN, 1962-1963/2005, p.200)”. Ele ressalta que o *penisneid* não deve ser considerado um termo final. Para ele, a mulher nada tem a desejar, o que no caminho do gozo não resolve para elas em absoluto a questão do desejo, sendo que a função do “a” exerce todo o seu papel para elas. Segundo Lacan, interessar-se pelo objeto como objeto do desejo do homem cria menos problemas para elas.

Neste sentido, importante localizarmos que a prevalência da dimensão imaginária, a qual, frequentemente escutamos dos sujeitos femininos que se apresentam presos a um imaginário da falta, surge como algo a que análise pode ofertar um deslocamento possível, a

fim de promover a retificação da posição subjetiva, o que marca um novo momento na relação do sujeito com o Outro. O que incidirá conseqüentemente sobre a relação amorosa.

Estas formulações lacanianas nos levam a pensar que a experiência amorosa muito frequentemente desperta nos sujeitos angústia, no entanto, interessa saber, a partir da clínica contemporânea, como o desejo feminino se apresenta e como podemos pensar a articulação entre desejo e gozo, sobretudo pela via do amor.

Nesta direção, Lacan afirma (1962-1963/2005, p.202) que a mulher revela-se superior no campo do gozo, porque o seu vínculo com o nó do desejo é bem mais frouxo e, assim, a falta que constitui o centro do desejo do homem não constitui para a mulher um nó necessário.

As articulações lacanianas (1962-1963/2005) nos sugerem uma dificuldade em dissociar desejo e gozo, em se tratando de amor. Lacan afirma que a mulher deseja o ser do homem, assim ele nos sugere que ela alcança algo para além do objeto e assim podemos dizer de uma proximidade dos sujeitos femininos no campo do amor. (LACAN, 1962-1963/2005, p.199)

Outro aspecto que chama a atenção se refere à formulação de que a mulher nada tem a desejar (LACAN, 1962-1963/2005, p.200). Neste momento, Lacan parece sugerir uma aproximação entre a mulher e o nada, sendo neste lugar que ela se aloja para se constituir enquanto objeto do desejo do homem. Tais ideias parecem corroborar a proposição anterior de que o amor visa a um ponto atrás do véu, que é justamente o nada, ou seja, há aqui uma aproximação da mulher com o objeto “a” e, portanto, com a dimensão do real.

Lacan nesse seminário faz menção ao vaso, às peças de cerâmica, dizendo que, quando as encontramos, podemos ter certeza que a civilização está formada. Assim, diz que, mesmo que não saibamos traduzir o que se encontra pintado em suas paredes, há algo fundamental: “[...] é que no vaso há tudo. O vaso basta; a relação do homem com o objeto e com o desejo está inteira nele, sensível e sobrevivente” (LACAN, 1962-1963/2005, p.205).

A partir desta formulação, Lacan afirma que o vaso feminino se basta, mesmo que seja para se consumir burramente. Não lhe falta nada. A presença do objeto se encontra ali. Esta presença não está ligada à falta do objeto, causa do desejo, ao ω , a que está ligada no homem. A metáfora do vaso apresentada por Lacan auxilia a pensarmos sobre o engano que comporta o registro imaginário, do qual nos alimentamos, e conservamos a ideia da mulher como um ser inferior, faltoso. Na medida em que afirma que no vaso há tudo, ele se basta.

Segundo Lacan (1962-1963/2005, p.209), enquanto no homem a angústia advém da possibilidade do não poder, na mulher o que importa é apreender a sua ligação com as

possibilidades infinitas, indeterminadas de seu desejo. Para a mulher é o desejo do Outro que lhe interessa.

Lacan (1962-1963/2005) afirma que é do preço atribuído ao desejo que depende, a cada momento, o modo e o nível do amor. Sendo o amor feito da idealização do desejo.

Para o autor, no homem, o objeto é a condição do desejo. O gozo depende dessa questão. E o desejo encobre a angústia. Já para a mulher, o desejo do Outro é o meio encontrado para que seu gozo tenha um objeto conveniente. A angústia da mulher diante do desejo do Outro se dá por não saber muito bem sobre o que está encoberto. Lacan coloca do lado do homem a impostura, e do lado da mulher, a farsa. O que será discutido mais adiante ao tratarmos da questão dos semblantes e da mascarada.

A discussão do Seminário X, “A angústia” de 1962-1963, conduz a questão anteriormente apontada por Freud em relação à dissimetria fundamental presente na relação entre o homem e a mulher. O que se torna mais claro a partir de suas formulações em relação a modos distintos de gozo. O amor surge neste momento de seu ensino como algo que implica uma perda de gozo e que cumpre uma função importante para as mulheres, na medida em que superam sua angústia pela via do amor.

Harari (1997, p.140) comenta o aforismo lacaniano: “Apenas o amor permite ao gozo condescender ao desejo”, trazendo à tona a dimensão narcísica inerente ao amor, na medida em que amar corresponde ao desejo de ser amado. Trata-se da dimensão interlocutiva do amor, bem como de seu engano constitutivo. O autor enfatiza que o modo como o gozo pode condescender ao desejo se dá justamente pela via do amor.

Harari (1997, p.140) destaca que as formas e modalidades com que o amor surge e se implanta no sujeito são inseparáveis do discurso, assim: “[...] amor indica cultura, história e por conseguinte, significante.” Enfatiza-se a ideia de que o amor é um fato de significante, não se tratando de um dom inefável, próprio do humano. O autor une o aforismo anterior ao seguinte: “[...] O amor é a sublimação do desejo”. Assim afirma: “[...] O gozo condescende ao desejo, sempre e quando este último se transmute para essa condição chamada amor, circunstância que advém mediante a sublimação” (HARARI, 1997, p.141). Ele aponta a cultura como a responsável pela transformação viável do desejo em amor.

Um aspecto também ressaltado por Harari (1997) ao comentar o Seminário X, “A Angústia” de 1962-1963, é a importante diferenciação entre o campo do amor e do desejo. Para isso, faz menção à figura clássica trabalhada por Lacan em momentos distintos de seu ensino, nomeada como *amor cortês*. Trata-se de uma modalidade amorosa que consiste em amar renunciando à aproximação física do ser amado. Sobre isso, Harari afirma:

Se na ordem do desejo o corporal é decisivo, já que possui uma condição de causalidade e de peremptoriedade, no amor sua presença manifesta-se de modo mais esquivo, inclusive sobre o desígnio de estabelecê-lo como um objeto de evitação constante- ou de substituição por sucedâneos fetichizados -, segundo ocorre no discurso do amor cortês. (HARARI, 1997, p.144).

O autor nos chama a atenção para a articulação do amor com o gozo, a angústia e o desejo. Comenta que o homem, ao propor-se como *erón*, como desejante, transforma a mulher em “a”. Já que ser desejante é propor-se como falta de “a”, abrindo-se assim para o gozo do seu ser. Ao tornar a mulher objeto, ele nada mais faz senão despertar a angústia nesta, ou seja, o homem coloca a mulher de modo sistemático como o fragmento de si que pretende recuperar. Entretanto, ressalta que como *erómenos* pretende ser amável, há um declínio dessa posição conseguindo que o amor sublimado permita ao gozo condescender ao desejo.

Segundo Harari (1997), Lacan responde sobre o desejo feminino a partir da ideia do fantasma masculino, conhecido como masoquismo feminino. E assinala o fantasma feminino como o mito do Don Juan. É neste sentido que Lacan responde à inquietude de Freud que considerava a sexualidade feminina como um continente obscuro: “[...] A mulher quer gozar do homem; quer seu gozo, quer gozar dele. Quer o ser do homem e assim suscita a sua angústia” (HARARI, 1997, p.146).

As formulações realizadas favorecem nossa compreensão acerca da mulher não como um ser desprovido, marcado pela falta – o que é destacado pela ideia do *penisneid* –, mas ao contrário, como o “querer gozar do homem”, querer o seu ser e assim suscitar sua angústia. Neste sentido, a experiência do amor se aproxima do gozo feminino, na medida em que o amor parece representar o próprio modo de gozo feminino. É pela via do amor que a mulher entra em relação com o homem, sendo fundamental tratarmos dos diferentes modos de apresentação do amor na atualidade, o que será discutido no capítulo três.

Soler (1998) em “O Amor Sintoma” define o amor como um laço entre os seres falantes, isto é, como uma relação de parceria sexual, na qual se põe em jogo a dimensão sentimental do amor, desejo e gozo. Contudo, reitera a dissimetria sexual entre homens e mulheres, apontada por Freud em “O Mal Estar na Civilização” de 1930. A partir do que Lacan nomeou como “maldição do sexo” em Televisão de 1974. A maldição provém do inconsciente estruturado como uma linguagem que separa de maneira irreduzível o um do Outro. O que deflagra que os dois modos de gozo são incomensuráveis, na medida em que o

gozo do Um fálico³ não se relaciona de todo com o gozo do Outro. Sobre isso, Soler (1998) afirma:

Assim é o inconsciente, promete a cada sujeito um destino de solidão, inclusive no âmbito da relação amorosa. Por isso, Lacan falou de amuro para evocar o muro que separa os dois sujeitos de uma parceria amorosa. (SOLER, 1998, p.33).

Estes apontamentos tornam mais evidente o desencontro estrutural do amor em razão da existência de distintos modos de enlaçamento dos sujeitos com o Outro do amor, que, por sua vez, também se enlaça de modos diversos. A dissimetria sexual pode então ser pensada como consequência de distintas amarrações que os sujeitos realizam entre amor, desejo e gozo; dimensões que devem ser consideradas em cada caso clínico.

Há, por sua vez, uma função eminente do amor ao favorecer o laço entre dois sujeitos. Soler (1998, p.34) enfatiza sua função borromeana, na qual o inconsciente permite ligar o real do gozo com o laço imaginário simbólico do outro sujeito. O amor é o que permite transformar o gozo autista, solitário, em uma abertura para o outro. Neste sentido, o amor permite ao sujeito estabelecer outra relação com o seu gozo. Podemos dizer que, enquanto o gozo aponta para uma fixidez, o amor é o que enlaça um sujeito ao Outro, permite a transformação do gozo autoerótico para o laço com o Outro.

3.2 O Amor Feminino: uma Forma Erotomaníaca

A fórmula erotomaníaca de amar é elaborada por Lacan em “A Significação do Falo” de 1958, momento em que traz importantes concepções. Veremos em trabalhos posteriores que essa concepção é mantida até o final de seu ensino.

Conforme observamos, Lacan (1958/1998, p.697) articula o conceito de falo com o de linguagem ao defini-lo como um significante, destinado a designar os efeitos de significado. Assim, ele enfatiza que somente a partir de uma medida trazida pelo falo é que o sujeito pode responder às necessidades de seu parceiro na relação sexual.

Lacan, portanto, situa o complexo de castração inconsciente, trabalhado por Freud, em sua função de nó. A partir daí traz uma importante contribuição no que toca à relação entre os sexos:

³ Gozo do idiota ou gozo do Um- modo de gozo do próprio corpo e que tem como característica não aludir ao Outro como tal. (ZALCBURG, 2007, p. 157). Revela-se na importância da masturbação observada em nossa prática clínica (LACAN, 1973/2008, p. 87).

[...] instalação de uma posição inconsciente, sem a qual o sujeito não pode se identificar com o tipo ideal de seu sexo e nem responder as necessidades de seu parceiro na relação sexual ou acolher com justeza as da criança daí procriada. (LACAN, 1958/1998, p.692).

A forma erotomaníaca do amor expressa a forma feminina de amar, a qual evidencia a presença da lógica fálica como a que organiza a diferença sexual e, portanto, a relação entre os sexos. Contudo, veremos que, quando Lacan em 1972 retoma as duas formas de gozo, a partir das fórmulas da sexuação, trazendo as duas formas de amor – a forma fetichista e a forma erotomaníaca – ele explicita que algo para além da lógica fálica se apresenta na dimensão do amor.

Lacan a formaliza a partir do conceito de máscara que define um modo de mediar a relação entre o homem e a mulher, na medida em que não há uma norma fixa, instintiva para predizer as relações sexuais, restando aos sujeitos parecerem “homens” ou “mulheres”. A máscara é uma solução do lado do ideal a partir de onde os sujeitos se situam em posições femininas ou masculinas.

Lacan (1958/1998) define a mascarada como uma estratégia fálica a que a mulher se entrega vestindo-se de falo, recobrando-se com um brilho na tentativa de apresentar-se enquanto um ideal para o outro e, assim, tamponar a dimensão da castração. Contudo, Guimarães (2005) afirma que as mulheres contemporâneas constroem tantos atributos fálicos em nome do amor, que há, ao contrário, um tamponamento da falta e, assim, do amor.

Sobre a mascarada, Lacan ressalta uma questão extremamente intrigante ao afirmar:

[...] Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada. (LACAN, 1958/1998, p.702).

Neste sentido, podemos pensar na complexidade que envolve a dimensão amorosa para os sujeitos femininos, uma vez que o amor parece exigir justamente uma perda, ou seja, algo da feminilidade é perdida quando a mulher se reveste na mascarada de atributos fálicos na tentativa de fazer laço com o Outro do amor. Muito embora tais atributos possam “parecer” femininos. Observemos que muitas mulheres se instalam confortavelmente nessa lógica fálica.

Como observamos, Lacan (1958/1998) desdobra a vertente fálica, proposta por Freud em “A Feminilidade” de 1932 que situa os sujeitos na lógica do “ter ou não ter o falo”, na

lógica do “ser o falo” e, assim, propõe que é justamente por não ter o falo que a mulher se torna o falo, ela se transforma naquilo que ela não tem. É a ausência do falo que a condiciona ao lugar de objeto fálico, o que significa dizer que ela só se torna objeto do desejo do homem na condição de encarnar para ele a significação da castração. A mulher é então convocada a esse lugar, de objeto fálico, para que possa se tornar objeto causa do desejo do homem.

Miller (2003) aponta como essa estrutura no nível do ter repercute no nível do ser para os sujeitos femininos. Afirma que esta incide sobre o nível do objeto, ou seja, sobre a forma como cada um dos seres sexuados impõe-se ao seu parceiro amoroso. Para Miller, a forma erotomaniaca de amar supõe que o objeto é menos objetal do que do lado masculino, trata-se de um objeto suporte do amor. Devido a isso, Lacan o marca com um grande \bar{A} barrado, que o distingue da compacidade do pequeno “a”. A esse respeito, interessante a citação: “O que é aí indicado por Lacan é que no macho, o desejo passa pelo gozo, quer dizer, requer o mais-degozar, enquanto que, na mulher, o desejo passa pelo amor” (MILLER, 2003, p.18).

Segundo Miller (2003, p.27), essas duas formas distintas de amar indicam o que um sexo vai procurar no Outro, isto é, a forma como se impõe a seu objeto; havendo, portanto, dois objetos: o objeto fetiche e o objeto erotomaniaco. No objeto erotomaniaco, a fala do Outro é um elemento intrínseco ao gozo, enquanto no objeto fetiche trata-se de um objeto que não fala, objeto inerte, há uma exigência de gozo que permite que a fala permaneça fora do jogo.

Como dissemos anteriormente, a forma erotomaniaca se refere à própria dimensão do falo, enquanto significante do desejo. Lacan (1958/1998) ressalta o desejo da mulher pelo falo, cujo homem é portador. Ela encontra o significante do seu desejo no corpo daquele a quem se destina sua demanda de amor. Assim, a mulher ama o parceiro, na medida em que ele dá o que ele não tem.

A forma erotomaniaca de amor (1958/1998) implica a substituição do amante pelo amado, isto é, a mulher só se permite amar a partir da suposição inicial de que é amada. Ela ama com o amor que pode receber do Outro. Na medida em que se sente amada, faz do amante o objeto amado e, assim, mostra-se ativa em relação ao amor.

Portanto, Lacan, em “A Significação do Falo” de 1958, introduz uma relação mais complexa da mulher com o falo, na medida em que não se trata de “ter o falo”, mas de sê-lo, de parecer-se com ele. Dessa maneira, a mascarada vem se acrescentar à formulação lacaniana do desejo feminino enquanto um modo particular da mulher se relacionar com o falo. Podemos afirmar que há aqui uma aparente convergência entre amor e desejo no mesmo objeto.

Interessante que um pouco antes, Lacan (1956-1957/1995) propõe um jogo de cena na forma de amar da mulher, no qual há um homem na frente do véu e outro por trás. Na frente do véu, há o parceiro sexual no corpo de quem a mulher vai encontrar o significante do seu desejo. Contudo, atrás do véu, aparecem os efeitos da castração que a mulher imputa ao homem, sob a forma do amante castrado ou do homem morto. O desejo feminino visa, portanto, ao parceiro na frente do véu. No entanto, o seu parceiro de amor é convocado em um ponto atrás do véu, segundo a forma erotomaníaca que supõe o amor desse Outro velado pelo recalque. Neste sentido, o parceiro sexual não ocupa um lugar de adoração para a mulher, ao contrário, surge como uma figura submetida à castração, o que Lacan denomina como o íncubo ideal.

Em “Observações sobre o Informe de Daniel Lagache” de 1960, Lacan situa o desejo masculino e o feminino na dialética do amor e do desejo. O desejo masculino é representado pelo matema: $\Phi(a)$, sendo Φ o significante do gozo e do desejo; e o objeto “a”, a mulher, ou seja, a mulher no lugar do significante fálico.

O desejo feminino é escrito como desejo de falo, o falo imaginário, o pênis fetichizado como falo que a mulher vai encontrar no parceiro sexual, no lugar de Λ . Trata-se de uma falta que produz o desejo pelo falo, a inveja do pênis, a nostalgia da “falta-a-ter”. Esta fórmula do desejo feminino, proposta por Lacan, equivale ao fim da análise freudiano, ao *penisneid*, que é justamente o que encaminha as mulheres em direção ao desejo.

A forma erotomaníaca de amor, do lado feminino, significa que a mulher ama de uma forma delirante, visto que está suspensa ao Outro. O amor da mulher é marcado pela incerteza.

Para Lacan (1960/1998), a mulher encontra o significante fálico no corpo do seu parceiro sexual, ao qual ela dirige a sua demanda de amor. Entretanto, esse traço fálico não lhe dá garantia alguma do amor do parceiro e, assim, ela permanece esperando um sinal de amor, que aparece na forma erotomaníaca de um: “Ele me ama?” É um amor marcado eternamente pela dúvida, pois no final das contas o amor dela não é dirigido ao parceiro. O jogo de escamoteio se situa do lado da mulher, pois ela diz amar o seu parceiro, quando na realidade se trata de outro objeto de amor, que Lacan situa como o íncubo ideal.

Relativamente ao homem, este ama uma mulher a quem designa: “Tu és minha mulher”, para receber sua própria mensagem de forma invertida: “Eu sou teu homem”, situando-o na partilha dos sexos, pois o significante do falo a constitui como alguém que oferta no amor aquilo que não tem. Contudo, Lacan irá dizer que o desejo do homem se situa

para além dessa mulher, isto é, seu próprio desejo de falo faz surgir seu significante em outra mulher, que pode vir a significar o falo de modos diversos: prostituta, virgem, entre outras.

Lacan define a forma fetichista de amar, a forma masculina, a partir desse revestimento fálico que o homem faz da mulher para velar o horror da castração, impedindo assim que ele veja a mulher como o Outro sexo. Lacan afirma que o homem faz da mulher o seu falo para que possa desejá-la e gozar de seu corpo. O autor afirma que somente assim é possível ao homem abordar uma mulher.

Em “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina” de 1962, Lacan aponta antecedentes do que desenvolve posteriormente sobre o gozo outro, o acesso da mulher a um gozo outro, a lógica do não-todo, que ultrapassa o gozo fálico. O amor surge como algo que traz um efeito de ser, da ordem do semblante para os sujeitos femininos. Contudo há um gozo aí envolvido para além do que a mascarada renuncia pela via dos semblantes.

É neste sentido que Lacan (1962/1998) aponta neste trabalho o acesso que leva a sexualidade feminina ao próprio desejo, ou seja, a presença da mulher na relação sexual não implica necessariamente a existência do seu desejo, sendo preciso deduzi-lo, o que não pode ser dito em relação ao homem, já que com este partimos do seu desejo e assim compreendemos a sua presença na relação sexual.

Assim Lacan (1962/1998) especifica a posição feminina como um “querer gozar” tanto quanto o homem deseja e é deste modo que responde à pergunta de Freud sobre “O que quer a mulher?”

Dessa forma, podemos afirmar que, em 1962, Lacan demonstra a existência da aparente convergência entre amor e desejo, tendo em vista que o que é revelado é justamente a duplicidade do sujeito feminino que se apresenta encoberta. O que será desvelado em 1973 a partir das fórmulas da sexuação.

Interessante que as proposições de Lacan levam a um ponto de encontro entre a questão do gozo feminino e o amor, na medida em que ambos apontam para uma dimensão do ilimitado, nos sugerindo que há aí um traço de real em jogo.

Posteriormente, em “O Aturdido” de 1972, Lacan afirma que a lógica fálica não regula todo o campo do gozo. Por isso, algo permanece real. Assim, quando, afirma que a mulher não existe (1973/1998, p.67), o que ele nos aponta é justamente a existência desse gozo real.

Lacan afirma: “Não há relação sexual” (1972-1973/1998, p.454), o que aponta para a impossibilidade da complementariedade entre os sexos, auxiliando-nos a pensar no amor como algo da ordem da contingência. Além disso, enfatiza a função de suplência

desempenhada pelo amor: “Não há nenhum exagero, no que concerne ao que a experiência nos oferece, em situar na questão central do ser ou do ter o falo a função que supre a relação sexual” (LACAN, 1972/1998, p.457)”.

Tais contribuições de Lacan auxiliam na clínica, na medida em que, para pensarmos as questões referentes ao amor, é fundamental identificarmos o que pode ser atribuído à lógica fálica; e o que aponta para além disso, que se trata do gozo feminino, da lógica do não-todo fálico, a qual deve ser considerada nos diferentes modos de enlaçamento dos sujeitos femininos ao outro. O que implica perguntarmos quais as incidências desse gozo suplementar nas subjetividades e no amor.

Há em Freud a ideia de que a mulher compensa a sua falta fálica através do amor do homem, o que auxilia na suposição inicial de que há nos sujeitos femininos uma relação privilegiada com o amor no sentido de sua constante busca por ele. Contudo, Lacan (1972/2008) aborda o ser da mulher como dividido entre o que ela é para o outro e o que ela é como sujeito do desejo, isto é, entre seu ser complementar da castração masculina e o seu ser como sujeito do inconsciente.

Assim, ao formalizar a tábua da sexuação, em 1972, Lacan demonstra a dimensão da mulher como “não-toda” inscrita na lógica fálica; sobrando, assim, o gozo feminino como esta parte que não é contabilizável, enunciável, inserida no registro do real; o que na clínica aparece no desmedido das mulheres em suas demandas infinitas de amor. Tais questões implicam dizer que Lacan, nesse momento, ultrapassa a lógica do “ser ou ter o falo” indo em direção à articulação da mulher com o registro do real.

Segundo Soler (1998), Lacan observou que o lugar da mulher no casal sexual não tem como causa direta o seu desejo próprio, mas sim o desejo do outro. Para a mulher, basta que se deixe desejar, que consinta para que se inscreva na relação sexual. O que deixa sem resposta a questão do seu desejo.

Soler (1998) aponta que Freud partiu do papel erótico, “ser possuído genitalmente”, para a disposição subjetiva que é suposta lhe corresponder: “ser amada pelo pai”. O que leva a pensarmos que é em nome do desejo de ser amada que a mulher se inscreve na relação sexual.

A partir das proposições lacanianas, por outro lado, temos elementos para supor que, em se tratando das coisas do amor, surgem complicações, pois o feminino evidencia uma divisão em relação ao desejo, justamente por ela ser a única a ser ultrapassada por seu gozo. Sobre isso, Lacan afirma:

Mas é também nisso que se apreende o que há por aprender, isto é, que, mesmo que se satisfaça a exigência do amor, o gozo que se tem da mulher a divide, fazendo-a parceira de sua solidão, enquanto a união permanece na soleira. (LACAN, 1972/2008, p.467).

Assim, podemos dizer de uma complexidade no que concerne à mulher em suas relações com o amor, porque, ainda que sua intensa exigência de amor seja atendida, resta um gozo vivido em solidão, o que a clínica evidencia em diferentes arranjos.

No que se refere à posição feminina, Soler (1998), apoiada no ensino lacaniano, propõe uma clínica diferencial em relação à posição histérica, o que não implica que as duas posições não possam coexistir. A autora aponta que, enquanto a mulher quer gozar, a histérica quer ser, ser qualquer coisa para o outro, um objeto precioso, agalmático, que subentende o desejo e o amor.

Para Soler (1998), o amor feminino pode ser pensado como um amor ciumento, pois ele demanda o ser. Lacan (1958/1998) aponta que a demanda de amor é um esforço para corrigir a “falta-a-ser” sendo a falta do Outro. É neste sentido, que Lacan afirma a função do amor como aquela que faz suplência à inexistência da relação sexual, ou seja, como algo que vem corrigir temporariamente a castração.

Miller, em “Uma partilha sexual” de 2003, lembra a importante questão trazida por Lacan em seu Seminário XX, “Mais, Ainda” de 1972-1973, em relação à outra satisfação, a do “blá-blá-blá”. Sobre isso, ele afirma:

É exatamente o gozo erotomaniaco, no sentido que se trata de um gozo que necessita que seu objeto fale. É por isso que é um gozo que necessita que se passe pelo amor, enquanto o gozo do lado masculino não necessita disso, ele não necessita do gozo da fala. Sendo que o amor não é pensável sem a fala. (MILLER, 2003, p.28).

A questão da fala se apresenta de modo extremamente evidente na clínica do lado dos sujeitos femininos que demandam constantemente do Outro do amor a fala, já que há um apelo e pedido constante de que o sujeito lhe diga palavras de amor. O amor aparece inserido no registro discursivo.

Soler (2003) afirma que há no “Aturdito” de 1972 uma importante mudança. Em 1958, Lacan afirma que é pelo que ela não é que ela pretende ser amada, ao mesmo tempo em que desejada. Assim, sacrifica na mascarada uma parte essencial de sua feminilidade – única saída para atuar como causa do desejo do homem. No “Aturdito” de 1972 e no Seminário XX, “Mais, Ainda” de 1972-1973, Lacan aborda a posição feminina a partir do gozo, o gozo Outro, suplementar, que não é um gozo identificatório, mas antes um gozo que ultrapassa o

sujeito. É porque o gozo a ultrapassa e não a identifica que ela se esforça para se identificar através do amor de um homem, exigindo ser a única.

Segundo Marcos (2011), o semblante é a característica mesma do discurso, mas é o real do gozo, ao qual as mulheres tem acesso; o que permite lembrar sua dupla face voltada para o real e para o simbólico.

Uma outra versão da mascarada surge em “Televisão” de 1974 quando então Lacan traz a vertente da ausência de limites nas concessões que a mulher realiza para o homem em nome do amor. Apresenta a posição feminina enquanto uma posição de objeto a que a mulher se presta, buscando atender à fantasia masculina. Trata-se de um “parecer”, “fazer semblante”, e não propriamente de uma identificação da mulher com o lugar de objeto:

[...] Assim o universal do que elas desejam é loucura: todas as mulheres são loucas, como se diz. É justamente por isso que elas não são todas, isto é, não-loucas de todo, antes conciliadoras: a tal ponto que não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens. (LACAN, 1974/2003, p.70).

Lacan (1974/2003, p.71) afirma que o “para-o-que-der-e-vier”, a mascarada feminina se constitui como um preparar-se para que a fantasia do homem encontre nela a sua hora da verdade, o que significa que não há limites nas concessões que realiza em nome do amor. Lacan conclui suas proposições afirmando a ideia do amor não como um sentido dado *a priori*, mas antes como a doação de um signo, de um sinal, daí o caráter de drama que o envolve. Afirma que é justamente dessa insensatez que a dimensão do real estabelece a sua entrada no mundo do homem.

Podemos concluir que, ainda que o amor se apresente como contingencial, ou seja, como algo que não pode ser pensado como natural, dado *a priori*, este revela uma dimensão de real, de algo que resiste ao sentido, e que assim é sempre da ordem do enigmático, do irreduzível, que implica justamente a dimensão de gozo que comporta. Podemos ousar afirmar que os sujeitos femininos gozam justamente através da dimensão do amor. E, além disso, vemos corroborada a definição freudiana de que “ser amada” torna-se mais essencial do que amar, isto é, as mulheres transformam o amor, algo da ordem da contingência, em uma necessidade: “ser amada”. A esse respeito, interessante a citação:

Dizemos o amor, mas o amor do lado esquerdo aparece sempre como um suplemento do pequeno “a”, eventualmente como um semblante que vela o pequeno “a”, enquanto o amor do lado direito tem um outro valor, inteiramente diferente. O amor do lado mulher é verdadeiramente um componente do próprio objeto erotomaníaco. (MILLER, 2003, p.28).

Importante enfatizar que Lacan permanece até o final de seu ensino sustentando a definição do amor feminino enquanto um modo erotomaniaco de amar. O que, por sua vez, não invalida, mas enfatiza a definição freudiana acerca da necessidade feminina de “ser amada”.

3.3 O Gozo Feminino e o Amor

É somente a partir do Seminário XX, “Mais, Ainda” de 1972-1973, que podemos falar propriamente do amor no registro real. O estatuto eminente do amor no real é o amor como o que vem fazer suplência à relação sexual que não existe. Isto está ligado ao que orienta Lacan neste seminário em direção a uma aproximação inédita da sexualidade feminina.

“Não há relação sexual”(LACAN, 1972-1973/2008, p.19). Por meio deste aforisma, Lacan afirma que não há complementariedade entre os sexos e introduz a ideia de que o amor pode funcionar como um modo de fazer suplência à relação sexual que não existe.

É neste sentido que Lacan caminha ao longo de seu seminário. Inicialmente aborda a dissimetria presente na relação amorosa ao nomear modos diversos de acesso ao outro, isto é, um modo masculino, e um modo feminino. O modo masculino sendo regido por uma lógica do todo fálico e o modo feminino sendo constituído pela lógica do “não-todo” fálico de fazer suplência à inexistência da relação sexual, da não complementariedade entre os dois sexos. O aforismo: “Não há relação sexual”(LACAN, 1972-1973/2008, p.19) é determinado pela dissimetria e encontra nela a sua razão.

O modo de acesso do homem à mulher se dá por intermédio do gozo do corpo, mas o que ele alcança é o objeto “a”. Contudo, Lacan enfatiza que o ser sexuado das mulheres “não-todas” não passa pelo corpo, mas por uma exigência lógica da fala. O que o homem aborda na mulher é justamente a causa de seu desejo, o objeto “a”, que surge no lugar do parceiro que falta, lugar do real e que a fantasia vem ocupar o seu espaço.

O que não pode ser dito, segundo Lacan (1972-1973/2008, p.69), em relação A mulher, pois em relação a esta trata-se de algo diverso ao objeto “a” no acesso desta ao homem. Trata-se antes de nos perguntarmos o que vem em suplência a essa relação sexual que não há.

A partir da diferenciação entre dois modos distintos de gozo no acesso ao Outro, Lacan (1972-1973/2008) afirma que, se o acesso se dá via objeto “a”, como ocorre para os homens, a mulher, como sua parceira amorosa, constitui um sintoma, ou seja, a mulher é para o homem um sintoma. E, por outro lado, quando o acesso se dá via palavra amorosa, que, muitas vezes, constitui um excesso, podemos encontrar a devastação, a outra face do amor.

Interessante que Lacan, quando aborda o modo masculino de amar, se pergunta sobre o que seria capaz de responder pelo gozo do corpo do Outro. E já nos diz que a resposta não se dá pela via do amor, ao contrário, afirma: “O gozo do Outro, do corpo do Outro que o simboliza, não é o signo do amor” (LACAN, 1972-1973/2008, p.11). Assim podemos dizer que o modo de acesso do homem à mulher não expressa, em primeira instância, o amor, o que não nos autoriza a dizer, por outro lado, que os homens não amam.

Dafunchio em “Os Nós do Amor” de 2011 ressalta que Lacan apresenta em seu seminário X, “A Angústia” de 1962-1963, antecedentes do que desenvolve no seminário XX, “Mais, ainda” de 1972-1973. Segundo a autora, o aforismo lacaniano: “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (1962-1963/2005, p.197) aponta que o gozo masculino, definido como um gozo perverso, polimorfo, pode aceder a outra dimensão do desejo, a uma relação com o corpo da mulher, mais além do objeto de seu próprio fantasma, na medida em que pode chegar a fazer amor, fazer poesia com este ato. Assim, podemos compreender a definição de Lacan acerca do amor como sublimação do desejo, que nos indica que o fazer amor permite algum acesso ao corpo da mulher, estando em jogo um vazio.

Sobre a mulher, Lacan se refere a uma posição de “não-toda” inserida na lógica fálica, ou seja, no gozo fálico. O que contribui para pensarmos que, em se tratando da experiência do amor, algo conduz para um mais além, trata-se do gozo feminino. Parece ser nesta direção que Lacan afirma: “O amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda...mais....ainda. Mais, ainda é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda do amor”(LACAN, 1972-1973/2008, p.12).

Essas proposições sugerem um desmedido, um “sem limites” na demanda de amor feminina, o que aparece posteriormente quando Lacan irá tratar do tema da devastação. Tais questões são fundamentais, pois, conforme já discutimos, a experiência do amor como algo suportável para os sujeitos implica algo marcado pela castração, pela falta, e, portanto aponta para o seu próprio limite.

Uma questão interessante é apontada pelas autoras seguintes sobre a implicação do sujeito feminino à dimensão do amor. Russo e Vallejo (2011) afirmam:

Se trata disso na mulher, deste consentimento a ser objeto do fantasma do homem? É claro que não. Há neste consentimento um valor de gozo para os dois; e não é com qualquer um: tem que haver também algo da ordem de uma ressonância inconsciente...tem que haver algo nas palavras do homem, que é aquilo de que se enamora a mulher, que toque seu gozo mais além do falo. (RUSSO; VALLEJO, 2011, p.24).

O que está apontado na citação é justamente a implicação dos sujeitos femininos nessa posição a qual se veem convocadas pelo Outro do amor, o que guarda toda uma dimensão de gozo aí envolvida, ou seja, trata-se da dimensão do real. A mulher se vê tocada em um ponto de gozo mais além do falo, o que aponta justamente para o seu enamoramento do outro.

Lacan (1972-1973/2008) traz a ideia de um reencontro entre o amor e o gozo sexual, na medida em que afirma, por um lado, que o sujeito não tem muito o que fazer com o gozo, mas que, por outro lado, este é suscetível de provocar o desejo. Localiza aqui a mola do amor.

Deste modo, o presente seminário lacaniano traz importantes formulações para o nosso entendimento acerca do amor, justamente por favorecer a abertura de um sujeito ao outro. O que podemos inferir é que não se trata apenas de uma busca de significantes, mas que há também uma busca de gozo que envolve a experiência amorosa.

Miller, em “Uma partilha sexual” de 2003, tece comentários acerca do ensino lacaniano em relação aos dois modos de gozo, implicados na diferença entre a escolha de um objeto fetiche e um objeto erotomaníaco, isto é, um objeto masculino e o segundo feminino. Sobre isto afirma: “[...] Do lado mulher o amor é tecido no gozo, que é aí indissociável” (MILLER, 2003, p.27).

É neste sentido que Miller (2003, p.28) afirma que o gozo feminino é um gozo suplementar que possui duas faces: de um lado implica a dimensão do corpo, não limitado ao órgão fálico, pois o transborda; e, por outro lado, o gozo da fala. Para Miller, a tese de Lacan em relação ao gozo feminino suplementar, que é evidenciada justamente através do gozo erotomaníaco, se trata de um gozo que necessita que seu objeto fale. É exatamente devido a isso que podemos afirmar que se trata de um gozo que necessita que se passe pelo amor, ao contrário do gozo masculino, que é silencioso.

Com isso, o caráter privilegiado do amor para os sujeitos femininos surge em toda a sua complexidade, na medida em que ser amada mostra-se absolutamente essencial, tratando-se de uma questão estrutural. É pelo amor que a menina e futura mulher tenta remediar a falta de substância do feminino transmitida por sua mãe. Como o gozo feminino ultrapassa a mulher e não a identifica, esta se esforça por se identificar através do amor de um homem. Contudo, uma questão essencial à clínica é justamente a dimensão de uma demanda infinita

de amor do lado feminino que aponta para um “sem limites” do amor, o que pode levar à devastação e/ou à impossibilidade do amor.

As fórmulas da sexuação de Lacan (1972-1973/2008) permitem visualizar de modo mais claro os diferentes modos de acesso de um sujeito ao outro: um modo masculino, localizado do lado esquerdo; e um modo feminino, identificado pelo lado direito da fórmula. À esquerda, a fórmula aponta que é pela função fálica que o homem como “todo” toma inscrição na relação sexual. Assim, temos a fórmula da fantasia S (barrado) e a flecha em direção à “a”: $\$ \diamond a$. Do lado feminino, temos a mulher em sua relação com S (A), ou seja, com a falta de inscrição de um significante que a possa nomear, e sua relação com ω , ou seja, com o falo: $La \rightarrow S (A)$ e $La \rightarrow \omega$.

O aforismo “A mulher não existe” (LACAN, 1972-1973/2008, p.63) encontra sua explicação através das fórmulas da sexuação que indicam que o lugar do universal da mulher permanece essencialmente vazio, pois não há significante que possa defini-la, se tratando, portanto, de uma falta no nível simbólico. É nesta direção que podemos pensar a ideia de uma aproximação dos sujeitos femininos com a dimensão do nada, cabendo a elas encontrar diferentes modos de velar esse nada, de se inventar enquanto mulher.

Para Russo e Vallejo (2011) é justamente essa relação dos sujeitos femininos com um sentimento de incompletude radical, de aproximação com o vazio – nomeada por Freud a partir de um nada corporal, anatômico; e por Lacan como uma relação topológica da mulher com o objeto “a” – que podemos supor a relação do feminino com o amor enquanto uma experiência que é marcada pela castração.

Embora encontremos na atualidade diferentes arranjos dos sujeitos femininos com o Outro do amor, o que chama atenção é que o amor constitui o pano de fundo de muitos impasses trazidos por esses sujeitos à dimensão da clínica.

Faremos no próximo capítulo uma discussão acerca dos diferentes arranjos amorosos realizados pelos sujeitos na atualidade. Segundo Russo e Vallejo (2011) são diferentes os testemunhos acerca do amor, seus impasses e modos de inscrição na subjetividade de uma época. Veremos, contudo, sua função borromeana que revela as distintas configurações ou arranjos dos sujeitos no amor.

Russo e Vallejo (2011) abordam um modo de amar neurótico:

O amor neurótico aponta para a fusão, para a ideia de que de dois se faz um, e que não quer saber nada da diferença, tem a função de velar a falta. Pelo contrário, uma relação suportável de um sexo como outro supõe a aceitação da falta, da castração. (RUSSO; VALLEJO, 2011, p.39).

Encontramos em Lacan a ideia do amor feminino como algo que aponta para um desmedido, isto é, para uma ausência de limites da mulher em suas relações amorosas, havendo uma aproximação com o amor neurótico que busca a fusão, ou seja, que busca fazer de dois Um e que nada quer saber da diferença. Contudo, Lacan, em seu Seminário XI: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise” de 1964, traz a ideia do amor como uma relação temperada de um sexo com o outro, o que é possibilitado pela intervenção de uma medida, dada pela metáfora paterna. Deste modo, podemos pensar que o amor pode cumprir uma ou outra função para os sujeitos.

O estrago amoroso, a devastação, estão ligados a um amor não suportável. Miller (2003, p.19) aborda os modos de gozar próprios do ser masculino e do ser feminino: à esquerda, o sintoma; e, à direita, a devastação como a outra face do amor. O mesmo ressalta que a devastação e o amor possuem o mesmo princípio, a saber, o grande Λ barrado, o não-tudo, no sentido do sem-limite. Importante distinguir que o sintoma constitui um sofrimento sempre limitado, localizado, apreensível, sendo possível realizar uma clínica dos sintomas; enquanto a devastação se refere a uma depredação que se estende a tudo e que não conhece limites, tratando-se de uma dor que não pára.

Russo e Vallejo (2011) abordam o sintoma e o estrago como dois modos distintos de gozar. Sendo importante localizar que no primeiro há um gozo localizado e ligado à castração, enquanto o estrago ou devastação amorosa encontra-se do lado dos extremos do amor que se associam ao amor sem limites, também mencionado por Lacan em seu Seminário XI: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise” de 1964. Há que considerarmos a dissimetria presente no amor justamente por haver um desencontro entre sintoma e estrago, ou seja, entre aquilo que se articula mais do lado masculino e aquilo que se apresenta mais do lado feminino.

Lacan no Seminário XXIII, “O Sinthoma” de 1975-1976, divide as águas para homens e mulheres em relação ao sintoma e ao estrago:

[...] Se uma mulher é um sinthoma para todo homem, fica absolutamente claro que há necessidade de encontrar um outro nome para o que o homem é para uma mulher, posto que o sinthoma se caracteriza justamente pela não-equivalência. Pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um sinthoma. Trata-se mesmo de uma devastação (LACAN, 1975-1976/2007, p.98).

Segundo Russo e Vallejo (2011, p.58), o parceiro amoroso de uma mulher pode se inscrever na dimensão de um mais além do pai, sendo a aflição e o estrago os dois nomes do

pior. A aflição significa uma pena profunda, uma experiência subjetiva vivida com dor; e o estrago ou devastação amorosa implica um dano, um desgaste importante, uma destruição causada pelo homem de forma violenta e súbita. O estrago ou devastação feminina constitui justamente a posição de objeto realizada, podendo ser pensada como um complemento da parceria que assegura a relação sexual. Importante a citação:

[...] A mulher estragada não está, como a histérica em uma posição de fazer desejar, de provocar a falta no Outro. Tampouco está na posição feminina, já que o estrago consiste em um querer gozar que se apóia em uma exigência de amor. O estrago vem de uma falência do amor, de uma demanda de amor devastada e devastadora. [...]. Tomado como realização do fantasma, o estrago se opõe radicalmente ao sintoma, pois o próprio do sintoma é fazer obstáculo a sua realização. (RUSSO e VALLEJO, 2011, p.58).

Segundo Alvarenga (2003, p.46), uma mulher se dirige ao Outro marcado pela falta, Outro do desejo, pela demanda de amor potencialmente infinita, que lhe retorna sob a forma da devastação. O que significa que, do lado feminino da sexuação, o sintoma é marcado pelo infinito da estrutura do “não-todo” e, devido a isso, toma a forma da devastação. Sobre isso, ela afirma:

A devastação é uma depredação que se estende a tudo, que não conhece limites, e é em função dessa estrutura que o Outro pode ser o parceiro-devastação, mas pode também, ser o modo como acontece o arrebatamento para uma mulher, pois a palavra francesa *ravage* (devastação) tem a mesma raiz (de *ravir*) da palavra *ravissement* (arrebatamento)...Arrebatamento é levar a um estado de felicidade suprema e tem, por isso, um valor erotômico. Temos, portanto, no horizonte da erotomania, no melhor dos casos o arrebatamento e no pior, a devastação. (ALVARENGA, 2003, p.46).

Deste modo, podemos dizer que tanto o arrebatamento quanto à devastação provêm da falta de um significante que possa nomear o ser feminino; havendo, portanto, uma tendência estrutural das mulheres nesta direção.⁴ De todo modo, há de se considerar a disparidade da relação entre os sexos, do amor:

A disparidade do amor está assim situada em torno dessa relação em que se unem o silêncio e o aparato linguageiro parasita e onde Lacan faz aparecer esta conjunção da pulsão e do silêncio, tanto do lado menino como do lado menina. E a questão que

⁴ Não se trata de pensarmos em uma equivalência entre arrebatamento e devastação. Sobre esse ponto, importante consultar as referências: ALVARENGA. Devastação na Psicose. Clique: O sexo e seus furos, Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano, n. 2, p. 45-49, ago. 2003. E MILLER. Uma Partilha Sexual. Clique: O sexo e seus furos, Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano, n. 2, p. 13-29, ago. 2003.

Freud colocava: O que querem elas? Tem uma resposta: elas também querem gozar em silêncio. (LAURENT, 2010, p.61).

Lacan irá enfatizar, contudo, no Seminário XXIV, “*l’Insu que sait de l’une-bévue, s’aile a mourre*”(inédito), em *Clase del 15 de Marzo* de 1977, a ideia de um amor mais digno, no qual se pode supor uma lógica da separação, distinta da fusão amorosa do amor neurótico. Trata-se de um amor como uma significação vazia, ou seja, de um amor que preserve o lugar do vazio e a possibilidade de suportar a diferença.

Segundo Russo e Vallejo (2011), a proposta lacaniana do amor enquanto uma significação vazia aponta para um amor ligado à palavra, a importância da palavra de amor diversa de um amor ligado ao objeto. Para elas, a aposta da psicanálise está voltada para um amor que suporta a lógica da separação.

3.4 Considerações Finais

A teoria lacaniana acerca do feminino e de suas relações com o amor, como vimos, reafirma a teoria freudiana sobre a necessidade feminina de ser amada, isto é, da emergência do amor em sua dimensão estrutural para os sujeitos femininos. Contudo, aborda uma dimensão do feminino inédita, na medida em que explicita a lógica do “não-todo” fálico, do gozo feminino como o que se encontra para além da dimensão significante. Trata-se da abordagem do amor no registro real, isto é, de sua função de suplência à inexistência da relação sexual.

A fórmula lacaniana do amor: “Amar é dar o que não se tem” (LACAN, 1960-1961/2010, p.49), situada em diferentes momentos de seu ensino, aponta para a ideia do amor como uma relação suportável, temperada de sexo com o outro, haja vista que concebe a própria dimensão da castração, do limite que lhe é inerente, pois a experiência amorosa aponta para o seu próprio limite.

É nesta direção que Lacan traz a vertente do amor enquanto um dom, colocado do lado dos sujeitos em posições subjetivas femininas, que revelam exatamente que o amor se dirige para o que falta no objeto. Assim vemos a posição feminina identificada como essa na qual ela se oferece a si mesma para o Outro do amor, enquanto um ser marcado pela falta, contudo o faz com o fim de receber o amor. A mulher se dá em troca do que recebe: o falo simbólico. É assim que ela se entrega ao amor. Aparece aqui a lógica interlocutiva do amor, pois amar representa o próprio desejo de ser amada.

A experiência do amor, portanto, se apresenta como algo que está para além da lógica do “ter o falo”, pois aponta para a dimensão do ser, de um mais além significante. Ao abordar o gozo feminino, Lacan aproxima o amor do registro real. Na medida em que a mulher deseja o gozo do homem, que busca usufruir dele, a mulher suscita a sua angústia, pois só há desejo realizável a partir da castração. O amor como a doação de um signo revela que o que está em jogo não é simplesmente uma troca de objetos fálicos, mas antes um apelo à dimensão de doação de um signo, de um sinal. O dom de amor, seu signo maior, constitui-se a partir de dar aquilo que não se tem, ou seja, está em oferecer ao Outro a sua própria falta. Por trás do que se dá, há tudo o que lhe falta, eis a beleza do amor.

Em Freud, vimos coincidir sua teoria do amor com a própria questão do desejo, justamente porque o amor surge a partir da emergência do desejo sexual. Em Lacan, o amor aparece para além da simples satisfação do desejo, mas aponta para a própria dimensão do ser. Apesar de continuar sustentando a ideia do amor narcísico, tal como Freud, no sentido de que o desejo de ser amada equivale a capturar o outro enquanto um objeto, vemos surgir a vertente do amor para além dos registros imaginário e simbólico, ou seja, no registro real.

Vemos em Lacan a ideia do amor como a conjunção entre o desejo e seu objeto, enquanto inadequado, o que reafirma a necessidade da falta na experiência de amor. Podemos concluir que o amor gira em torno dessa falta imaginária, sendo aí que o objeto de amor se aloja. A afinidade do feminino ao amor está justamente na interlocução de ambos com a falta.

Podemos então dizer que encontramos na teoria lacaniana a ideia do amor como algo que, apesar de ser uma experiência marcada pela falta e pela impossibilidade de completude entre os sexos, é o que oferece a possibilidade de abertura de um sujeito ao Outro, tendo aí um caráter de suplência à inexistência da relação sexual. O que significa dizer que para além do mal entendido estrutural, da dissimetria presente na relação entre os sexos, o amor cumpre uma função de suplência e de ligação, de laço entre dois sujeitos que gozam e discursam de modos distintos, sendo o amor a possibilidade de algum encontro possível entre essas diferenças. Lacan aborda o amor como a possibilidade de encontro entre discursos diversos, na medida em que o amante busca dar algo para o amado.

Se por um lado, verificamos em Lacan a questão da dissimetria e da inquietude própria ao amor, podemos, por outro lado, também extrair a ideia de suplência e de enodamento entre os registros imaginário, simbólico e real que o mesmo realiza para os sujeitos, sua função borromeana. O modo de amar feminino expresso pelo modo de gozo erotomaníaco traz à tona tanto a dimensão fálica do amor como essa outra lógica: a lógica do não-todo.

Questão extremamente relevante à nossa pesquisa são os modos próprios, particulares, como cada sujeito se lança nessa busca pelo amor. Em “Televisão” de 1974, Lacan aborda a ausência de limites nas concessões que a mulher realiza em nome do amor, tratando-se de uma insensatez que leva comumente ao estrago, à devastação amorosa ou mesmo à impossibilidade do amor.

Podemos então deduzir que, ainda que o amor seja enfatizado por Lacan em seu seminário XXIV: “*L’ Insu que sait de l’une-bévues’aile à mourre*”(Inédito) em uma dimensão mais digna que possa suportar uma significação vazia e que leve a uma ligação com a palavra, uma relação temperada, mediada de um sexo com o Outro, verificamos a dimensão de excesso, de não-limite que comumente leva os sujeitos femininos para o lado oposto ao seu desejo: para a impossibilidade do amor.

4 O AMOR NA CONTEMPORANEIDADE

Buscaremos realizar, neste capítulo, alguns apontamentos acerca da função do amor para os sujeitos femininos na contemporaneidade, levando em conta as modificações sociais e culturais que repercutem nas subjetividades femininas, bem como nos modos diversos de enlaçamento amoroso.

Drummond (2006) ressalta que Freud sustenta o amor enquanto um dom fundante das estruturas de parentesco, da origem da família, das trocas sociais. No entanto, enfatiza que há em nosso mundo contemporâneo grande fracasso ou desordem no campo amoroso, dada a existência de uma sociedade narcisista, individualista, na qual há o predomínio de uma lógica do consumo, sendo a relação objetalizada.

Para a autora, diante de um mundo globalizado, utilitarista e universalizante, que apaga os valores de dignidade e da honra, introduziu-se uma nova economia libidinal em que a lógica e as condições do amor se alteraram. Assim, o sujeito se encontraria entregue à mortificação do apagamento de sua singularidade e ao erotismo masturbatório, entregue ao gozo autístico do idiota, posição na qual o amor, como operação de nomeação do real ou como “dom de dar o que não se tem” (LACAN, 1960-1961/2010, p.49), encontra pouca chance de existir. Afirma que, se os ideais não orientam para o amor, este só conta com a chance do encontro contingente.

Já Soler (1998), por sua vez, em “Psicanálise na Civilização”, elucida algumas transformações operadas na atualidade no que diz respeito a todo um campo de mudanças sociais, incluindo aí hábitos e costumes que vieram a produzir efeitos importantes na subjetividade das mulheres, que, anteriormente restritas ao âmbito das funções de esposa e mãe, viram se abrir as mais variadas possibilidades de inserção no mercado de trabalho, o que as levou a uma intensa competição fálica.

Neste caminho, Soler (1998) nos alerta sobre o drama subjetivo típico de nossa época vivido pelos sujeitos femininos, que, por um lado, encontram grande satisfação profissional, mas, por outro, são devastadas pelo fracasso amoroso. A aproximação dos sujeitos femininos ao gozo fálico traz uma inquietude em relação à feminilidade, o que atinge a mulher de modo premente.

Bauman, em seu trabalho “Amor Líquido” de 2004, discute o relacionamento humano entre homens e mulheres contemporâneos, os quais, segundo ele, se encontram desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis,

no entanto, ansiando pela segurança do convívio, do “relacionar-se”. Contudo, no lugar do “relacionar-se” e dos “relacionamentos”, o que se vê são pessoas falando em “conexões”, “conectar-se” e “ser conectado”. Em vez de parceiros, preferem falar em “redes”. Diferentemente de parcerias que ressaltam o engajamento mútuo, a rede serve de matriz tanto para “conectar” quanto para “desconectar”, sendo ambas as escolhas igualmente legítimas, gozando do mesmo *status* e tendo importância idêntica.

Neste sentido, Bauman (2004) destaca ainda que tais “relações virtuais” parecem feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as possibilidades românticas surjam e desapareçam em uma velocidade crescente, e que, ao contrário, as relações virtuais cumpram a promessa de serem as mais satisfatórias e completas, sendo que o que está em jogo nestas é a sua característica principal da descartabilidade, pois: “sempre se pode apertar a tecla de deletar” (BAUMAN, 2004, p.13). Neste cenário, no qual os compromissos se tornam irrelevantes, as relações não se sustentam e, assim, as pessoas se inclinam a substituir as parcerias pelas redes.

Lacan (1972-1973/2008, p.13) afirma: “[...] O amor é impotente, ainda que recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos dois sexos.” Apesar disso, consideramos fundamental interrogarmos acerca do que é possível no amor. “Será o laço? Será a inscrição de uma barra diante do ilimitado do gozo feminino? Como podemos articular essa relação entre o gozo e o amor?”

Dessa forma, ainda que o amor na atualidade se apresente de modo líquido, frágil, degradado, verificamos o anseio dos sujeitos femininos ao amor, um apelo em sua direção. Assim, podemos concluir que o amor pode ser a busca de uma saída, para alguns sujeitos, uma tentativa de construção de um laço com o Outro ainda que observemos na sociedade uma intensa desvalorização dos laços, um esvaziamento das relações e o individualismo exacerbado. O amor ainda pode ser pensado enquanto a possibilidade de abertura de um sujeito ao Outro.

Ao nos pautarmos pelas definições trazidas pela psicanálise acerca do feminino, logo nos encontramos diante da hipótese da busca das mulheres pelo amor. Contudo, podemos dizer que hoje encontramos na clínica, apesar das modificações pelas quais passaram as mulheres nas últimas décadas, uma procura, um anseio pelo amor marcado por impasses, sofrimento e pela devastação. Em um tempo em que tudo é possível, todos têm direito ao gozo, os sujeitos muito têm se embaraçado com o amor.

Soler, em “O que Lacan dizia das mulheres” de 2005, enfatiza a função do amor no que se refere à formação de um par, à aproximação dos sexos. Faz referência ao Seminário

XX, “Mais, ainda” de 1972-1973, no qual Lacan se pergunta sobre o que seria capaz de responder pelo gozo do corpo do Outro, encontrando a resposta não no amor, nem no sexo da mulher, mas na própria significação. Sobre isso, ela afirma:

[...] O mistério do corpo-a-corpo sexuado entre os seres que a operação da linguagem transforma em “falasseres” só se resolve pelo próprio inconsciente: nada rege a copulação dos corpos senão a cópula de significantes em que consiste o inconsciente. Causa da não-relação, a significação é igualmente causa do corpo-a-corpo sexuado. O homem faz amor com seu inconsciente, diria Lacan em sua tese de 1973. (SOLER, 2005, p.151).

Soler (2005) se pergunta se esse corpo-a-corpo sintomático que é o ato sexual, assegurado pelo inconsciente, trabalha pela perenidade do casal, uma vez que não teria razão para ser exclusivo. E em seguida nos responde de modo extremamente pertinente:

[..] é preciso, pois, para que o dueto dos corpos adquira seu pouco de permanência, que a ele se acrescente a relação de sujeito com sujeito que é o amor. Em outras palavras, que os dois pares, de corpos e de sujeitos, consigam ligar-se entre si”. (SOLER, 2005, p.151).

Soler (2005) enfatiza a relação privilegiada das mulheres com o amor como consequência da lógica feminina do “não-toda”:

[...] Isso gera o apelo ao amor, por um nome, a busca de um dito que, nomeando seu ser de sintoma, do sintoma que ela é para o Outro, livre-a de sua solidão de gozo e ligue o não-identificável, o Outro que ela é para si mesma, ao Um da eleição. Isso não promete a felicidade, pois é na junção desse gozo com essa exigência que se desenvolve, ao contrário, tudo o que se inclui no termo “devastação”. O que dá ensejo a verificar que a devastação também pode criar vínculos. (SOLER, 2005, p.153).

O que parece estar apontado na citação anterior é justamente o fato de que o amor cumpre diferentes funções para os sujeitos e até mesmo a devastação pode ser um modo muito particular de estabelecer um vínculo com o outro, justamente porque um sujeito pode se ligar ao Outro por aí. Podemos concluir, assim, que a psicanálise convida os analistas a privilegiar os modos singulares e as diferentes funções do amor para cada sujeito.

4.1 Os Nós do Amor

Conforme já mencionamos, Lacan (1975-1976/2007) aborda o amor a partir dos três registros: imaginário, simbólico e real, sendo importante realizarmos uma discussão acerca da função borromeana do amor, sua função de enodamento. Lacan nos Seminários XXII, “Real, Simbólico, Imaginário” de 1974, e Seminário XXIII, “O *Sinthoma*” de 1975-1976, conclui que o lapso do nó é estrutural e que o enodamento dos três registros no ser falante nunca configura um perfeito nó borromeano, sempre há alguma falta que dá lugar ao sintoma.

Soler (1998, p.34) enfatiza a função borromeana do amor, afirmando que o inconsciente permite ligar o real do gozo com o laço imaginário simbólico do outro sujeito. Assim, o amor é o que permite transformar o gozo autista, solitário, em uma abertura para o outro.

Como dissemos, Dafunchio, em “Os Nós do Amor” de 2011, propõe pensarmos a respeito dos diferentes nós do amor, suas distintas formas de enodamento entre os registros, a partir da leitura que Lacan realiza em seu Seminário XXII, “Real, Simbólico, Imaginário” de 1974, e no Seminário XXIII, “O *Sinthoma*” de 1975-1976. Ela afirma:

A inexistência da relação sexual se traduz em um lapso estrutural do nó, assim o enodamento dos três registros do ser falante nunca configura um perfeito nó borromeano, sempre há uma falta que dá lugar ao sintoma, ao *sinthoma*. (DAFUNCHIO, 2011, p.158).

Lacan, em seu Seminário XXIII, “O *Sinthoma*”, de 1975-1976, aborda esta falha através do nó de trevo, que indica a necessidade de uma reparação, sendo a formação de um outro laço o que vem dar lugar ao “parceiro na relação”, sempre sintomática, que estabelecem os sexos no campo do ser falante.

Dafunchio (2011) enfatiza a complexidade que envolve o enodamento dos três registros no ser falante:

Esta complexidade do enodamento entre os três registros no ser falante é efeito de que o registro simbólico mesmo está falhado- o que Lacan escreve S (A)---, há um buraco, está habitado por certas ausências, tais como a representação da morte e do feminino. (DAFUNCHIO, 2011, p.162).

Neste sentido, torna-se mais clara a proposição lacaniana da inexistência da relação sexual, da não complementariedade entre os sexos, do mal entendido estrutural que envolve a relação entre o homem e a mulher.

Lacan, na sexta lição do Seminário XXIII, “O *Sinthoma*”, de 1975-1976, interroga as diferentes possibilidades de enodamento entre os sexos, e conclui que ora estas dão lugar a uma equivalência entre os sexos e ora dão lugar a uma relação sexual *sinthomática*. Afirma que quando não verificamos uma equivalência entre os sexos significa que há uma diferença sexual e, assim, podemos observar uma relação entre os sexos *sinthomática*. Por outro lado, apresenta uma segunda forma de enodamento que se produz quando o lapso do nó é reparado em um lugar diferente da onde se produziu. Neste caso, ambos os sexos se fazem equivalentes. Tais posições serão melhor elucidadas adiante.

O que Lacan demonstra nesse seminário é que os sexos são intercambiáveis produzindo um efeito no qual homens se apresentam como mulheres e vice-versa, tratando-se de posições subjetivas.

Dafunchio (2011) propõe pensarmos em posições masculinas do nó e posições femininas do nó. Entre as posições masculinas do nó, a autora enfatiza a posição viril, a posição do solteiro, a posição do homem estragado por sua mãe; e a posição do homem histérico. Entre as posições femininas do nó, destaca-se a posição da mulher fálica, da mulher só, da mulher estragada por sua mãe, a posição da mulher estragada pelo homem, da mulher histérica, da mulher obsessiva e, finalmente, a posição feminina.

A posição masculina viril é encontrada quando o homem está situado enquanto um conjunto fechado, universal, unificado. E a mulher como não-toda inserida na lógica fálica. Deste modo, homem e mulher, nesta parceria, se distinguiriam em suas posições sexuadas. Teríamos a mulher como sintoma do homem. Contudo, Dafunchio (2011) nos alerta de que nem sempre o homem suporta essa presença feminina que o descompleta. Por isso, apresentamos as demais posições que podemos encontrar no homem.

A posição do solteiro é mantida por aqueles homens que se afirmam narcisicamente através do gozo fálico, não perdendo a cabeça por nenhuma mulher. Já a posição do homem estragado por sua mãe é aquela na qual a virilidade do homem encontra-se aprisionada pelo desejo materno, ou seja, na relação do sujeito com o Outro materno, a qual determina seu laço com a parceira, que não se deve a uma diferença entre os sexos, mas que, ao contrário, deixa o sujeito aberto à dimensão do gozo do Outro.

A última posição masculina apresentada por Dafunchio (2011) é a posição do homem histérico que interroga acerca do feminino e que assim rechaça a sua virilidade, e, portanto,

faz de seu próprio corpo a sede desta interrogação. O histérico deprecia o gozo fálico, adorando a feminilidade como uma entidade que pretende para si, terminando por competir com as mulheres. Assim, quando estabelece uma parceria, disputa com a mulher o seu lugar.

Em relação às posições femininas do nó, isto é, dos modos diversos de enodamento entre os registros nos sujeitos femininos, Lacan assinala que, se uma mulher constitui um sintoma para um homem, o inverso não pode ser afirmado já que neste caso os sexos não são equivalentes (LACAN, 1975-76/2007, p.98). Ao contrário disso, ele afirma que um homem para uma mulher pode ser uma aflição, pior que um sintoma, como o estrago amoroso.

Dafunchio (2011) aborda os nós femininos a partir da falha do narcisismo, a qual discutimos ao tratar da constituição da sexualidade feminina em Freud no primeiro capítulo. A mulher fálica para a autora é aquela que na parceria amorosa faz “Um”, ou seja, funciona com um conjunto fechado.

A mulher só é aquela que não faz nó com um homem. Pode até relacionar-se com homens, mas é uma mulher só. Ela apresenta clinicamente a dor da solidão como uma angústia insuportável, uma vez que mantém uma ânsia por um homem apesar de não conseguir ligar-se.

A mulher estragada pelo homem refere-se propriamente à condição do estrago amoroso, isto é, há uma dimensão de abertura a um sem limites em seus efeitos de devastação. Sem dúvida, encontramos, nestes casos, certa dimensão de enodamento. Dafunchio (2011) nos apresenta aqui o exemplo da mulher golpeada, devastada por um homem, mas que sem dúvida crê necessitar dele, de modo que não pode separar-se.

A mulher histérica, por sua vez, encontra-se em posição viril e seu interesse encontra-se dirigido para a Outra, a qual encarna a feminilidade para ela. O homem com quem faz parceria funciona apenas como um testa-de-ferro, como um expediente necessário para abordar o verdadeiro objeto de seu interesse, a Outra. Seu enodamento com um homem consiste em uma identificação fálica.

No caso da mulher obsessiva, os sexos são equivalentes e a parceria funciona como uma parceria narcisista, como um resguardo frente à inquietante possibilidade da intrusão da alteridade do feminino neste campo tão bem fechado e controlado pelo gozo fálico.

Dafunchio (2011) aborda a posição feminina propondo um modo de enodamento do que pode ser um homem para uma mulher quando não se constitui como um estrago. Para isso, a autora faz referência ao texto lacaniano: “Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina (1962/1998)”, quando Lacan afirma que um homem possibilita a uma

mulher ser Outra para si mesma, isto é, favorece a ela ser sintoma para si mesma (LACAN, 1962/1998, p.710-711).

Neste caso, a mulher pode viver o Outro gozo, o gozo feminino não como uma dor ou sofrimento justamente porque o mesmo se fecha. Fecha-se como alteridade, não como unificação, assim, o nó feminino pode desdobrar-se em dois. Encontramos, nessa proposição, o que Lacan (1973/1998) evidenciou através da parte inferior das fórmulas da sexualização que apontam para uma mulher desdobrando-se entre o falo e o Outro gozo.

Dafunchio (2011) ressalta que esse desdobramento mantém a mulher em parte ligada ao seu parceiro amoroso através da dimensão fálica, mas, por outra, pode viver o gozo feminino em uma condição de solidão:

[...] Uma mulher é sintoma para um homem, é uma alteridade radical, algo que escapa. Também uma mulher pode ser Outra para si mesma, é dizer, suportar que algo se lhe escape de sua própria feminilidade, e que algo se lhe escape também no encontro com um homem, que haja algo que cai por fora desse gozo que se joga como falo. (DAFUNCHIO, 2011, p.172).

As proposições apresentadas por Dafunchio (2011) em seu trabalho “Os Nós do Amor” permitem uma formalização dos distintos modos de enodamento dos sujeitos ao amor. Se por um lado sustentamos a questão de que o amor é estrutural para estes sujeitos, por outro lado, percebemos na atualidade a existência de distintos arranjos e amarrações entre amor e gozo, amor e desejo, angústia, amor e desejo.

Podemos concluir que a teoria dos nós permite pensar a singularidade dos arranjos, pois, se por um lado, o real descompleta a estrutura, por outro, somos levados às amarrações singulares que os sujeitos realizam afim de compreendermos suas posições no amor.

Interessante que Dafunchio (2011, p.14) afirma que falar de amor é antes tratar da relação do amor com a função paterna que, por sua vez, é também um nó. Lacan, desde os seus primeiros seminários, sobretudo no Seminário V, “As Formações do Inconsciente” de 1957-1958, apresenta a função paterna como uma função de enodamento. Em seu último ensino, o pai surge como um quarto elemento que enoda os três registros: simbólico, imaginário e real. Há uma relação íntima entre amor e Nome-do-pai. Lacan ressalta no Seminário XXII, “Real, Simbólico, Imaginário” de 1974, a nomeação como uma dimensão de enodamento, ou seja, a nomeação acrescenta uma nova dimensão que revela o modo como se enodam os três registros em cada estrutura subjetiva.

Podemos então afirmar a relação intrínseca que há entre amor e castração, ou seja, a relação do amor com a dimensão da falta, na medida em que uma relação temperada entre um sexo e Outro requer suportar algo da castração. Assim, podemos afirmar que há no amor um vazio que possibilita que haja amor. Lacan, em seu Seminário XI, “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise” de 1964, evoca a função do pai como aquela capaz de fazer com que o amor seja suportável para um sujeito. Por outro lado, afirma que, quando a lei não opera, o que surge é a outra vertente do amor, um amor sem limites, o estrago amoroso.

Abordaremos a seguir dois casos clínicos que nos permitirão discutir de que modo as questões do amor aparecem na contemporaneidade, ou seja, os diferentes arranjos amorosos, bem como as distintas funções do amor para cada sujeito.

4.2 Discussão dos Casos Clínicos

4.2.1 Caso Ana

Ana vem à análise apresentando como queixa inicial a dificuldade de desligar-se do namorado. Durante o tempo de tratamento, trouxe como questões centrais seus impasses no campo amoroso e questionamentos em relação ao feminino.

Ela descreve a sua primeira tentativa de relacionamento como “coisa de menina.” Posteriormente se relaciona com outro rapaz que não se sentia preparado para um compromisso amoroso. E finalmente, após longo tempo em que se manteve extremamente angustiada pelo término do segundo relacionamento, Ana namora um novo rapaz com quem permanece por mais tempo.

Ana interrompe sua análise quando no último relacionamento se surpreende no momento em que o rapaz termina o namoro, o que faz depreciando sua condição de mulher. Neste momento, ela faz uma atuação endereçada à analista e abandona o tratamento.

Durante os atendimentos, Ana fala sobre sua dificuldade em se desligar do segundo namorado, com quem possuía forte envolvimento sexual. Afirma ter vivido com este uma paixão, contudo afirma não se tratar de alguém para manter um relacionamento amoroso. Apesar do término do namoro, atitude que partiu do rapaz, Ana relata a sua insistência em procurá-lo, o que fazia colocando-se em situações difíceis e constrangedoras.

Após longo tempo de atendimento, Ana revela uma situação em que fez uma concessão sem limites para este rapaz visando obter um signo de amor deste, contudo o que encontra do outro lado é uma extrema indiferença. Ao falar dessa situação, expressa enorme

sofrimento e solidão na decisão que havia tomado, contudo manteve-se em silêncio diante disso, somente trazendo-a à análise depois de algum tempo de tratamento.

Ana permaneceu por muito tempo presa ao rompimento dessa relação, queixando-se da indiferença do namorado, apesar da enorme concessão que esta havia realizado visando manter o relacionamento. Somente após muitas elaborações, Ana consegue deslizar de um apego imenso para a realização de um novo laço amoroso, bem como para o despertar de novos interesses.

Em seus relatos, os significantes: “menina abandonada e sozinha” se repetem com frequência. Ana diz que a relação com a mãe é marcada por grande distanciamento e que esta lhe trata como “uma menina”, diz que sofre severas críticas desta quando resolve dividir com ela seus impasses.

Em relação ao desejo de sua mãe, Ana localiza que esta deseja uma “filha fraca e impotente”, ou seja, deseja mantê-la em uma posição de menina não favorecendo o seu deslize à condição de mulher.

No que se refere ao pai, Ana relata ser parecida com ele por não possuir grandes ambições, mas diz que, em relação as suas parcerias amorosas, busca sempre alguém muito diferente dele. Relata que o pai possui uma posição passiva diante da vida e de sua mãe, que é quem dirige tudo em sua casa.

Questão interessante que surge em suas sessões são relatos em relação à sua própria origem. Diz que “aconteceu”, ou seja, sua mãe engravidou dela em uma situação acidental quando não mais desejava ter filhos. Apesar de não ter sido uma filha desejada e programada, relata que a mãe, apesar do distanciamento, mantém com ela uma relação de maior carinho e proteção do que com os outros filhos. Contudo, para Ana, trata-se de uma tentativa de sua mãe de mantê-la em uma posição infantil, de menina, que em muitos momentos a captura de modo evidente.

Algum tempo depois, Ana traz questões sobre um novo relacionamento amoroso. Relata sentimentos de insegurança e se questiona sobre o que está sentindo, assim como o que o namorado sente por ela. Faz alguns relatos de sonhos, cuja temática são abandono e traição. Afirma ter medo de perder o amor de João. Faz vários relatos nos quais o namorado aparece como aquele que possui mais que ela: mais dinheiro, é mais interessante, etc. Até que conclui ter dificuldade de amar.

Ana, em várias sessões, demonstra grande angústia, pois ora recebia demonstrações de investimento amoroso do namorado, ora grande indiferença, ambiguidades, silêncios e muitas dúvidas. Até que este termina o namoro.

A análise é abandonada por ela no momento em que este último namorado interrompe a relação alegando, após algum tempo de relacionamento, não sentir atração sexual por ela, além de serem muito diferentes. Ana se vê novamente tomada de espanto e mostra-se completamente inconformada com a rejeição sofrida. Antes de interromper o tratamento, se pergunta sobre o que estaria repetindo nos sucessivos fracassos amorosos. Ela busca em outra mulher uma justificativa para o término da relação, fantasia que o namorado pudesse estar vivendo outro relacionamento afetivo; buscando, assim, encontrar uma explicação para o fim do relacionamento deles.

O recorte clínico apresentado tem como objetivo favorecer a nossa elaboração acerca da função do amor para esta paciente, bem como a análise de sua posição subjetiva, do arranjo particular que realiza no amor, isto é, a natureza do seu enodamento.

Um aspecto que chama a atenção é à importância conferida ao amor, o que promove o desinvestimento em quaisquer outras coisas. Decorrente dessa posição, surge o medo da perda do amor.

Podemos perceber que a questão da sexualidade feminina se apresenta inserida em um contexto fantasmático e de gozo, no qual os significantes “menina abandonada e sozinha” se atualizam. Ana reproduz uma cena de devastação, de violência e degradação, na qual se vê submetida passivamente ao desejo do Outro, contudo, paradoxalmente, sustenta um discurso de um nada querer saber sobre isso. Da mesma forma, que se sente uma menina na relação com a mãe, repete esta posição com o homem.

Quando se permite falar em análise sobre a enorme concessão que havia realizado na relação com o segundo namorado, Ana afirma ter se sentido como uma “menina abandonada e sozinha” e se queixa da falta de proteção e acolhimento para o seu sofrimento. Neste momento, lembra-se da figura de sua mãe, muito embora mantenha grande afastamento desta, uma vez que sofre muitas críticas quando resolve dividir com ela seus impasses. Relata: “Minha mãe me trata como uma menina”.

É possível observar que Ana constrói uma fantasia em relação ao desejo de sua mãe. Diz que ela deseja uma filha fraca e impotente, ou seja, que anseia por manter a menina em detrimento da mulher que pudesse advir. Neste momento, o que aparece é a resposta construída por ela diante do indecifrável desejo materno, tratando-se do ponto de real em jogo. Tal questão é abordada pela analista no sentido de um convite à construção da mulher, na medida em que a dimensão fantasmática da menina surgia com maior vigor em seus relatos.

Ao falar de seu pai, Ana denuncia uma identificação invertida em relação a ele ao se dizer parecida, sobretudo no que se refere à posição passiva diante da vida e do Outro. Contudo, seus relatos indicam que ela não encontra um modelo identificatório na mãe, mas também não o encontra no pai. O enredo familiar de Ana sugere favorecer pouco a entrada efetiva deste pai na relação dela com a mãe, o que lhe dificulta dialetizar o desejo materno e deslizar na cadeia significante em busca do amor.

A dimensão do feminino é aqui observada no culto ao amor que Ana mantém em seus relatos, na tentativa de subjetivar sua dimensão de falta, inscrita no corpo. Contudo, o desejo de “ser muito amada”, que surge nas sessões, a leva para o extremo oposto, que é o da violência, da degradação sem limites; o que Lacan nomeou como devastação.

Podemos dizer que Ana em nome do amor, isto é, da busca de obter um signo de amor do namorado, faz uma concessão sem limite de seu corpo. Contudo, ao não obter a resposta esperada, cai como um objeto devastado pelo Outro. Podemos dizer que busca ativamente o amor, muito embora, para encontrá-lo, faça concessões sem limites e, assim, não se questione sobre o ocorrido. Mas, ao invés disso, se queixa da indiferença e do silêncio encontrados. Revela sua posição de objeto de gozo do Outro, assim como ocorre na relação com a mãe, no entanto, mostra-se fixada nesse lugar depreciado.

Assim, não se pode afirmar a existência da posição feminina, na qual a mulher consente em ser o objeto do fantasma masculino em nome do amor; fazendo, assim, semblante para obter o fim desejado. Na medida em que Ana parece cair nessa posição, não se trata apenas de um modo particular de se inscrever na relação sexual, mas antes de denunciar o “sem limite” de sua demanda de amor que se reverte em silêncio do Outro, em devastação amorosa. Ao não obter o amor do Outro, ou seja, ao ver recusada a sua demanda infinita de amor, Ana cai como objeto depreciado, sendo possível identificarmos aqui a devastação.

Assim, podemos afirmar que a dimensão feminina do amor aparece nesse caso clínico por uma via da busca de um ilimitado, visto que a paciente informava que não importava como, mas que buscava sem limites esse Outro do amor, nem que seja para destitui-lo ou ser destituída. O gozo sexual, no segundo relacionamento, surge como uma justificativa para insistir na relação, ainda que o parceiro não lhe trouxesse nenhum sinal da possibilidade de vínculo amoroso. Ao não obter o signo de amor que tanto esperava, Ana cai como objeto, mostrando-se completamente devastada pelo Outro.

Tais questões ficam claras a partir de seus relatos que apontam que, ainda que a relação estivesse despertando em Ana muitas angústias e questionamentos, ela insiste em obter do Outro algum signo de amor, isto é, ainda que este não lhe apresentasse um desejo por

estabelecer um vínculo amoroso, ela insistia no amor colocando-se em situações depreciativas e constrangedoras.

No decorrer das sessões, Ana vai revelando seu intenso sofrimento, o qual alega não conseguir abandonar. Contudo, consegue perceber sua participação no fato, pois afirma ter se deixado enganar e diz do tão difícil que é não ser amada.

No último relacionamento, Ana mostrou-se novamente inconformada com a rejeição sofrida, repetindo a cena traumática da primeira rejeição ao buscar, por algumas vezes, escutar novamente as razões para o término da relação. Ao que o parceiro atende à sua demanda a depreciando como mulher. Ela, ao se deparar com o lugar de objeto do fantasma masculino, ao se ver depreciada, degradada, recusa esse saber e abandona a análise. Interessante que Ana busca em outra mulher a justificativa para o término da relação. Relata fantasias nas quais o namorado se relacionava com outra mulher, insistindo ser esta a razão para o término do namoro.

Podemos verificar que a paciente revela sua fantasia histórica que se passa em torno da questão do abandono, ou seja, ela escolhe, de modo inconsciente, um homem que a deixa sozinha. Ana se faz degradar e abandonar pelo Outro, muito embora o fim desejado seja o encontro do amor.

A dimensão da mascarada, do “para ser”, do “ser o falo” se constitui através do jogo da mascarada, a qual se vê condenada à mulher para ser causa do desejo do homem. Contudo, o que verificamos no presente caso clínico é uma fixação da paciente pelo lugar de menina, a que se destina a fantasia materna; havendo, portanto, uma falência da dimensão dos semblantes, da mascarada, por onde deveria passar sua inscrição na relação com o homem. Assim, ao invés de se fazer semblante de objeto do desejo do homem – o que a convidaria a um uso da máscara –, o que verificamos é que Ana se identifica com o objeto: um objeto depreciado.

Esta questão é mais bem elucidada ao constatararmos a dificuldade de Ana em significar a falta materna, o que a levaria a se deparar com a sua própria falta, com o seu ser feminino. Neste sentido, Ana cai em uma demanda infinita de amor, na qual não há limites nas concessões que realiza a fim de sentir-se amada.

Quando Lacan (1973/2008) concebe o “não-toda” como uma lógica do feminino, que se desdobra da dimensão fálica e, portanto, significante, ele nos traz a noção do gozo feminino, que escapa a essa dimensão do “ser ou ter o falo”, que é justamente o que aparece na devastação.

Lacan utiliza o termo devastação em seu trabalho “O Aturdido” de 1973, no qual faz menção à relação da menina com sua mãe, de quem ela espera maior subsistência do que em sua relação ao pai. No entanto, o que aparece é justamente uma ausência na demanda de amor que a menina endereça à sua mãe, sobretudo no que toca a alguma transmissão possível acerca da feminilidade, restando apenas um vazio a ser elaborado. Sobre a construção do ser feminino em suas mais variadas manifestações e na relação com o Outro sexo, cabe a cada mulher uma tarefa solitária, acompanhada e testemunhada pelo analista, quando isto se faz possível.

A mãe ocupa um lugar central nessa discussão em favor do lugar que ocupa na estrutura. Trata-se do primeiro Outro da demanda incondicional de amor, por isso, será necessariamente um objeto decepcionante. Mas para as meninas a relação com a mãe guarda uma importância ímpar, uma vez que é a partir da descoberta da castração materna que se abre à mulher a possibilidade de entregar-se ao amor. Assim, penso ser possível através da relação mãe-filha a análise da relação amorosa da paciente em questão.

É pela via do trabalho analítico que se faz possível incidir sobre o aspecto de repetição presente na posição de objeto caído no campo do desejo do Outro, que no caso trata-se do Outro materno, o qual a paciente repete na relação amorosa com os homens. A devastação encontra-se do lado da lógica do “não-toda”, assim como o sintoma encontra-se do lado da castração.

A devastação aparece através das gerações mãe-filha, em uma referência ao laço pré-Edípico de puro gozo. Assim, torna-se fácil perceber que o homem assume o lugar da mãe e assim repete a relação de desvalia, tal como sustentada na relação entre a mãe e a filha. Há toda uma alienação nesta relação, pois não é o seu desejo ou sua demanda que surgem, mas sim a demanda, o desejo e o gozo do Outro. Dessa forma, percebemos a posição da paciente de objeto submetido ao Outro.

Importante a concepção de Soler (1995, p.127): “A devastação surge quando saímos da mascarada, quando a mascarada que ficou sobre uma cena, transborda e realiza-se como sujeição real, sujeição realizada”. Podemos pensar que, no caso de Ana, chega-se à devastação quando os semblantes do jogo não se sustentam, restando uma via de degradação, chegando ao limite da devastação.

No caso de Ana, temos uma mãe extremamente fálica, e um pai muito passivo aos caprichos da mulher, que reina soberana em casa. Ana não se permite significar a falta materna, que retornaria para ela com o apontamento de sua própria falta, permanecendo no

registro de uma demanda infinita de amor, seja dessa mãe – que não responde – da analista ou do homem a quem endereça o seu apelo de amor.

Com Dafunchio (2011), podemos dizer que Ana sugere uma posição de estrago amoroso vivido na relação com o homem, ao que ela nomeia como “a mulher estragada pelo homem”. Tal dimensão se diferencia de uma vertente de sintoma, na medida em que há uma abertura a um “sem limites” em seus efeitos de devastação. Trata-se de um modo particular de enlaçamento ao Outro, uma vez que, mesmo golpeada, devastada, encontramos nos relatos de Ana uma insistência na relação, um anseio pelo amor. O homem é aqui percebido como alguém que se crê necessitar, não podendo dele separar-se. Ainda que ele falte, ela se volta intensamente para a tentativa de manter o laço amoroso. Para Dafunchio (2011, p.169), é graças ao encontro com o homem que algo do gozo se fecha para a mulher. O homem é apenas um substituto da mãe. Ana seria, em última instância, uma mulher estragada pela mãe, que é o que podemos deduzir a partir de seus relatos.

Podemos concluir que Ana se liga ao Outro do amor por uma via de degradação. Podemos afirmar, neste caso, que o amor quando opera cumpre sua função borromeana, ou seja, promove o enodamento entre os registros: real, simbólico e imaginário. Contudo, Ana demonstra necessitar do amor do Outro para se sentir amada, para aceder à posição feminina. Assim torna-se claro a função de identificação encontrada no amor por Ana e a devastação como o que aparece quando o que ela encontra é justamente a perda do amor.

4.2.2 Caso Pedro

Pedro chega para análise apresentando como queixa o sofrimento devido ao término de um relacionamento amoroso. Afirma ter namorado uma mulher mais velha do que ele, mãe de dois filhos pequenos. Apesar do sofrimento, relata que antes do fim da relação não se encontrava tão bem com a parceira.

Interessante o questionamento inicial realizado por Pedro: “Será que eu não deveria arrumar uma mulher que nunca casou e que não tem filhos?” Responde a tal pergunta dizendo que ele nunca havia se casado e que não tinha filhos. Questiona-se se não estaria indo por um caminho errado. Importante ressaltar que se tratava de uma parceira que não se encontrava separada legalmente da relação anterior. Ele diz que não abriam a relação do casal para os filhos dela, e devido a isso nunca dormiam juntos. Sobre tais questões, Pedro alega que a sua

relação poderia ter se desenrolado mais, contudo respeitava o tempo da parceira, por não saber como era o seu ex-marido.

Miller (2010), em “Uma Conversa sobre o Amor”, ressalta a teoria do terceiro prejudicado trazida por Freud (1910/1996) em “Um Tipo Especial de Escolha de Objeto feita pelos Homens”. A leitura lacaniana ressaltada por Miller se refere à entrada do Outro entre o homem e a mulher. O que significa que a escolha do objeto feminino muitas vezes se faz atrelada ao fato de que a mulher se encontra de posse de outro homem, tratando-se de uma condição de amor, na qual não há um reconhecimento imediato por parte do homem da mulher a ser escolhida, mas sim uma mediação pela referência ao Outro. É como se ela devesse, para assegurar o seu valor, ser o ágalma do Outro.

Pedro traz às sessões dúvidas sobre a relação da namorada com o ex-marido, diz apenas saber que estão se separando, mas demonstra saber muito pouco sobre isso. Apesar disso, ele se mantém passivo, sem muitos questionamentos à namorada. Em algumas situações, a namorada viaja para resolver a separação e retorna sem ter resolvido, o que Pedro recebe passivamente. Ao ser questionado em análise, responde apenas não saber mais sobre isso.

A passividade de Pedro é denunciada pela namorada que lhe cobra: “Você deveria ter tido mais pulso firme comigo.....deveria ter tomado mais a iniciativa”. Ele diz concordar com a fala da namorada. Se tivesse uma nova chance, segundo ele, faria tudo diferente.

Pedro relata que antes do rompimento atual ele já havia terminado o namoro porque tinha muitas dúvidas se estava indo pelo caminho correto, se ela era mulher para ele. Alega que, nesta ocasião, ela sofreu muito, mas que não lhe deu uma chance.

Apesar destas questões e de muitas dúvidas, Pedro diz que após o rompimento da relação por parte da namorada “(...) Percebeu que quer ela demais, que nunca se tem cem por cento de certeza, mas que hoje não tem dúvidas, precisei desse tempo.”

Curioso que Pedro apresenta durante as sessões grande dificuldade em elaborar a relação e seu rompimento, em colocar em palavras o ocorrido. Questiona a analista se o seu sofrimento seria sinal de amor, sugerindo buscar uma resposta certa em relação às questões do amor, especialmente para as suas dúvidas. Questiona-se repetidamente se estaria indo pelo caminho certo em sua busca pelo amor. Questão importante surge quando então o paciente deixa escapar: “Ao terminar comigo ela disse que sentiu falta de que eu me posicionasse mais”.

Pedro é filho de pais separados, possui uma irmã que tem dificuldade em estabelecer relacionamentos amorosos e um irmão que mora fora. Sobre sua mãe, alega ter grande receio

em relação à sua saúde, devido ao vício do cigarro, além dos problemas financeiros. Demonstra sofrimento pelas dificuldades da irmã, sobretudo por questões relativas à sua dificuldade em arrumar um namorado.

Sobre a relação de Pedro com sua mãe, o que aparece é uma grande dificuldade em tratar disso em sua análise, contudo, em um dado momento, consegue verbalizar sobre o tão difícil relacionamento, no qual diz sentir-se paralisado e silenciado. Relata sofrer grande inibição diante das muitas mulheres da família: mãe, tias e irmã. Chega a dizer sobre a existência de piadas na família que o acusam de ser “veado” em razão de permanecer sozinho, sendo o seu irmão considerado o “bonitão e o bonzão” da família. Ao longo da análise, suas questões relativas ao campo da sexualidade e do amor foram se evidenciando.

Após algum tempo em que elaborava sobre o rompimento do namoro, o paciente se depara com sua dificuldade no campo amoroso, até que diz: “Falta atitude, tenho dificuldade em me aproximar, em abordar uma mulher, fico sem saber o que falar, o que fazer!” Alega que seu ideal de mulher é muito elevado e diz que devido a isso se encontra sozinho.

Até que em uma dada sessão relata: “Acabei de fumar um baseado..... na verdade, tem mais ou menos quinze a vinte anos que fumo maconha.....acho importante você saber...nunca contei isso, mas acho importante te contar....não sei se minha vida seria diferente se a maconha não fizesse parte...se ela não fosse tão importante...não sei se estaria casado.... só sei que ela faz coisas comigo...!”.

Relata que a maconha é importante para ele, faz parte de sua vida, que às vezes fuma todos os dias pela manhã, antes de ir trabalhar e ao chegar em casa. Outras vezes, passa por volta de duas semanas sem fumar, depois volta e fuma duas semanas seguidas. Diz achar que deve pensar sobre isso, que pode estar lhe fazendo mal, que tudo em excesso faz mal e diz achar que sua vida poderia ser diferente se não fumasse. Coloca a responsabilidade de algumas escolhas de vida na maconha, evidenciando seu posicionamento passivo diante da vida.

Neste momento, surge ainda o seguinte relato: “Tentei ficar com uma moça depois de muito tempo, mas não percebi uma “fissura”...não é como era com a minha ex-namorada!”. Afirma que com ele a relação sempre inicia de um modo intenso, que é sempre do mesmo jeito.

Durante as sessões, Pedro vai então se deparando com sua dificuldade de se enlaçar amorosamente. Interessante que, com a ex-namorada, ao se deparar em análise com o seu sintoma – “falta de atitude” –, ele faz uma atuação: vai até ela e alega “ter dito tudo”, “ter ligado para ela”, atitude que em dois anos de relacionamento só havia tido por volta de três

vezes. Diz que entrou na casa dela e pediu para ser apresentado para os pais, desconsiderando que a relação havia sido rompida.

Outro aspecto essencial que se repete nas sessões é justamente seu desejo despertado por mulheres “mães”. Após algum tempo elaborando sobre o término da relação anterior, o paciente vai se permitindo fazer novas tentativas de enlaçamento amoroso. Contudo, sempre surgem mulheres que já são mães e, assim, Pedro se vê dividido, uma vez que diz ser importante para ele ser pai. Todavia, denuncia seu desejo por mulheres com este traço significante: “mãe”, mantendo sua imensa dificuldade em se enlaçar com o Outro do amor.

Pedro relata sobre uma possibilidade de reaproximação da ex-namorada, pela qual vinha afirmando, de certo modo, manter um sentimento. Contudo, é tomado de muita angústia e medo, o que lhe faz recuar novamente diante de seu desejo. Ele demonstra interesse em entender sobre o que estava acontecendo, se pergunta sobre o desejo da ex-namorada, se depara com o seu próprio desejo em relação a ela, mas recua diante dos riscos que vislumbra na situação. Diz ainda ter pensado em algo muito constrangedor: o fato dela lhe procurar mesmo estando com o namorado, o que para ele é inadmissível. Nesta questão, Miller (2010) enfatiza o fato de que, muitas vezes, a mulher eleita não se apresenta toda do sujeito, pelo contrário, o que ocorre é que para a mulher ser reconhecida como desejável é necessário introduzir um efeito de não-toda, no sentido de Lacan, o que equivale a dizer que há nas condições de amor, isto é, na escolha do objeto de amor um substituto da mãe e assim nunca levam à satisfação, pois há sempre algo de proibido.

Após algumas sessões, o paciente relata que a ex-namorada está mesmo namorando e que o atual namorado reside em outro estado, no entanto, tem sido uma relação difícil, porque ele não aceita muito os filhos da parceira. Pedro justifica então a sua “falta de atitude” nos filhos e diz que, se ela fosse mais nova, talvez até tentasse novamente. Fala sobre o seu tempo biológico, enfatizando seu desejo por filhos, o que nos chama a atenção, uma vez que constitui um desejo feminino.

Ao longo da análise, diante da descoberta de Pedro acerca de sua dificuldade de se enlaçar com o Outro, em estabelecer um vínculo amoroso, a analista vai convidando esse sujeito a lidar com a dimensão da falta, em uma tentativa de escapar do campo dos ideais para que ele pudesse aceder mais ao plano da realidade, de modo menos carregado de fantasias, isto é, que o amor, que vinha surgindo eminentemente no registro imaginário, pudesse deslizar para o campo simbólico, no qual a falta pode se fazer presente.

Este caso clínico, conforme verificamos, evidencia também dificuldades de um sujeito no campo amoroso. Importante ressaltar, contudo, que trazemos um caso de um homem, na

medida em que pretendemos discutir aqui sua posição subjetiva em relação ao Outro do amor. Trata-se de pensarmos na sua forma própria de tentar se enlaçar amorosamente e de seus impasses nessa busca: “De que modo a questão do amor aparece? O que está aí implicado nesse seu desejo pelo amor?” O que podemos verificar já inicialmente é justamente a sua posição feminina diante do Outro do amor.

Ao nos depararmos com um desejo despertado pela “mulher-mãe” e ao mesmo tempo com um recuo em relação a este, podemos afirmar que há aí uma contradição em relação ao desejo, visto que elege uma mulher “proibida, impedida” e porque não dizer “completa, total”, como são supostamente as mães, denunciando seu impasse diante da falta, da incompletude feminina. O paciente elege uma mulher proibida – “a mãe” – ao se interessar sempre por mulheres “mães”, mas se pergunta se não deveria estar escolhendo outras mulheres “não-mães”. Contudo, seu desejo sempre aponta para a proibição, para a mãe, ou seja, para a impossibilidade do amor. O amor aqui aparece em sua vertente do impossível.

Este impasse, que se faz presente ao longo das sessões, denuncia a estrutura neurótica obsessiva do paciente, na qual o desejo nunca se realiza, é sempre marcado por um impossível. Há uma intensa procrastinação em suas ações, na medida em que se encontra sempre adiando a satisfação e, quando vai ao encontro dela, já se faz tarde demais, que é o que ocorre quando após o término do relacionamento tenta precipitar um envolvimento que até então não havia sido possível. Pedro só se dá conta da satisfação que tinha com a mulher quando o relacionamento é rompido por ela. Podemos dizer de uma impossibilidade de Pedro em gozar de uma mulher.

O que fica evidente, nesse caso, é que há uma dialética entre a dimensão do desejo, que parece se encontrar em uma lógica de “ter uma mulher...ter filhos” versus uma lógica em que predomina o gozo que surge nessa “mulher-mãe” que é sempre eleita, mas que, como tal, é proibida. Assim, ao buscar o impossível, Pedro fica imune de se haver com a sua questão: “o encontro sexual com uma mulher, com um ser de falta”.

O significante “fissura”, muito utilizado por usuários de droga para se referir a vontade de consumi-la, representa uma urgência em gozar. Isso aparece no relato de Pedro associado ao encontro com uma mulher, o que indica seu desejo em gozar de uma mulher, mas, ao mesmo tempo, sua impossibilidade em fazê-lo. Seus relatos parecem apontar para uma fantasia de poder “consumir a mulher”, reduzi-la a um objeto, assim como a droga, que é consumida. O que denuncia que Pedro busca uma relação com o Outro da mesma forma que mantém com a droga, uma relação puramente objetual.

A droga parece romper sua relação com o gozo fálico, que o levaria à dimensão de um casamento, de “ter filhos”, “ter virilidade”, e o conduz a um gozo solitário, desvinculado do Outro. Podemos dizer que Pedro encontra no objeto droga uma saída, uma forma de tratar de seus impasses no campo da sexualidade. Seu anseio pelo amor, por outro lado, poderia favorecer justamente a passagem de um gozo autístico, evidenciado pelo consumo da droga, que prescinde do Outro, para uma abertura para o Outro.

Para Miller (1995) o consumo de drogas é uma tentativa de romper com o gozo fálico e obter um gozo sem passar pelo Outro. O autor conclui que o objeto droga concerne mais ao sujeito do gozo do que ao sujeito da palavra. Nesse mais-de-gozar, a droga materializa o gozo, permitindo ao sujeito fugir da castração, anular o Outro. Nesse caso, a droga promete uma saída para a angústia, uma “foraclusão química”, um alívio para o mal-estar. (RIBEIRO; 1997)

O que se quer dizer com isso é que diante do uso do artifício da droga, o sujeito evita os efeitos de castração, depois de ter passado por ela. A ruptura com o falo não deve ser entendida, nesse caso, no sentido da emergência de uma psicose, mas sim ser considerada em suas consequências como o rechaço do inconsciente e da diferença sexual, a substituição do parceiro amoroso pela droga e a possibilidade de um retorno do gozo sobre o corpo sem o limite do falo. A função da droga visa antes apagar a questão do desejo do Outro que o gozo fálico impõe. A droga é um parceiro privilegiado que permite ao sujeito fazer o curto-circuito do enigma do Outro sexo e do Outro da linguagem. (MAIA; 1998)

O que fica claro é que para a psicanálise, a toxicomania não está ligada a nenhuma estrutura clínica especificamente, pois segundo Laurent (1994), o uso de drogas introduz a noção de ruptura com o gozo fálico, o que é insuficiente para definir ou conectar a uma estrutura clínica: “O uso da droga aponta, portanto, para a possibilidade de uma ruptura com o gozo fálico, sem que haja necessariamente a foraclusão do Nome-do-Pai, desvinculando, assim, a noção de toxicomania a de estrutura clínica”. (LISITA e ROSA, 2011, p.267)

Sobre o fim do relacionamento amoroso, Pedro mantém um discurso defensivo, no qual se desresponsabiliza pelo ocorrido: “Não deu certo, porque não tinha que dar!” Diz que passou a eliminar mulheres que já têm filhos e que tem buscado uma mulher que goste das mesmas coisas que ele, revelando sua tentativa constante de obliterar a falta, as diferenças. O que é pontuado para Pedro.

Pedro relata não ficar se fixando muito nessas questões de relacionamento, mas diz tratar-se de um grande vazio, uma falta muito grande que sente em sua vida. Pontua sobre seu desejo em tratar dessas questões, ao longo da análise. Contudo, Pedro interrompe os atendimentos sem muitas explicações, alegando apenas querer ficar sozinho, por um tempo. Faz assim uma nova ruptura.

Podemos concluir, a partir das formulações de Dafunchio (2011), tratar-se de uma forma de enlaçamento amoroso, na qual temos um homem estragado por sua mãe, na medida em que sua virilidade permanece aprisionada ao desejo materno, ou seja, a relação do sujeito com o Outro materno é o que determina seu laço com a parceira amorosa. Deste modo, a assimetria da parceria amorosa não se deve a uma diferença entre os sexos, o sujeito fica aberto à dimensão do gozo do Outro, o que justifica o seu apego às mulheres-“mães”, ou seja, Pedro não deslizou de sua ligação amorosa à mãe para que pudesse enfim aceder a um encontro amoroso com uma mulher. Podemos dizer ainda que há um sujeito em uma posição subjetiva feminina, na qual, o amor aparece como uma questão de grande relevo. Contudo, sua anatomia e cultura lhe convidam para um lugar de virilidade, o qual o embarça de modo evidente - o que surge nas relações amorosas que busca estabelecer. O amor surge como impossível.

Miller em “O Osso de uma Análise” de 1998 ressalta que a entrada em análise do sujeito neurótico se dá através de um corpo mortificado. Para o autor, o neurótico é vítima de si mesmo em sua própria mortificação, ou seja, ele só pode saber fazer com o gozo do Outro sacrificando-se a este, sendo este excesso sempre mortificante. A esse respeito, interessante à citação:

(...) O fantasma é solidário a mortificação, não inscreve de que modo o corpo como substância gozante é o modo singular pelo qual o parlêtre cai afetado pela linguagem. O fantasma só goza de um corpo, renegando a marca significante sobre ele, se se quer é um gozo sem amor. (MILLER, 1998, p. 07)

Podemos concluir que Pedro apresenta um sintoma pela via de um corpo mortificado pela droga, na medida em que, o objeto droga o faz impotente na relação com a mulher. A citação: “Eu sou como gozo” (Miller, 1998, p. 07) representa a própria identificação de Pedro com o seu sintoma. A solução apresentada por ele é o encontro da satisfação fora da dimensão do fantasma, uma vez que, busca estabelecer uma relação com o Outro tentando anular as diferenças. Importante destacar que para Pedro o amor não cumpre a função de enodamento entre os registros, uma vez que, surge sempre como impossível em seu discurso, ao contrário

da relação que estabelece com o objeto droga que sugere promover alguma amarração, embora precária, entre imaginário, simbólico e real. Há, portanto, uma prevalência de satisfação encontrada de modo autístico através do objeto-droga, na qual, a relação com o Outro está excluída. Ao mesmo tempo em que verificamos grande anseio pelo amor ele se constitui para esse sujeito como um impossível, na medida em que, não suporta a dimensão da castração, das diferenças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o trajeto teórico percorrido em Freud, Lacan, em analistas e sociólogos contemporâneos, assim como a passagem pelos casos clínicos apresentados, foi possível concluir que, em se tratando da posição subjetiva feminina e de suas relações com o campo do amor, muitas são as questões e nuances a serem consideradas.

Freud contribuiu, de modo contundente, com toda a explicitação da constituição da sexualidade feminina ao trazer à tona a dimensão do amor em sua vertente estrutural, isto é, manifesta a relevância do amor para estes sujeitos que trabalham arduamente na busca de encontrarem a posição de “serem amadas”. Verificamos que amor e feminino encontram uma aproximação através da falta que atravessa ambos.

Freud demonstra que a menina diante da descoberta da diferença sexual e da necessidade de elaboração da dimensão de falta, que lhe é própria, busca o amor como uma tentativa de compensação. E, para além disso, foi possível compreender o amor como uma experiência que aponta para o seu próprio limite, ou seja, para a castração. É, neste sentido, que amor e feminino podem ser articulados.

A relação da menina com a sua mãe é experimentada de modo duradouro, complexo, trazendo importantes consequências para a constituição das relações amorosas posteriores. Freud, neste sentido, demarca a importância da entrada do pai nesta relação justamente por favorecer o desligamento da menina com a sua mãe, permitindo a esta aceder ao Outro do amor. Podemos dizer aqui que é a descoberta da castração materna que permite à menina não ficar fixada no insaciável e enigmático desejo materno; podendo então descobrir-se faltosa, feminina, e assim se lançar ao amor. Já a relação com o pai favorece a descoberta de um amor mediado, temperado entre os sexos.

Questão fundamental a que chegamos pela vertente freudiana se refere ao amor no aspecto que lhe é próprio, que é justamente sua dissimetria, pois sua teoria pulsional revela justamente a inquietude do amor, na medida em que não encontramos um objeto adequado à satisfação da pulsão, o que se tem são sempre objetos substitutos. A dissimetria é revelada na oposição encontrada entre os sexos: do lado masculino, observamos a ameaça de castração e, do lado feminino, o medo da perda do amor. Assim, podemos dizer que o amor encontra lugares distintos para os sujeitos femininos e para os sujeitos masculinos.

A solução feminina por excelência em Freud, o voltar-se ao ter fálico, isto é, a busca pelo filho realizada através do amor de um homem, constitui ainda uma solução para muitas

mulheres. Contudo, a partir do percurso realizado, é possível afirmar tratar-se de uma resposta fálica, ou seja, de uma resposta apenas parcial à questão do feminino. Além disso, percebemos que, na atualidade, esta saída não é a única encontrada.

É nesta direção e pensando justamente nas mudanças contemporâneas que atingem as subjetividades femininas de nossa época, tais como a abertura do desejo feminino a todo um campo fálico, a desagregação e desvalorização dos laços amorosos, a emergência de uma sociedade narcisista e individualista, a prevalência de uma sociedade do consumo, o predomínio das redes virtuais e o conseqüente prejuízo disso para as relações, que buscamos a teoria lacaniana a fim de melhor compreendermos uma lógica feminina diversa daquela apresentada por Freud.

A partir dos anos setenta, Lacan introduz uma visão inédita acerca da sexualidade feminina com as fórmulas da sexuação, através das quais a mulher encontra-se dividida entre uma lógica fálica e uma lógica não-toda fálica. O que inaugura a questão do gozo feminino como algo para além do falo, e que deve ser considerado em nossa discussão acerca das relações dos sujeitos femininos ao campo do amor.

O importante aforismo lacaniano – “A mulher não existe” (LACAN, 1972-73/2008, p.63) – denuncia que o lugar da mulher permanece essencialmente vazio porque não há um significante que possa nomear de modo universal a mulher; enquanto, no homem, o falo constitui a medida para o seu ser viril. É assim que podemos pensar a mulher em seus diferentes modos de velar o nada, ou seja, nas suas distintas formas de fazer existir o seu ser. É nesta direção que podemos compreender a relação topológica das mulheres com o objeto “a”. Trata-se de uma solução feminina pela via do ser, um desdobramento do “ter fálico” freudiano.

O amor, abordado em distintos momentos do ensino de Lacan, a partir de sua fórmula, “Amar é dar o que não se tem” (Lacan, 1960-61/2010, p.49), manifesta justamente que o amor visa a algo para além do que se encontra no objeto de amor, sendo antes uma experiência que aponta para o ser e assim para o infinito. Podemos afirmar a aproximação dos sujeitos femininos ao amor justamente pela proximidade de ambos ao nada. O amor que busca um ponto atrás do véu, isto é, atrás do que pretensamente buscamos no Outro, só pode apontar para o nada, assim como o feminino.

O que se tem é a busca de um signo, de um sinal que venha do Outro, sinal este que será produzido a partir das singularidades discursivas a que estão mergulhados os sujeitos falantes. Cabe a nós, analistas, escutar o que há de particular em cada forma ou tentativa de enodamento ao Outro do amor.

A solução feminina lacaniana, apontada através da dimensão do ser, é definida como equivalente a encarnar o vazio, sendo a posição feminina de “ser o falo” a própria positivação da falta do Outro. Trata-se do lugar da mulher no amor. Lacan irá afirmar que a verdadeira mulher é aquela que consente com a modalidade da castração que lhe é própria; sendo necessário, portanto uma renúncia ao gozo.

O amor em Lacan surge como uma significação que aponta para a conjunção do desejo com o seu objeto na qualidade de inadequado que leva a pensarmos que o que de fato se ama é o objeto, ágalma que se encontra oculto. Dar o que não se tem alude à impossibilidade da lógica do ter, ou seja, da lógica fálica. Lacan dirá que a impossibilidade de dar implica dar ao Outro a própria impossibilidade. Surge então a significação do amor como um não retroceder diante da impossibilidade da relação sexual. É sobre esse fundo do impossível, do que não cessa de não se inscrever, que algo contingencialmente se inscreve: o Amor.

Assim, podemos concluir que, ainda que o amor seja uma experiência marcada pela falta, pela castração ou pela própria impossibilidade, é ele que permite nos voltarmos para o Outro na tentativa de encontrarmos o que nos falta. O amor é ainda o que permite aos sujeitos alguma abertura possível para o Outro, algum encontro possível entre discursos radicalmente distintos; que é o que Lacan chamou de ponto de encontro entre discursos e que favorece a emergência do vínculo, do laço amoroso (LACAN, 1960-61/2010, p.76).

A partir do Seminário XX, “Mais, Ainda” (1972-73/2008), Lacan aborda o gozo feminino e o amor em suas aproximações com o registro real. Assim, temos a função do amor como uma função de suplência à inexistência da relação sexual. Isso aponta para além do mal entendido estrutural, da dissimetria presente na relação entre os sexos. O amor cumpre uma função de ligação, de laço entre dois sujeitos que gozam e discursam de modos distintos, mas que se encontram justamente quando o amante busca dar algo para o amado.

Contudo, verificamos que o modo de amar feminino, modo erotomaníaco, revela a existência do gozo feminino, ou seja, desse gozo real dos sujeitos no amor; que é manifestado no desmedido de suas demandas de amor, assim como nas infinitas concessões realizadas em nome do amor, o que produz comumente a devastação amorosa ou institui a própria impossibilidade do amor.

A discussão dos distintos nós do amor e dos dois casos clínicos revelam a existência de diferentes formas de amarração dos registros real, simbólico e imaginário e das diferentes funções do amor para cada sujeito. Sendo importante considerar as particularidades desses arranjos para o nosso entendimento acerca da articulação dos sujeitos femininos ao amor.

Ao pensarmos no amor contemporâneo verificamos sua apresentação líquida, frágil, degradada, entretanto ainda assim observamos o anseio e o apelo dos sujeitos femininos ao amor. É neste sentido, que percorremos o ensino laciano afim de interrogarmos os novos arranjos amorosos. Sendo possível concluir acerca da necessidade da escuta clínica acerca dos distintos modos aos quais os sujeitos femininos vêm tentando se enlaçar ao Outro do amor, pois muito embora haja um grande anseio nesta direção muito têm se embaraçado, o que leva comumente à devastação amorosa ou a própria impossibilidade do amor que são em si questões atemporais.

Podemos concluir, portanto, que os sujeitos femininos mantêm uma relação privilegiada com o amor, conforme nossa hipótese inicial. Contudo, é fundamental interrogarmos, a partir da clínica, as diferentes funções do amor para cada sujeito, bem como as distintas formas de amarração dos registros real, simbólico e imaginário.

No primeiro caso clínico, temos um sujeito que se coloca no lugar do objeto depreciado e se vincula ao Outro por aí, o que pode ser considerado como uma forma de enlaçamento amoroso, na medida em que o sujeito crê necessitar do Outro e assim trabalha arduamente para obter o amor. Contudo, o caráter de sem limite de sua demanda de amor se reverte em devastação amorosa e, assim, o amor fracassa. Enquanto o amor opera para esse sujeito verificamos sua função borromeana, de enodamento entre os registros simbólico, imaginário e real, no entanto, quando este fracassa, Ana cai como objeto depreciado aparecendo aí a devastação amorosa.

No segundo caso clínico, temos um sujeito feminilizado em busca do amor, no entanto, sua relação com o objeto droga vem camuflar a falta. O sujeito, ao se deparar com o amor, encontra a dimensão de falta que lhe é concernente, o que para ele se manifesta como insuportável. O amor aqui aparece em sua dimensão de impossível. Neste caso, há uma prevalência do gozo autístico, solitário, proporcionado pelo objeto “droga”, o que promove uma dada ruptura com o gozo fálico. Assim, o sujeito recua diante do amor, que poderia lançá-lo na relação com o Outro.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, Jean. **O amor Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010. p.106-113.

ALVARENGA, Elisa. Devastação na psicose. **Clique**: O sexo e seus furos, Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano, Belo Horizonte, n. 2, p.44-49, ago. 2003.

BAUMANN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.p.13-48.

BAUMANN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.p.15-54.

DAFUNCHIO, Nieves Soria. **Os nós do Amor**: para uma clínica da parceria sintomática. Buenos Aires: Del Bucle, 2011.p.147-172.

DRUMMOND, Cristina. Uma política do amor. **Curinga**: os destinos da angústia, Escola Brasileira de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 22, p.11-15, jun. 2006.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. Pesquisa clínica em psicanálise: a elaboração de um método. In: FIGUEIREDO, Ana Cristina (Org.). **Psicanálise**: pesquisa e clínica. Rio de Janeiro: Ed. IPUB/CUCA/UFRJ, 2001, p.11-22.

FREUD, Sigmund. A etiologia da histeria (1896). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 03, p. 187-215.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 07, p. 119-217.

FREUD, Sigmund. Romances familiares (1908-1909). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 09, p. 217-222.

FREUD, Sigmund. Sobre as Teorias Sexuais das crianças (1908). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11, p. 189-204.

FREUD, Sigmund. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (1910). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11, p. 169-180.

FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (1912). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11, p. 183-195.

FREUD, Sigmund. O tabu da virgindade (1917-1918). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11, p. 199-215.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial (1914-1915). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12, p. 175-188.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14, p. 77-108.

FREUD, Sigmund. A pulsão e seus destinos (1915). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14, p. 117-144.

FREUD, Sigmund. A organização genital infantil: uma interpolação na Teoria da Sexualidade (1923). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 155-161.

FREUD, Sigmund. Dissolução do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 191-199.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 273-286.

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina (1931). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 231-251.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na civilização (1929-1930). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 67-148.

FREUD, Sigmund. Feminilidade (1932). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22, p. 113-134.

FREUD, Sigmund. Esboço de psicanálise (1938-1940). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 23, p. 153-185.

GUIMARAES, Leda. Não se apaixone! A máscara da feminilidade contemporânea. **Opção Lacaniana**, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 44, p.66-76, nov. 2005.

HARARI, Roberto. **O Seminário: A Angústia de Lacan: Uma Introdução**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.p.139-163.

LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 4: A relação de objeto (1956-1957)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.p.153-199.

LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p.417-434.

LACAN, Jacques. A significação do falo (1958). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.692-703.

LACAN, Jacques. Observações sobre o informe de Daniel Lagache (1960). In: LACAN, Jacques. **Escritos II**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 8: A transferência (1960-1961)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.p.11-208.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina (1962). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.734-745.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: livro 10: A angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.p.188-216.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.p.123-170.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: livro 20: Mais, Ainda (1972-1973). 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.p.09-107.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: livro 22: Real, simbólico e imaginário (1974-1975). Inédito.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: livro 23: O Sinthoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.p.11-151.

LACAN, Jacques. **El Seminário XXIV**: l'insu que sait de l'une-bévue, s'aile a mourre. [S.l: s.n.]. 15 marzo 1977. Inédito.

LACAN, Jacques. **Televisão** (1901-1981). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 89p.

LACAN, Jacques. O Aturdido (1901-1981). In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.449-497.

LAURENT, Éric. Da disparidade no amor. **Revista Aleph**, Revista da Delegação Paraná, Escola Brasileira de Psicanálise, n. 1, p.47-61, nov. 2010.

LAURENT, Éric. Três Observações sobre a Toxicomania, In: SINATRA, E.; SILLITTI, D.; TARRAB, M (orgs). Sujeito, gozo e Modernidade II. Buenos Aires, Atuel, 1994.

LISITA, Helena Greco; ROSA, Márcia Maria Vieira. Os usos que o psicótico faz da droga. In: **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n.2, p.261-277, Agosto, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem, ou, O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAIA, Ana Martha Wilson. Toxicomania, um gozo cínico? ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (org). In: **O brilho da in felicidade**. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria, 1998, p. 107-115.

MARCOS, Cristina Moreira. Considerações sobre o Feminino e o Real na psicanálise. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 1, mar. 2011.

MILLER, Jacques-Alain. Para uma investigação sobre gozo auto-erótico. In: MILLER, Jacques-Alain. **Sujeito, gozo e modernidade I**. Buenos Aires. Atuel- TyA, 1995, p. 46-53.

MILLER, Jacques-Alain. O Osso de uma Análise. Trad. Marcela Antelo. Buenos Aires, Argentina. Ed. Tres Haches, 1998, 94p.

MILLER, Jacques- Alain. Uma partilha sexual. **Clique: O sexo e seus furos**, Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano, Belo Horizonte, n. 2, p.13-29, ago. 2003.

MILLER, Jacques- Alain. Uma Conversa sobre o Amor. **Opção Lacaniana online nova série**, Ano 1, n. 2, p.01-32, jul. 2010.

MILLER, Jacques-Alain. **Conferencias Porteñas: tomo I Desde Lacan**. Buenos Aires: Paidós, 2009. p. 239-251.

NOBRE, Letícia. Sobre o Ato de Pesquisar em Psicanálise: Algumas Considerações. **Ágora**, v. 2, n. 2, p.37-42, jul./dez. 1999.

PLATÃO. **O Banquete**. Virtualbooks Online M&M. Disponível em:<<http://www.virtualbooks.com.br>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

PRATES, Ana Laura. **Feminilidade e Experiência Psicanalítica**. São Paulo: Hacker, 2001.p. 15-46.

RECALCATI, Massimo. **Clínica do Vazio: Anorexias, Dependências, Psicoses**. Madrid: Editorial Sintesis, 2003. p.10-15.

RUSSO, Laura; VALLEJO, Paula. **O Amor e o Feminino**. Buenos Aires: Tres Haches, 2011. 330p.

SOLER, Colette. **Variáveis do fim de análise.** Tradução de Angelina Harari. São Paulo: Papyrus, 1995.p.119-173.

SOLER, Colette. **A Psicanálise na Civilização.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.p.199-253.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das Mulheres.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.p.149-156.

SOLER, Colette. O Amor Sintoma. 1998. In: **Sintomas.** Associação do Campo Freudiano da Colômbia, Bogotá, p.29-45.

ZALCBERG, Malvine. **Amor Paixão Feminina.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.p.02-59.